

www.autoresespiritasclassicos.com

Herculano Pires

Pedagogia Espírita



Théodore Rousseau - A Paisagem



Conteúdo resumido

Seguindo os passos de Kardec, que chama a atenção para a necessidade de educarmos na compreensão das potencialidades do indivíduo e no respeito ao seu modo de ser, Herculano demonstra que a educação da criança e do jovem deve levar em consideração o respeito às necessidades, aptidões e desejos do educando. A possibilidade de ser feliz depende do respeito à personalidade de cada indivíduo, educado à luz dos ensinamentos do Mestre Jesus.

Mostra o autor a necessidade e possibilidade do auxílio aos educandos na utilização dos vínculos de amor tecidos através dos séculos, utilizando a estimulação da Doutrina Espírita.

A educação tradicional, fruto de uma sociedade “baseada no lucro”, não consegue promover a transcendência, o domínio das paixões, a superação da animalidade, a incapacidade de ser feliz e auxiliar o outro a conseguir a felicidade.

A Educação Espírita visa o desenvolvimento pleno do indivíduo, considerando-o um ser imortal e cósmico. Ressuscitando os ensinamentos de irmãos mais maduros espiritualmente, e os exemplos de Jesus, possibilita compreender o educando como “centelha divina, inteligência do Universo”, como lembra *O Livro dos Espíritos*, “deuses e luzes”, segundo Jesus.

Sumário

Prefácio.....	5
Por que Educação Espírita?	7
O Mistério do Ser	10
Pela Educação Integral	12
E a quem melhor despertar, senão às Crianças?.....	16
Condições da criança	18
Educação familiar	19
Educação no lar	21
Educação e regeneração.....	23

As dimensões da Educação	28
As dimensões do homem	30
Educação e Filosofia.....	33
Um método integral	35
Educação e religião.....	37
Situação atual.....	39
Religião nas escolas.....	41
Nascimento da Educação Cristã	45
A pedagogia cristã	47
Nascimento da Educação Espírita	50
A outra face do real	51
A descoberta do espírito	52
O ensino espírita.....	55
Testemunho de Kardec	58
Formação do novo homem	58
A Pedagogia de Jesus	62
Fundamentos pedagógicos.....	63
A pedagogia da esperança	65
A revolução pedagógica	66
A Didática de Kardec.....	68
A didática naturalista	69
Observação e ensino	71
O Livro dos Espíritos e a Educação.....	74
Os novos dados.....	76
O novo homem	78
O Espiritismo na Escola.....	80
Questão religiosa	81
A ciência espírita	83
Solução filosófica	86
A Pedagogia Espírita.....	88
Falem os dicionários.....	89
A educação espírita.....	91
A pedagogia espírita	95

Educação para um Mundo Novo.....	101
Sinais do mundo novo	102
União para a grande luta.....	105
Conceito Espírita de Educação	107
Esquema da pedagogia espírita.....	116
Pedagogia espírita (esboço geral)	119
Conceito espírita do Educando	124
O educando excepcional	134
Para uma Pedagogia Espírita	146
Necessidade e razões	146
Natureza e sentido	148
Implicações pedagógicas	149
O problema educacional	151
Contribuições gerais	151
Roteiro de estudos	153
Escolas de Espiritismo	155
As escolas de espiritismo.....	157
Estrutura das escolas de espiritismo	158
As cadeiras escolares	160
A realidade e a utopia	161
Por um mecenato espírita.....	164
Os programas.....	165
Programa de um curso de quatro anos.....	165
Provas e títulos.....	169
Porque os Adultos de esquecem de que já foram Crianças .	171
Educação afetiva.....	171
Educar e amar	172
O perigo do exemplo	173
Responsabilidade espiritual	174
A educação cristã.....	175
Psicologia Espírita da Educação	177
Mariotti, o provocador.....	178
Psicologia infantil	179
Tarefas imediatas	182

Prefácio

Qual a contribuição da Doutrina Espírita na formação da criança e do adolescente, na época atual?

A resposta a tal pergunta exige a colocação de algumas premissas fundamentais à compreensão de nosso raciocínio. Inicialmente, a Doutrina Espírita nos ensina que o espírito (ou alma) é imortal; por segundo, nos diz que ele está sujeito invariavelmente a uma lei de evolução espiritual baseada no desenvolvimento intelectual e moral que se devem equivaler; e finalmente, por terceiro, que tal aperfeiçoamento se consegue às custas de várias reencarnações, isto é, a mesma alma volta ao plano físico após ter ali já vivido em outras épocas, e na sua volta traz, como patrimônio inalienável, aquilo que aprendeu e foi gravado em seu subconsciente.

A contribuição que a Doutrina Espírita dá para a formação da criança, nos parece, pois, é das mais positivas, visto que visa essencialmente os valores intrínsecos e eternos que cada um de nós possui em potencial. Não prepara a criança apenas para a vida no plano da Terra, senão, busca ensinar-lhe que ela é uma parte importante do próprio Universo. Visando objetivos transcendentais, prepara o ser para um clima de superação das paixões e vícios que o prendem ao plano inferior da matéria, estimulando-lhe o cultivo das virtudes espirituais.

Com isso, a Doutrina Espírita não forma místicos nem alienados da realidade terrena, mas, sim, lhes dá condições de dimensionarem equilibradamente os valores puramente terrenos e os espirituais, mostrando-lhes a precedência destes sobre aqueles. Por ser eminentemente espiritualista e evolucionista, o Espiritismo torna a alma vigorosa, preparada para enfrentar os embates da vida, sem cair no desespero e na angústia, porque todas elas estão destinadas, pelo esforço próprio, a um estado de pureza espiritual que alcançarão invariavelmente, mercê das várias reencarnações e das múltiplas experiências no campo da vida.

Para a construção de um mundo onde reine a paz, a justiça social como reflexos da prática do amor ao próximo, acreditamos ser a Doutrina Espírita, pelos seus ensinamentos enfeixados nas obras fundamentais devidas ao Professor Hypollite Léon Denizard Rivail – Allan Kardec, – um instrumento de valor pelo sentido de conscientização que oferece ao ser, mostrando-lhe seu valor e seu papel na ordem natural das coisas, e contribuindo com valores positivos para a sua formação moral.

(Resposta do médico e professor Dr. Alexandre Secchi
“*Revista Educação Espírita*” ano 1 / nº 1, Edicel, 1970)

Por que Educação Espírita?

José Herculano compreendeu Kardec quando o mestre de Lyon chama a atenção para a necessidade de educarmos na compreensão das potencialidades do indivíduo e no respeito ao seu modo de ser. Kardec lembra que um dos grandes empecilhos para a felicidade do reencarnante ocorre não no passado, mas no aqui e agora, quando os pais desrespeitam as necessidades e desejos do filho; diz que se o filho deseja ser um artesão e não médico, há que permitir que ele faça o que deseja, porque a possibilidade de ser feliz depende do respeito à personalidade de cada indivíduo, educado à luz dos ensinamentos do Mestre Jesus.

“Educação é um ato de amor pelo qual uma consciência formada procura elevar uma consciência em formação”; Herculano nos apresenta esse pensamento de René Hubert, que exemplificava a necessidade e possibilidade do auxílio aos educandos na utilização dos vínculos de amor tecidos através dos séculos, utilizando a estimulação da Doutrina Espírita. Bastava a compreensão da importância da Reencarnação para entendermos a necessidade da divulgação da Pedagogia Espírita. A educação tradicional, fruto de uma sociedade “baseada no lucro”, não consegue promover a transcendência, o domínio das paixões, a superação da animalidade, a incapacidade de ser feliz e auxiliar o outro a conseguir a felicidade. Como uma bola de neve, os problemas do indivíduo da Terra aumentaram com o desenvolvimento técnico, convidando a exigir a educação verdadeira que se expressa pelo desenvolvimento das possibilidades, das perfectibilidades, como queria Kant. A nossa deseducação tem produzido tristes resultados. E José Herculano pergunta: “Como ajustar os fins superiores da educação às exigências de uma sociedade baseada no lucro?” Quando o “ter” é mais importante do que o “ser”, o homem, agindo como se fosse de barro, considerando apenas o corpo de carne, limita a captação da realidade à visão estreita daquele que só enxerga o barro, que permanece na imanência, incapaz de atingir a transcendência. Expressa-se como uma paixão inútil, como diria Sartre, comportando-se

como uma espécie e não como um “devir”, um vir a ser, como escreveria Simone de Beauvoir.

A Educação Espírita visa o desenvolvimento pleno do indivíduo, considerando-o interexistente. Nossa interexistência exige a Pedagogia Espírita que, ressuscitando os ensinamentos de irmãos mais maduros espiritualmente, e os exemplos de Jesus, possibilita compreender o educando como “centelha divina, inteligência do Universo”, como lembra *O Livro dos Espíritos*, “deuses e luzes”, segundo Jesus.

Como educar sem falar no corpo energético, no perispírito, instrumento indispensável ao ser? Como educar sem conscientizá-lo da sua paranormalidade, da sua mediunidade, perguntava Herculano acompanhado por Virgínia, a esposa querida. Como ensinar a dignidade, o comportamento do indivíduo de bem, apresentando um ser de barro cuja vida começa no berço e acaba no túmulo? E as injustiças sociais, as diferenças individuais, as oportunidades desiguais, de onde vêm?

José Herculano lembra ainda que a nova concepção do homem e da sua posição no Cosmos exige uma nova educação, que vai transmitir a cultura espírita, síntese do processo do conhecimento; a verdade libertadora aparece em fragmentos nas várias culturas, nos países diversos, em filmes e livros, como ficção ou como ciência. Brilha intensamente, é facilmente compreendida através dos livros básicos de Kardec e dos complementares, como *Pedagogia Espírita* de Herculano.

Quando analisa os fundamentos da Pedagogia de Jesus, José Herculano lembra quão necessário é entender o conceito de Deus, tão bem apresentado na pergunta primeira d’*O Livro dos Espíritos*, cuja resposta é dilatada por José Herculano no seu livro *Concepção Existencial de Deus*. “A paternidade universal determina a fraternidade universal”. As barreiras criadas pelas diferenças de raças, religiões, status econômicos e sociais cairão quando nos conscientizarmos de que realmente somos irmãos, filhos da “Inteligência Suprema do Universo”. “O sacrifício exigido é o das más paixões, do orgulho, da arrogância, da vaidade, do egoísmo”, diz Herculano, se quisermos a expressão de indivíduos educados. O casal, Herculano e Virgínia, exempli-

ficou esse “sacrifício”, através de uma vida de doação em favor do próximo. Humildes, amorosos, respeitando os diferentes, demonstraram o poder da educação espírita na construção de um mundo melhor.

Demonstrando que educação é realizada principalmente pelo exemplo, Herculano e Virgínia exemplificaram a Educação Espírita que exige a Pedagogia espírita através de reencarnações dedicadas à família espiritual.

A pedagogia católica dilatou-se, através do trabalho de Martin Lutero, que exigiu um crescimento maior na ressurreição do trabalho de Jesus; surge a Pedagogia Espírita. Herculano consegue apresentar o que significa, a sua necessidade e os frutos que essa Pedagogia “entranhada nos livros básicos de Kardec” pode produzir...

Heloísa Ferraz Pires

O Mistério do Ser

A educação depende do conhecimento menor ou maior que o educador possua de si mesmo. Porque conhecer-se a si mesmo é o primeiro passo do conhecimento do ser humano. A Humanidade é uma só. O ser humano, em todas as épocas e em toda parte, foi sempre o mesmo. Sua constituição física, sua estrutura psicológica, sua consciência são iguais em todos os seres humanos. Essa igualdade fundamental e essencial é o que caracteriza o homem. As diferenças temperamentais, culturais, de tipologia psicológica, de raça ou nacionalidade, de cor ou tamanho são apenas acidentais. Por isso mesmo a Educação é universal e seus objetivos são os mesmos em todas as épocas e em todas as latitudes da Terra.

Essa padronização, que devia simplificar a educação, na verdade a complica, porque por baixo do aspecto padronizador surgem as diferenciações individuais e grupais. Cada indivíduo é único, diferente de todos os demais, mesmo nos grupos afins. O tipo psicológico de cada ser humano é único e irreduzível à massa. O mistério do ser, que aturde os educadores, chama-se *personalidade*. Cada ser humano é uma pessoa. E o é desde o nascimento, pois já nasce formado com sua complicada estrutura que vai apenas desenvolver-se no crescimento e na relação social. É difícil para o educador dominar todas essas variações e orientá-las.

Educar, como se vê, é decifrar o enigma do ser em geral e de cada ser em particular, de cada educando. René Hubert, pedagogo francês contemporâneo, define a Educação como um ato de amor, pelo qual uma consciência formada procura elevar ao seu nível uma consciência em formação. A Educação se apresenta, assim, como Ciência, Filosofia, Arte e Religião. É Ciência quando investiga as leis da complexa estrutura humana. É Filosofia quando, de posse dessas leis, procura interpretar o homem. É Arte quando o educador se debruça sobre o educando para tentar orientá-lo no desenvolvimento de seus poderes internos vitais e espirituais. É Religião porque busca a salvação do ser

humano no torvelinho de todas as ameaças, tentações e perigos do mundo. O verdadeiro educador é o que pratica a Religião verdadeira do amor ao próximo, naquilo que podemos chamar o Culto do Ser no templo do seu próprio ser.

Não se trata de uma imagem mística da Educação, mas de uma tentativa de vê-la, compreendê-la e aplicá-la em todas as suas dimensões. O ato de educar é essencialmente religioso. Não é apenas um ato de amor individual, do mestre para o discípulo, mas também um ato de integração e salvação. A Educação não procura integrar o ser em desenvolvimento numa dada situação social ou cultural, mas na condição humana, salvando-o dos condicionamentos animais da espécie, elevando-o ao plano superior do espírito.

É fácil compreendermos como está longe de tudo isso o profissionalismo educacional do nosso tempo. Tinham razão os filósofos gregos quando condenaram o profissionalismo dos sofistas. Não se tratava apenas de uma diferenciação de classes sociais, mas da luta contra o abastardamento da Educação pelos que negavam a existência da verdade a troco de interesses imediatistas.

Como ajustar os fins superiores da Educação às exigências de uma civilização baseada no lucro? A falta de uma solução para esse ajustamento é a origem da crise universal da Educação em nosso tempo. Não obstante, a solução poderia ser encontrada na aplicação de processos vocacionais. Nenhum tipo de educação coletiva pode ser eficiente se não estiver em condições de observar e orientar as tendências vocacionais.

O desenvolvimento da Era Cósmica, apenas iniciada com as conquistas atuais da Astronáutica, traz novos e graves problemas ao campo educacional. Toda a Terra está sendo afetada pela nova concepção do homem e da sua posição no Cosmos. O aceleração do processo tecnológico está levando o homem a conhecer melhor a sua própria condição humana. O ceticismo dos últimos tempos vai cedendo lugar a um despertar de novas e grandiosas esperanças. A Educação da Era Cósmica começa a nascer e os educadores começam a perceber que precisam renovar os processos educacionais.

Pela Educação Integral

A Educação Espírita não surge como uma elaboração artificial em nosso tempo, como mais uma *novidade educacional* desta fase de transição. Sua importância está precisamente na sua legitimidade cultural e histórica. O Espiritismo firmou-se como doutrina – como uma concepção do mundo e do homem devidamente estruturada em princípios filosóficos – em meados do século XIX. Sua elaboração foi precedida de uma fase de eclosão mundial de fenômenos paranormais que teve o seu clímax nos Estados Unidos, em 1848, com o caso das irmãs Fox. Só nove anos mais tarde, em 1857, a doutrina se definia na França, com o trabalho gigantesco de pesquisas psíquicas e elaboração doutrinária do Prof. Denizard Rivail, que passaria a ser conhecido como Allan Kardec.

O estudo desse problema histórico revela, em primeiro lugar, que o Espiritismo surgiu naturalmente. Não foi inventado por ninguém. O próprio Kardec relutou em aceitá-lo, quando ele já se fazia uma realidade social. Isso demonstra que o Espiritismo surgiu como exigência de uma época. Sua propagação se realizou à revelia e contra os poderes dominantes no mundo. Até hoje, apesar de todo o seu desenvolvimento cultural – pois a cultura espírita aí está para os que têm olhos de ver – ele continua em posição marginal, o que mostra por sua propagação incessante, que continua a responder às exigências históricas.

Já era tempo de os centros culturais compreenderem essa realidade. Infelizmente a atitude cultural para com o Espiritismo continua, em sentido geral, a mesma do século passado: preconceituosa e ignorante. Ao lado do preconceito avulta a mais completa ignorância do conteúdo da doutrina e do seu significado. Mas, apesar disso, multiplica-se o número dos espíritas por todo o mundo, a bibliografia espírita é hoje um vasto acervo cultural, a imprensa espírita constitui considerável rede de jornais, revistas, boletins, anuários, programas radiofônicos e de televisão e até mesmo estações de rádio.

Essa cultura espírita não se desenvolveu sob o patrocínio de nenhuma autoridade, de nenhum Estado, de nenhuma organização especial. Seu enorme desenvolvimento processou-se de maneira anárquica, por força exclusiva das opções pessoais e apesar de todas as formas de repressão desencadeadas na família, na sociedade, nas escolas, nas igrejas, na imprensa e por toda parte. Toda forma de cultura exige meios de transmissão. O meio básico de transmissão cultural é a educação. Era inevitável, portanto, o aparecimento da Educação Espírita, que à maneira da Educação Cristã foi se delineando aos poucos: primeiro no lar, depois nas instituições em forma de catecismo e por fim na criação das primeiras escolas. Como o Brasil foi o país em que o Espiritismo encontrou condições psicossociais, etnológicas e culturais mais favoráveis, foi aqui que ele se projetou mais cedo e de maneira mais evidente no campo educacional, e isso apesar de ter sido aqui, também, que mais insistente e aguçado se fez a luta contra ele.

A realidade brasileira é hoje marcada pela realidade espírita. E nesta se destaca *a realidade educacional espírita* pela presença de uma rede escolar que abrange os três graus fundamentais do ensino. Desde o pré-primário até o pós-graduação dos cursos superiores, a presença espírita é uma realidade institucional e atuante. Em São Paulo já se realizaram três congressos educacionais espíritas. No Rio e em Curitiba, importantes simpósios educacionais foram realizados em 1968 e 1969. O interesse pelos problemas da Educação Espírita culminou com as deliberações do Simpósio de Curitiba e do III Congresso de São Paulo (1970), no tocante à elaboração da Pedagogia Espírita.

Antes, porém, que esses certames educacionais houvessem chegado à compreensão do problema, as exigências pedagógicas da Educação Espírita já se faziam sentir de maneira aguda. No Instituto Educacional Lins de Vasconcellos, de Curitiba, O Prof. Ney Lobo criava pioneiramente um centro de estudos pedagógicos, elaborava novas técnicas educativas e formulava métodos que foram aprovados pela Secretaria de Educação do Estado, ao mesmo tempo em que publicava pelo jornal *Mundo Espírita* seus primeiros trabalhos de Filosofia Espírita da Educação. No Insti-

tuto Espírita de Educação, em São Paulo, eram realizadas experiências de renovação educacional, instituído um sistema experimental de ensino integrado e divulgados pelo jornal *O Universitário Espírita* (1955) os primeiros trabalhos de Pedagogia Espírita de nossa autoria. Em Franca o Educandário Pestalozzi, que comemorou neste ano o seu 25º aniversário de instalação, reclamava a nossa presença e lá realizando o primeiro curso de Introdução a Uma Pedagogia Espírita (1970), para os professores da instituição e outros interessados.

Como se vê, a Educação Espírita aparece no mundo seguindo as mesmas leis que presidiram ao aparecimento e desenvolvimento de todos os sistemas educacionais: Primeiro se formaram os núcleos sociais integrados por uma nova mundividência, depois se manifestaram as exigências de transmissão cultural. Estas exigências, pela sua própria especificidade, exigem por sua vez a teorização educacional que leva à elaboração da Pedagogia Espírita. E de todo esse vasto processo histórico surge a necessidade evidente da publicação de uma revista especializada, que procuramos atender com o lançamento da Revista *Educação Espírita*.

Seria natural perguntar por que motivo esse órgão não é lançado por uma instituição educacional espírita. A resposta é simples. Porque a publicação de uma revista desta natureza e sua manutenção requerem condições técnicas e meios de distribuição que são mais facilmente encontrados numa editora. Como a EDICEL - Editora Cultural Espírita Ltda., se dispôs, a enfrentar a tarefa com absoluto desinteresse – a ponto de manter escrita à parte dos rendimentos e despesas da revista, para que ela viva e se desenvolva por si mesma, sem qualquer lucro para a editora – coube a ela a glória de mais esse pioneirismo: lançar a primeira revista de educação espírita do Brasil.

Todos os esforços foram feitos para que o primeiro número pudesse aparecer ainda no ano de 1972, por ter sido esse o Ano Internacional da Educação, decretado pela UNESCO, e também o Ano Nacional da Educação decretado pelo governo do Brasil. Embora a contribuição espírita já tivesse sido dada de maneira substancial pela realização de dois simpósios e de um Congresso,

quisemos que ela se efetivasse no lançamento da *Educação Espírita*, que será um instrumento permanente de ligação entre os núcleos educacionais espíritas, um instrumento de trabalho para a elaboração das coordenadas da *Pedagogia Espírita* e uma livre tribuna para o debate de toda a problemática educacional.

Resta-nos afirmar que a Educação Espírita objetiva sobretudo uma forma de *Educação Integral e Contínua*, abrangendo ao mesmo tempo todo o complexo da personalidade do educando e todas as faixas etárias em que ela se projeta. Sendo o Espiritismo uma doutrina que abrange, em seus três aspectos fundamentais – a Ciência, a Filosofia e a Religião – todas as facetas do Homem, visando necessariamente à unificação do Conhecimento, é evidente que a Educação Espírita só pode ser integral e contínua, indo de um extremo a outro da existência humana. Ligada historicamente à linha rousseuniana da Educação Moderna, através de Pestalozzi, de quem Kardec foi discípulo e continuador, a Educação Espírita se entrosa naturalmente nas aspirações e nos objetivos da Pedagogia contemporânea.

Não assinalamos ainda, nos debates verificados em simpósios e congressos, no desenvolvimento do ensino nas escolas espíritas e nos estudos realizados pelos especialistas espíritas, nenhum conflito significativo entre as formas mais válidas da Pedagogia atual e da Pedagogia Espírita. Pelo contrário, verificamos sempre a existência de conotações evidentes e até mesmo de tipos de Pedagogia atual que correspondem em grande parte às exigências do pensamento espírita. Há, porém, uma especificidade inegável da Educação Espírita que só pode ser sustentada e desenvolvida através de uma Pedagogia Espírita. Parece-nos que essa especificidade corresponde à exigência essencial do nosso tempo e da fase de transição cultural em que vivemos. Para o esclarecimento desse problema, nossa revista pretende contribuir por todos os meios possíveis.

E a quem melhor despertar, senão às Crianças?

Os evangelhos de Jesus, que chegaram até nós através dos relatos escritos dos seus discípulos e da tradição apostólica, constituem uma síntese das conquistas espirituais da Humanidade em toda a sua evolução, até o momento histórico do advento do monoteísmo como uma realidade social. Mas a essa síntese temos de acrescentar a visão profética de Jesus, que a partir das conquistas já realizadas abriu novas perspectivas para o futuro humano. Seus ensinamentos não se limitam a uma repetição do passado. Como em todos os processos históricos, culturais e espirituais, as novas gerações reelaboram *a experiência passada*, segundo a tese pedagógica de John Dewey. Jesus procedeu a essa reelaboração num plano superior, o da consciência iluminada pela visão espiritual.

Se juntarmos à tese de Dewey e de Arnold Toynbee sobre as religiões, o seu papel no processo histórico, vemos que as reelaborações coletivas, sempre dirigidas por um mestre ou líder – no caso um *buda*, um *messias*, um *cristo*, palavras que se equivalem – se concretizam em novas mundividências, como a do Budismo em relação ao Bramanismo antigo, a de Confúcio em relação ao Taoísmo, a do Cristianismo em relação ao Judaísmo. Essas mundividências (concepções gerais do mundo e da vida) englobam as conquistas válidas do passado e as visões proféticas do futuro. Ernst Cassirer, em seu ensaio sobre *a tragédia da cultura*, ou seja, o aspecto trágico do desenvolvimento cultural da Humanidade, lembra que as experiências do passado se concretizam ou se condensam nas obras de uma civilização e podem ser depois despertadas por civilizações futuras, como no caso do Renascimento, onde vemos a cultura greco-romana renascer de suas próprias cinzas, ao impacto da cultura nascente da Europa, nos fins da Idade Média.

A cultura humana – que abrange todas as áreas do Conhecimento e, portanto, também a religiosa – é um imenso esforço coletivo de gerações e épocas, de civilizações e culturas encade-

adas e solidárias através do tempo. Sua transmissão se efetua pela educação, mas a educação não é um simples fio transmissor ou objeto passivo, e sim uma espécie de caldeirão em que fervem as idéias, semelhante ao caldeirão medieval de que falou Wilhelm Dilthey em *O Homem e o Mundo*. É nesse caldeirão que temos de ser inevitavelmente mergulhados, desde que nascemos e até mesmo antes do nascimento, para sermos devidamente cozidos à moda do século. Se formos deixados fora dele não recebemos os ingredientes da cultura e nem os estímulos necessários ao despertar das nossas forças latentes, na linha das experiências adquiridas. Sem o processo da educação, o *ato de amor* de Kerchensteiner e Hubert, não despertaremos para a nova orientação que devemos seguir na nova encarnação, na nova experiência existencial. Sem o impacto da educação a cultura do passado não fará renascer em nós o seu novo desenvolvimento.

Dessa maneira, negar às crianças o direito à educação cristã, através da evangelização, seria sonegar-lhes o quinhão que lhes cabe na herança cultural. As pesquisas sobre a educação primitiva, básica para a compreensão de toda a problemática educacional, mostram de sobejo que mesmo nas tribos selvagens a iniciação nos costumes, nos rituais, nas crenças e nas tradições da nação se processam com regularidade, dentro de uma sistemática apropriada. Porque o direito de escolha, de opção, no exercício do livre-arbítrio individual, pressupõe inevitavelmente o direito de aquisição dos elementos necessários ao julgamento. A educação não é um ato de imposição, de violação de consciência, mas um *ato de doação*. O educador oferece ao educando os elementos de que ele necessita para integrar-se no meio cultural e poder experimentar por si mesmo os valores vigentes, rejeitando-os, aceitando-os ou reformulando-os mais tarde, quando amadurecer para isso. Já dizia o Eclesiastes: *Deus fez tempo para tudo*. E o povo repete: *Tudo tem o seu tempo*.

Condições da criança

As condições de aprendizado da criança variam numa escala progressiva, segundo o seu desenvolvimento psicossomático. Determinar uma idade-limite em que essas fases se sucedem é temerário. Atualmente as escalas ontogenéticas são bastante flexíveis. No campo específico da psicogenética verifica-se uma continuidade (e não uma sucessão descontínua) entre a percepção e o desenvolvimento da representação. Por outro lado, o desenvolvimento da linguagem, como observa René Hubert (*La Croissance Mentale*) equivale ao desenvolvimento da inteligência. Vejamos a sua afirmação textual: “Em particular, a linguagem humana é certamente o fator mais poderoso da passagem da inteligência prática à inteligência representativa.” Tanto Piaget como Wallon concordam com isso e são citados por Hubert. (I parte: a Infância, obra citada.)

A inteligência infantil se manifesta progressivamente, passando da fase sensório-motora para a fase prática, desta para a representativa e desta para a abstrata. Mas está sempre atuante no desenvolvimento orgânico e psíquico. Enfrentando o problema na posição materialista podemos negar à criança a capacidade de compreensão de certos princípios abstratos, mas enfrentando-o numa posição espírita teremos de admitir as suas possibilidades latentes. A captação intuitiva, subliminar, antecipa a compreensão racional e prepara o seu desabrochar no futuro. A contribuição atual da Parapsicologia, nesse sentido, abre novas perspectivas ao revelar maior dinamismo do inconsciente, tanto na criança quanto no adulto. As ciências de hoje se aproximam rapidamente das rejeitadas conclusões espíritas.

Mas, além disso, é preciso lembrar que a evangelização da infância não é nem pode ser feita em termos de pura abstração, o que seria um ilogismo. Daí o apelo muito justo e muito pedagógico, pois inegavelmente didático, às estorietas figuradas. Trata-se de uma técnica audiovisual de inegável eficiência. E seu objetivo não é a transmissão dos princípios doutrinários, mas o despertar da criança para a compreensão de realidades que ela já traz no inconsciente, na memória profunda que guarda as vivên-

cias do passado. A função da estorieta é a mesma da maiêutica de Sócrates e lembra o acordar da reminiscência platônica na mente do espírito encarnado. Essa função, por sinal, corresponde precisamente ao objetivo real da educação, que não é transmitir ensinamentos mas predispor a mente a recebê-los através da instrução e assimilá-los na formação cultural.

Por tudo isso a evangelização da criança não pode ser encarada como ato de imposição ou de violência. Nenhuma aula de evangelização espírita impõe dogmas de fé nem pretende realizar a internalização dos princípios espíritas, pois sua finalidade é o contrário: despertar na criança as suas forças interiores e fazê-las aflorar no plano da consciência. O que se pode é enriquecer essas aulas com as contribuições do Método Montessori, criando um ambiente estimulante e juntando às estorietas outros elementos sensoriais, de acordo com as faixas etárias dos alunos. Os trabalhos de Maria Montessori e a sua teoria educacional correspondem em grande parte às aspirações e aos objetivos da evangelização espírita das crianças. Não seria deixando a criança entregue a si mesma, a título de respeitar o seu livre-arbítrio, que a poderíamos conduzir à liberdade de consciência e à responsabilidade pessoal sustentadas pelo Espiritismo. O próprio conhecimento da psicologia infantil, particularmente acrescida da contribuição espírita – que nos oferece uma interpretação psicológica da infância muito mais profunda e real – exige que nos interessemos pela sua evangelização.

Educação familiar

Mas não seria certo deixarmos esse problema para o âmbito familiar? Se *O Livro dos Espíritos* preceitua que é esse o dever dos pais, missão sagrada de que terão de dar contas, não parece claro que só a eles compete a tarefa? Esse preceito consta do item 385 do livro básico. Mas no item 383 encontramos o seguinte: Encarnando-se o Espírito com o fim de se aperfeiçoar, é mais acessível, durante esse tempo (a infância) às impressões que recebe e que podem ajudá-lo no seu adiantamento, para o

qual devem contribuir os que são encarregados da sua educação. Querer, pois, restringir a educação aos pais seria negar a existência da vida social, do processo de relações em que os homens se completam uns aos outros pelo auxílio mútuo (item 766 e seguintes), negar a lei de justiça, amor e caridade (item 873 e seguintes).

No item 685, tratando dos problemas sociais, Kardec lembra a necessidade do desenvolvimento da educação e acentua: não da educação intelectual, mas da educação moral: mas não também da educação moral pelos livros, e sim daquela que consiste na arte de formar caracteres, daquela que transmite hábitos: porque a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos. Quando essa arte for conhecida, aplicada e praticada o homem chegará a um mundo de hábitos ordeiros e de previdência... No mesmo trecho Kardec lamenta a massa de indivíduos que diariamente são lançados no meio da população sem princípios, sem freios e entregues aos seus próprios instintos...

Absurdo querer apegar-se a um trecho em que a responsabilidade dos pais é acentuada, como devia ser, para limitar a educação espírita à família. Maior ainda se torna esse absurdo quando sabemos que a educação familiar só teve predominância nas civilizações anteriores à nossa, ou seja, nas civilizações primitivas, agrárias e feudais. A partir da revolução industrial, e particularmente na civilização tecnológica dos nossos dias, com o desenvolvimento e a complexidade crescente da vida social, a educação familiar ficou restrita à infância nas suas primeiras fases, e assim mesmo sempre secundada pela educação escolar. Por outro lado, a educação religiosa, nem mesmo nas religiões formalistas e tradicionais, nunca se restringiu à família, exigindo sempre, desde as épocas mais remotas, o complemento da escola da igreja.

Por fim, devemos assinalar que a preocupação dos cursos de evangelização da infância, no meio espírita, não é nem pode ser a da transmissão de princípios, mas apenas a de preparação do espírito infantil para o bom aproveitamento da sua atual encarnação. A orientação moral não é uma preparação filosófica, mas um processo de integração das novas gerações em determinado

sistema de vida, a fim de que elas possam beneficiar-se com as experiências e as conquistas das gerações anteriores, capacitando-se na prática para o exercício futuro da crítica e da reelaboração de experiências. Não há desperdício nem perda de tempo, e muito menos incoerências no cumprimento desse dever social e moral pelos jovens espíritas e pelas instituições doutrinárias. Desperdício, perda de tempo e incoerência haveria se os responsáveis pela educação das crianças espíritas não cumprissem o seu dever nesse sentido.

Educação no lar

A educação espírita começa no lar. Nas famílias espíritas é dever dos pais iniciar os filhos nos princípios doutrinários desde cedo. A falta de compreensão da doutrina faz que certas pessoas pensem que as crianças não devem preocupar-se com o assunto. Essas pessoas se esquecem de que os seus filhos necessitam de orientação espiritual e que essa orientação será tanto mais eficiente quanto mais cedo lhes for dada. Kardec, num trecho da *Revista Espírita*, conta como na França, já no seu tempo, a educação espírita no lar começava a produzir maravilhosos efeitos.

É preciso não esquecer que as crianças são espíritos reencarnados, espíritos adultos que se vestem, como ensina Kardec: “com a roupagem da inocência” para voltarem à Terra e iniciarem uma vida nova. Os espíritos que se reencarnam em famílias espíritas já vêm para esse meio para receberem desde cedo o auxílio de que necessitam. Os pais que, a pretexto de respeitar a liberdade de escolha de quem ainda não pode escolher, ou de não forçar os filhos a tomarem um rumo certo na vida, deixam de iniciar os filhos no Espiritismo, estão faltando com os seus deveres mais graves.

Ensinar às crianças o princípio da reencarnação, da lei de causas e efeitos, da presença do anjo-guardião em suas vidas, da comunicabilidade dos espíritos e assim por diante, é um dever inalienável dos pais. Pensar que isso pode assustar as crianças e

criar temores desnecessários é ignorar que as crianças já trazem consigo o germe desses conhecimentos e também que estão mais próximos do mundo espiritual do que os adultos.

Descuidar da educação espírita dos filhos é negar-lhes a verdade. O maior patrimônio que os pais podem legar aos filhos é o conhecimento de uma doutrina que vai garantir-lhes a tranqüilidade e a orientação certa no futuro. Os pais que temem dar educação espírita às crianças não têm uma noção exata do Espiritismo e por isso mesmo não confiam no valor da doutrina que esposam.

Porque razão os católicos e os protestantes podem ensinar aos filhos que existe o inferno e o diabo, que a condenação eterna os ameaça e que o anjo da guarda pode protegê-los, e o espírita não pode ensinar princípios muito mais confortadores e racionais? Se o medo do diabo e do inferno não traumatiza as crianças das religiões formalistas, por que razão o ensino de que não existe o inferno nem existe o diabo vai apavorá-las? Não há lógica nenhuma nessa atitude que decorre apenas de preconceitos ainda não superados pelos pais, na educação errônea que receberam quando crianças.

As crianças de hoje estão preparadas para enfrentar a realidade do novo mundo que está nascendo. Esse novo mundo tem por alicerce os fundamentos do Espiritismo, porque os princípios da doutrina estão sendo confirmados dia a dia pelas Ciências. A mente humana se abre neste século para o conhecimento racional dos problemas espirituais. Chegou o momento do Consolador prometido pelo Cristo. Os pais espíritas precisam compreender isso e iniciar sem temor os seus filhos na doutrina que lhes garantirá tranqüilidade e confiança na vida nova que iniciam.

A melhor maneira de desenvolver a educação espírita no lar é organizar festinhas domingueiras com prece, recitativos infantis de tema evangélico, explicação de parábolas, canções espíritas e brincadeiras criativas, que ajudem a despertar a criatividade das crianças. Espiritismo é alegria, espontaneidade, sociabilidade. Essas festinhas preparam o espírito da criança para o aprendizado nas aulas dos Centros e para as aulas de Espiritismo na escola.

Esconder às crianças de hoje a verdade espírita é cometer um verdadeiro crime contra o seu progresso espiritual e a sua integração na cultura espírita do novo mundo que está nascendo. Que os pais espíritas não se furtem a esse dever. A educação no lar é a base de todo o processo posterior de educação escolar e de educação social, que os adolescentes e os jovens irão enfrentar na vida.

Não importa que alguns espíritas metidos a sabichões combatam a educação espírita. Deus os perdoará, porque eles não sabem o que fazem. O que importa é os pais se inteirarem de suas responsabilidades pessoais, que não podem transferir a ninguém, e tratem de cumpri-las. Se forem realmente espíritas, os pais saberão quanto o Espiritismo lhes tem valido na vida. Que direito terão de negar aos filhos o conhecimento dessa doutrina que tanto bem lhes faz? Quererão que os filhos se extraviem no materialismo e na irresponsabilidade que desgraça tantos jovens de hoje?

Educação e regeneração

Espiritismo é educação. Educação individual e educação em massa. Muitas pessoas, mesmo entre as que se colocam à frente do movimento espírita e de grandes instituições doutrinárias, não são capazes de abranger na sua compreensão essas duas dimensões do processo educacional espírita. Querem reduzir a Educação Espírita ao campo do autodidatismo. Só entendem a educação individual pela doutrina. E por isso andam por aí os pregoeiros, bem intencionados mas equivocados, de uma campanha obscurantista (valha-nos Deus) contra os cursos, as escolas, as instituições educacionais e a Educação Espírita.

Temos de compreender a posição desses companheiros, pois o objetivo do Espiritismo é sempre a compreensão, em todos os campos das atividades humanas. O espírita tem de ser, em todas as ocasiões, um “compreensor”, ou seja: aquele que compreende. Tem de ser o substituto natural do *comprehensorem* da antiga Teologia, daquele que tinha a compreensão beatífica e perma-

nente de Deus. “Homem no mundo”, face a face com os semelhantes, o espírita deve ter a visão palingenésica ou evolucionista das coisas e dos seres. Não pode fechar-se num beco sem saída.

Esses companheiros que só entendem a Educação Espírita como individual sofrem a pressão do passado, do tempo em que o Espiritismo, assediado por todos os lados, refugiava-se na convicção individual. Mas esse tempo já vai longe, como tinha fatalmente de ir, e hoje o Espiritismo se transformou numa convicção de massas. Cumprindo assim um dos seus objetivos, de acordo com os postulados doutrinários e a previsão de Kardec, Denis, Delanne e seus companheiros, o Espiritismo de massas exige educação massiva.

A missão do Espiritismo não é esclarecer alguns indivíduos em meio às multidões mas, esclarecer as multidões, alargar o conhecimento humano, colocar os homens diante da realidade integral da vida – para regenerá-los. Não se trata de uma doutrina individualista, à maneira do estoicismo grego, fechado em seu ceticismo heróico, mas de uma doutrina coletiva, que parte do indivíduo como unidade formadora do *todo* visando ao *todo*. Por isso que a sua função na terra é precisamente regenerar o planeta, que está passando, nestes tempos, da fase de mundo de provas e expiações para a fase superior de mundo de regeneração.

É natural que os companheiros traumatizados pelo passado de duras e amargas lutas que o Espiritismo teve de enfrentar, ainda se fechem numa concepção restrita. Mas não devemos nos impressionar com isso. Nossa obrigação é procurar ajudá-los a compreender o problema na amplitude espírita em que ele hoje se nos apresenta. Segundo vemos em *O Livro dos Espíritos*, é pela Educação que o mundo poderá regenerar-se. A Educação Cristã substituiu a Educação Pagã e modificou a Terra. A Educação Espírita renovará a Educação Cristã, e com ela o Mundo.

Mas, o que é Educação Espírita? É o processo de orientação das novas gerações de acordo com a visão nova que o Espiritismo nos oferece da realidade. A realidade compreende o mundo e o homem. Para o homem viver com proveito no mundo, deve saber, antes de tudo, o que ele próprio é e qual o seu destino. Para que o mundo não aturda¹ o homem é preciso que o homem

saiba o que é mundo. Nada disso pode ser conhecido sem o conhecimento dos princípios espíritas.

Apesar disso a Educação Espírita não é um processo de coação, de imposição das idéias espíritas. Mesmo porque um dos princípios fundamentais do Espiritismo é o da liberdade de consciência. O Espiritismo não é uma forma de dominação de consciência, mas de libertação. Sua grande tarefa é desvencilhar o homem das imposições do passado para que ele possa viver a sua vida terrena em plenitude, livrá-lo dos temores e terrores que o cercaram nas gerações anteriores.

Assim, a Educação Espírita, como a Cristã, apresenta-nos dois aspectos correspondentes às exigências atuais. De um lado há de ser um sistema educacional aplicável ao meio espírita, de outro uma influência educacional remodelando os postulados pedagógicos no sentido geral. Não podemos pretender que todas as nações se tornem espíritas, o que seria uma utopia e um contra-senso. Por isso não podemos pretender que a Educação Espírita absorva e englobe numa só todas as formas pedagógicas existentes. Essa intenção seria contrária à concepção espírita. Mas devemos compreender que a Educação Espírita, uma vez definida como tal, influirá decisivamente na orientação pedagógica geral, como já está influenciando antes mesmo de sua definição total.

Regenerar quer dizer gerar de novo. Regenerar o homem é gerar no homem velho dos nossos tempos o homem novo do Evangelho. Sabemos, como afirmou Kardec, que o espiritismo é a chave sem a qual não podemos compreender o Evangelho. Sabemos isso não apenas porque Kardec o disse e escreveu, mas porque as nossas próprias experiências, individuais e coletivas, nos fizeram comprovar essa verdade. Se os cristãos não puderam manter a Educação Pagã, que contrariava a visão nova que o Cristianismo lhes dava, como podemos nós, espíritas, manter a Educação Cristã, orientada pelos dogmas teológicos de um passado superado? Tanto mais que essa forma educacional igrejeira já se tornou tão obsoleta, tão antiquada, que foi substituída pela Educação Moderna, de tipo positivista e pragmatista, o

que vale dizer materialista. E tanto mais que essa forma materialista já invadiu as próprias instituições educacionais religiosas.

A substituição, cada vez mais acentuada, das formas educacionais religiosas pela materialista, inegavelmente dominante em nosso tempo, mostra-nos a necessidade urgente de elaboração da Pedagogia Espírita, única que poderá socorrer o mundo nesta hora de profundas transformações. E podemos dizer mais, sem medo de errar, porque os fatos o comprovam: se a Educação atual não mergulhou ainda no caos, em face da rapidez do processo evolutivo, é graças à presença dos postulados espíritas no planeta, assinalando aos homens uma nova perspectiva da vida. O Prof. Humberto Mariotti demonstrou isso com dados e exemplos em seu artigo “Para Uma Filosofia da Educação” que publicamos em nosso número anterior da Revista Educação. O fato de duas Universidades norte-americanas haverem recorrido ao Espiritismo para a reorientação espiritual de seus alunos, e os bons resultados obtidos com a experiência, mostram suficientemente a necessidade de cuidarmos da Educação Espírita. Mais do que isso, mostram de maneira gritante que estamos em falta com o nosso dever de espírita no tocante ao campo educacional.

Por outro lado, como sabemos, a Educação Espírita, seguindo uma lei natural do fenômeno educacional em todo o mundo e em todos os tempos, não esperou que despertássemos para o problema. As escolas espíritas começaram a surgir por toda parte antes que pensássemos na Pedagogia Espírita. Hoje constituem, no Brasil, uma vasta rede escolar, que vai do pré-primário até o universitário, abrangendo todos os graus de ensino. Já temos mesmo uma tradição educacional, com instituições como o Educandário Pestalozzi, de Franca, o Educandário Bezerra de Menezes, de Marília, o Instituto Espírita de Educação, em São Paulo, o Colégio Allan Kardec, de Sacramento, Minas, o Instituto Lins de Vasconcelos, de Curitiba, Paraná, e assim por diante, que já atingiram dezenas de anos de funcionamento.

Por que espécie de Pedagogia se orientam esses estabelecimentos existentes às dezenas em nosso país? Que orientação pedagógica terão dezenas de outros que estão surgindo por toda parte? Vemo-los, na verdade, lutando para elaborar a Pedagogia

Espírita, cada qual dando a sua contribuição possível no campo das experiências e das pesquisas. Seremos tão cegos e tão surdos para não ver esse desafio, para não ouvir esse clamor? Não seremos capazes de atender às exigências naturais da Educação Espírita que se levantam diante de nós neste momento?

Que falem e escrevam contra o nosso dever todos os que não o compreendem. Que importam os seus argumentos, quando a realidade dos fatos é um desmentido concreto a todos eles? Nossa revista surgiu para atender a esse desafio – o mais sério, o mais grave e o mais importante do nosso tempo – abrindo suas páginas às sugestões, aos estudos, às pesquisas, aos exemplos de todos os que militam no campo educacional espírita. Não pretendemos elaborar individualmente, nem mesmo através dos esforços de um grupo fechado, a Pedagogia Espírita. Como Kardec fez com a *Revista Espírita*, queremos apenas que a nossa revista sirva de ligação entre todos os centros educacionais espíritas e entre todos os professores espíritas para que, do trabalho assim conjugado e articulado, do esforço comum, possa surgir o edifício grandioso da Nova Pedagogia.

As dimensões da Educação

A educação só se tornou problemática nos momentos em que se desligou da religião. Isso é visível nos momentos históricos de desligamento parcial, como no mundo clássico, particularmente no apogeu da civilização grega, e na fase de emancipação total que começa no Renascimento e vai encontrar seu ponto culminante em Rousseau. Enquanto as religiões incorporaram, em suas estruturas gerais, o conceito de educação como salvação e a prática educativa como catequese, não havia problema. Quando, porém, o pensamento crítico se desenvolveu, a ponto de atingir a própria substância da fé, retirando ao homem a base ingênua de certezas tradicionais em que ele se sentia seguro dentro do mundo, tornou-se evidente a necessidade de criação de sistemas educacionais autônomos e surgiu a problemática da educação.

O episódio dos sofistas, seguido dos esforços de Sócrates, Platão e Aristóteles, é bastante elucidativo desse fato. A transformação da estrutura estática do antigo estado grego na estrutura dinâmica do imperialismo de Péricles, como esclarece Jaeger², exige a “racionalização da educação política”, como “um caso particular da racionalização de toda a vida grega, que mais do que nunca se funda na ação e no êxito”. A educação supera os seus estágios familiar e épico, ambos dominados pela concepção mítico-religiosa, para adquirir uma nova dimensão: a cívica ou política. Esse problema da “ação e do êxito” é também examinado por Marrou³, que nos oferece um estudo do mecanismo de transição da educação épica para a técnica, na “passagem progressiva de uma cultura de nobres guerreiros para uma cultura de escribas”.

A reincorporação da educação à estrutura religiosa, que se verifica na Idade Média, não representa um retrocesso, porque se realiza num plano de enriquecimento conceptual. Quer dizer: a educação medieval, conquanto dominada pela concepção religiosa e submetida ao controle eclesiástico, já se processa numa perspectiva racional. As contribuições do racionalismo grego, do pensamento jurídico romano e do providencialismo cristão

misturam-se nessa perspectiva, em que se elabora, desde o declínio do Império, essa fusão conceptual que, segundo Dilthey⁴, “aflui como metafísica para os povos modernos”. A homogeneidade do pensamento medieval não era mais do que o resultado de um lento processo de caldeamento em que a educação também se caldeava em novas possibilidades formais. O processo histórico não se interrompe, mas prossegue, não mais em extensão, mas em profundidade, como assimilação. E na medida em que vão surgindo, nas linhas sucessivas desse processo, as dimensões espirituais do homem, a educação naturalmente de desenvolve em perspectivas dimensionais.

Esta possibilidade de encararmos a educação num plano de desenvolvimento progressivo, não apenas histórico, mas sobretudo historicista, parece-nos bastante fecunda para melhor compreensão do problema educacional. A partir da educação primitiva, como simples forma de integração, passamos às formas religiosa e cívica, como processos de domesticação, para atingirmos os conceitos clássico e moderno de formação cultural em que as condições de imanência social são finalmente rompidas pelo impulso da transcendência espiritual. Encontramos assim uma dialética da educação que nos permite o processo educativo de maneira dinâmica, acima dos traçados rígidos da História como seqüência de fases e das condições deterministas biopsicossociais.

Essa dialética talvez nos forneça os meios de que necessitamos, com tanta urgência, para superarmos o impasse em que se encontra o problema da educação em nossos dias, no entrelaço de tantas teorias contraditórias. Se pudermos encarar a educação como um processo de desenvolvimento dimensional da cultura, não como substituição de fases históricas condicionadas pelo tempo, mas de um processo que se serve do tempo, estaremos mais próximos de uma visão global do problema. Parece-nos, pelo menos, que dessa maneira poderemos superar a representação esquemática, fragmentária que hoje possuímos do processo, gerando posições diversas e contraditórias na sua enfocação teórica, para encontrarmos as linhas gerais de uma verdadeira Filosofia da Educação.

As dimensões do homem

É evidente que as dimensões da educação decorrem das dimensões do homem. Se o homem pode ser encarado, tanto espiritual como socialmente, numa perspectiva de sucessões dimensionais, então o processo educativo também será susceptível dessa visualização. E é precisamente numa teoria dimensional do homem que vamos buscar as possibilidades de uma formulação teórica da educação nesse sentido. Formulação aliás, que pode levar-nos a maiores possibilidades metodológicas na colocação filosófica do processo educacional.

Apesar de termos nos referido a História e a historicistas, não é num historicista que vamos encontrar a teoria, mas no existencialista Jean Paul Sartre⁵ com seu famoso ensaio de ontologia fenomenológica. Tanto melhor, pois esse simples fato reforça a nossa referência às possibilidades de transcendência do processo educacional. Embora Sartre tenha encontrado a transcendência em termos fenomenológicos no plano social, a sua teoria nos leva, por um impulso dialético, a superar a polaridade ontológico-social da educação. E essa superação vai nos fazer sentir as suas possibilidades num ensaio de Denis de Rougemont sobre o desenvolvimento das dimensões humanas na civilização ocidental⁶. É nesse ensaio que podemos avaliar a fecundidade da aplicação da teoria dimensional aos processos sociais.

O homem é apresentado por Sartre, em *L'être et le Néant*, na sua conhecida formulação dialética: uma forma rígida ou fechada, *len-soi*, primeira dimensão do ser, que se nega a si mesma na especificidade humana, atingindo em *le pour soi* a segunda dimensão, da qual resulta necessariamente a terceira dimensão de *l'être pour autrui*, na relação social. Essa formulação se repete no capítulo sobre a terceira dimensão ontológica do corpo da seguinte maneira: antes de tudo, o corpo existe, e este existir é a sua primeira dimensão; depois, o corpo entra em relação com os outros, e nesta relação surge a sua segunda dimensão; por fim, no conhecimento do corpo pelos outros tem ele a sua terceira dimensão. ("J'existe pour moi comme connu par autrui à titre de

corps. Telle est la troisième dimension ontologique de mon corps.”)

Em Denis de Rougemont essa dialética das dimensões adquire maior densidade ontológica, passando do plano da fenomenologia para o da metafísica. Apresenta-se, porém, numa perspectiva fideísta. A transcendência do ser, que é a sua terceira dimensão, equivale a um duplo processo de relações: no plano social como amor do próximo, e no metafísico como amor de Deus. Essas dimensões se tornam mais claras numa abordagem histórico-cultural: a primeira dimensão é a do horizonte tribal, que o autor define servindo-se da teoria do corpo mágico ou corpo-sagrado do ensaísta austríaco Rudolf Kessner, e em que o homem primitivo aparece como simples parcela de um todo fechado sobre si mesmo; a segunda dimensão é a do horizonte civilizado em que surgem o indivíduo urbano que se torna cidadão. A terceira dimensão é a do transcendente em que o homem se torna cristão, integrando-se nos princípios espirituais da civilização. Esse particularismo de Rougemont equivale, entretanto, ao conceito universal da transcendência pela cultura, que encontramos no horizonte profético de John Murphy⁷ em seus estudos sobre as Origens e a História das Religiões.

Vemos, assim, que as limitações daquilo que chamamos perspectiva fideísta, no ensaio de Rougemont, não diminuem a importância de sua tentativa de aplicação da teoria das dimensões humanas num plano mais fecundo que o da ontologia fenomenológica de Sartre. Vejamos de que maneira Rougemont esquematiza a sua teoria das dimensões do espírito ocidental, que se eleva à terceira dimensão pelo impacto de uma religião oriental. É curiosa essa aplicação sectária da teoria das dimensões, que servindo-se de elementos orientais, faz surgir no ocidente, no fenômeno da *pessoa*, o homem tridimensional, ao mesmo tempo em que nega aos orientais essa possibilidade.

É o seguinte o esquema apresentado pelo próprio Denis de Rougemont: “Se o homem do clã, da tribo ou da casta, só tinha uma dimensão real: sua relação com o corpo sagrado; se a segunda dimensão, inventada pelos gregos, é a que reúne o indivíduo e seu modo de relações, a cidade; São Paulo definiu a tercei-

ra dimensão: a relação dialética com o transcendente, religando o indivíduo como vocação divina à comunidade, como amor do próximo. Esse homem, melhor liberado que o indivíduo grego, melhor entrosado que o cidadão romano, mais livre pela fé mesma que o entrosa, é o arquétipo do Ocidente que nasce, é a pessoa.”

Murphy, porém, ao tratar do horizonte-profético como uma consequência universal do desenvolvimento do horizonte civilizado, acentua o aparecimento “das condições novas que tornaram possível o advento de grandes individualidades, profetas, filósofos, instrutores éticos e religiosos, desde cerca de dois mil anos antes da nossa era.” Situando o período desse desenvolvimento entre o IX e o III séculos antes de Cristo, e limitando-o geograficamente à região compreendida entre a Grécia e o Egito, passando pela Palestina e a Mesopotâmia, até a Índia e a China, demonstra historicamente o aparecimento da pessoa, equivalente à terceira dimensão de Rougemont, muito antes do advento do Cristianismo. Anulamos, assim, o exagero fideísta de Rougemont, como esse mesmo exagero anulou o negativismo existencial de Sartre, que limitava a terceira dimensão ao plano das relações sociais. E assim, por um processo dialético, temos a pureza conceptual da teoria das dimensões humanas, capaz de nos servir, sem qualquer limitação sectarista, para uma possível tentativa de elaboração metodológica, visando a mais ampla e mais profunda enfocação filosófica do problema da educação.

A validade da teoria dimensional do espírito parece-nos pelo menos bem sustentada nas formulações de Dilthey, Sartre e Rougemont. Claro que ela se funda, para o primeiro e o último, nos pressupostos da evolução histórica, e para o segundo, na problemática do ser. Temos assim, na sua base, a polaridade ontológico-social, com todas as implicações que vão de um pólo a outro. Convém lembrar, como demonstra Jean Vahl⁸, que as raízes da teoria dimensional, por assim dizer, se aprofundam no passado filosófico. De qualquer maneira, o que nos interessa é a possibilidade de sua aplicação metodológica. Essa possibilidade parece fecunda principalmente por oferecer à Filosofia da Educação perspectivas filosóficas para a solução dos seus problemas

até agora frustrados, em grande parte, pela falta dessas perspectivas.

Educação e Filosofia

A inquietação atual do pensamento pedagógico, à procura de uma Filosofia da Educação que realmente corresponda às exigências do mundo em transformação, resulta não só do fato mesmo dessa transformação, como também da falta de unidade, ou pelo menos de uma confluência de vistas a respeito dos problemas a serem postos em equação. Quando, em 1941, a *National Society for the Study of Education*, dos Estados Unidos, resolveu dedicar um dos seus anuários ao problema da Filosofia da Educação, essa falta de unidade fundamental se tornou bem patente. Na introdução que escreveu para o anuário, publicado em 1942, o prof. John Brubacher, da Universidade de Yale, esclarece que o intuito da *National Society* era conseguir que “as diversas filosofias se dirigissem de maneira clara e inequívoca, aos pontos importantes de seus desacordos”. Entretanto, os colaboradores convidados, representantes das várias escolas atuais de Filosofia, e particularmente de Filosofia da Educação, não puderam atender a esse apelo.

No correr destes últimos anos muitos esforços foram desenvolvidos no sentido da superação desse estado de coisas. Mas a superação não era fácil, pois os desacordos eram ainda mais profundos, como podemos ver neste trecho do prefácio de Brubacher: “Afortunada ou desgraçadamente, esse plano não foi adotado porque no Comitê da obra, não somente se pode chegar a um acordo com referência aos problemas que seriam selecionados, como nem mesmo foi possível uma coincidência a respeito do que constitui um problema na Filosofia da Educação. Em conseqüência decidiu-se permitir a cada colaborador a exposição do seu sistema de Filosofia da Educação na forma que lhe parecesse mais adequada.”⁹

Mortimer Adler, que colaborou no anuário escrevendo uma defesa da Filosofia da Educação, pôs em relevo a necessidade de

uma definição do seu objeto como solução dos desacordos existentes. Lamentou a posição individual e irreduzível de vários filósofos que só tinham a expor “a sua opinião, o seu ponto de vista sobre educação, ou o seu *sistema de filosofia*”, e acentuou a urgência de se afastarem de cogitação os elementos que, não sendo filosóficos, sobrecarregam as escolas atuais de Filosofia da Educação. Dez anos depois, ao publicar o seu *Traité de Pédagogie Generale*, na França, René Hubert denunciava essa mesma situação e procurava lançar as bases realmente filosóficas de uma Filosofia da Educação.¹⁰

O problema se torna claro nestas palavras de Paul Desjardins, que Hubert reproduz no prefácio da sua obra: “Os reformadores da educação, que temos observado, descobriram a verdade em quase todas as questões de detalhe: este, sobre a educação dos sentidos e sobre o processo do juízo na primeira infância; aquele, sobre a aplicação do trabalho manual; um, sobre a ginástica racional; outro, sobre a maneira de ensinar idiomas, ou a Física, ou o Desenho, ou a Música vocal, etc; descobrimentos contemporâneos e diversos, cujo centro, se refletimos a respeito, aparece como único; entretanto, este centro, de que tudo parte, não está assinalado com suficiente ênfase em nenhum lugar, e isso é o que falta determinar numa *escola pensada à francesa*.” Hubert comenta: “Porque este centro é o homem, e o mestre cuja memória acabamos de evocar teria sem dúvida acrescentado conosco que *a escola pensada à francesa* é a que se dedica a ensinar e fazer nascer o Homem.”

É curioso que tenhamos encontrado, no próprio pensamento francês contemporâneo, as sugestões para uma resposta ao reclamo de Desjardins. *A escola pensada à francesa*, que põe a sua ênfase no objeto e centro da educação, o homem, só poderá aparecer, no campo vasto e contraditório da Filosofia da Educação, com base num esforço metodológico essencialmente humanista. A sugestão do esquema sartreano das dimensões do espírito parece-nos abrir amplas possibilidades nesse sentido. Da mesma maneira porque no estudo das religiões a aplicação do método dos horizontes culturais alargou a compreensão do

problema, podemos esperar que um método dimensional permita o reajuste necessário do problema filosófico da educação.

Um método integral

Poderíamos aspirar a um método integral que, aplicado à história da Educação e a toda a problemática educacional, nos possibilitasse a investigação de todos os seus aspectos, ou que pelo menos nos desse, no plano da interpretação, uma visão geral e dinâmica do processo educativo? Os métodos históricos, comparativos e culturais não chegam a tanto. O método dos *horizontes culturais* oferece perspectiva mesológica em extensão, mas falta-lhe a profundidade ontológica que é procurada na complementação de pesquisas psicológicas. Entretanto a Psicologia é um particularismo, uma especialização, como a Sociologia. Suas pesquisas se referem a problemas particulares de estrutura e função, como as sociológicas aos problemas de relação. A Filosofia da Educação, porém, abrange todo o contexto de ações e reações objetivas e subjetivas que vai do ser como ser ao social como social e como cultura. A Filosofia da Educação extravasa, assim, da extensão de sua própria polaridade no momento em que transcende o social para penetrar no cultural, no pleno domínio do espírito. É o que estuda Hubert, com admirável clareza e segurança, no seu tratado.

É possível que estejamos exagerando as possibilidades do método dimensional e só os especialistas em metodologia poderão responder até onde as nossas esperanças são viáveis. O Prof. Cannabrava, que se destaca no estudo dos problemas metodológicos entre nós, procurou solucionar a diversidade dos conceitos de verdade empírica e verdade formal através do objetivismo-crítico, propondo o método único da síntese-reflexiva. “A Filosofia elaborou um método – declara – que permite conjugar a análise da estrutura lógica do conhecimento com a interpretação sintético-funcional dos processos empíricos que se relacionam diretamente com a atividade cognitiva.”¹¹ A mesma unidade no tocante aos problemas gerais da Filosofia da Educação, em sua

relação específica com o objeto do problema educacional, não poderá ser tentada?

Investigar as possibilidades metodológicas da teoria das dimensões humanas parece-nos, pois, tarefa das mais promissoras. Partindo da análise do *corpo-mágico*, da feliz formulação de Kessner, onde o homem se apresenta na sua primeira dimensão, um método dimensional nos levaria ao exame de todas as implicações da passagem para a segunda dimensão e desta para a terceira. Esse método global ou integral penetraria, assim, em todas as estruturas e conexões da polaridade pedagógica, abrangendo a simultaneidade do ser como ser – existindo *em si*, agindo no *para-si* e se transcendendo no cultural – do bio-psiquismo em sua dinâmica funcional e do social em sua dinâmica de relações. Para essa penetração simultânea o método deveria dispor das técnicas específicas necessárias, subordinadas sempre ao contexto dimensional. Essa solução, se possível, livraria a Filosofia da Educação das contradições atuais, eliminando o atomismo das teorizações pessoais que tanto se apóiam em métodos filosóficos quanto em métodos científicos ou simples técnicas de pesquisa.

Esta busca da unidade pode parecer um desejo de volta, em termos psicanalíticos, à homogeneidade religiosa a que nos referimos no início. A educação, à maneira do Positivismo comteano, encontraria assim um meio de negar a sua natureza problemática para adormecer de novo no seio das certezas tradicionais. Mas o exemplo medieval a que já aludimos bastaria para mostrar-nos a irreversibilidade do processo evolutivo. Assim como na Idade Média o império religioso desenvolveu-se em plano racional e crítico, elaborando a autonomia mais completa do pensamento que eclodiria na Renascença, assim também a volta à unidade, no presente, não seria um simples retrocesso mas um reajuste dialético. Poderíamos apelar para o princípio marxista da *negação da negação* para explicar este aspecto do problema.

Não resta dúvida que a unidade metodológica é uma tentativa de superação de problemas, mas não de anulação da natureza problemática do processo educativo, o que seria impossível. Essa

busca, como já vimos, existe na Filosofia Geral, como existia nas Ciências. Busca-se não apenas a unidade metodológica nesses dois campos, mas também a unidade conceptual, como vemos na obra de Einstein. E se o objetivo do conhecimento é a reconstrução do Universo pela síntese após a análise, essa busca não é a consequência de um complexo inconsciente, mas um imperativo do próprio desenvolvimento cultural.

No caso da educação, superar a situação conflitiva do presente para encontrar um plano de unidade equivalerá realmente a reconstruir a homogeneidade religiosa, porque o destino do homem, segundo Hubert, “consiste em ser espírito”, e o fim da educação, segundo Kerchensteiner, é “a criação de um ser espiritual”. Entretanto, não se trata da colocação do problema nos termos da antiga metafísica religiosa e, sim, nos da moderna ontologia. O espírito, nessa nova homogeneidade religiosa, é uma entidade cultural acessível às indagações do pensamento científico e filosófico. Murphy já o disse na introdução do seu estudo sobre as origens da religião, que citamos acima: “O homem é o produto da evolução, tanto no seu corpo quanto no seu espírito.” Assim, para usarmos uma expressão de Tagore, “a religião do homem” seria a nova homogeneidade em que a educação poderia reconstruir-se, não mais na base ingênua de certezas tradicionais, mas na base dinâmica da expansão do conhecimento em busca de novas dimensões do espírito.

Educação e religião

O problema do aparecimento e desenvolvimento da escola leiga, do laicismo pedagógico, tem sua fonte em três grandes equívocos que felizmente estão agora em fase de extinção. Vejamo-los:

1º - O equívoco do Materialismo, que na verdade só apareceu de maneira clara, perfeitamente definida, na época moderna. Tudo quanto se considera como materialismo na Antigüidade só entra nessa classificação de maneira forçada. Foi o desenvolvimento das Ciências que permitiu uma fundamentação positiva

para o Materialismo e conseqüentemente a sua formulação filosófica. Desde então surgiu o conflito Ciência versus Religião. *Os homens cultos e os espíritos fortes* opuseram-se ao ensino da Religião nas escolas por considerá-lo determinante de retrocessos culturais.

Nesse caso, o equívoco do Materialismo estava certo, porque o ensino religioso e o seu predomínio na Educação era também um perigoso e lamentável equívoco, de vez que as religiões se equivocavam no tocante a pontos fundamentais do Conhecimento. O laicismo tinha por finalidade garantir uma educação liberta de superstições e preconceitos que as religiões semeavam e estimulavam no espírito dos educandos.

2° - O equívoco do Espiritualismo, que partindo de premissas certas, na base das Revelações antigas, desenvolveu-se em várias formas de falsos silogismos, chegando a conclusões erradas na elaboração de suas teologias, teogonias e dogmáticas. Esse equívoco, traduzido violentamente no sectarismo das Igrejas, foi a razão fundamental da luta entre ciência e Religião. O sectarismo violento queria apossar-se de tudo, a começar pela criança, que desde os primeiros rudimentos de compreensão devia ser absorvida por ele. Daí o domínio da escola, de que até hoje não desistiu, porque através dela o sectarismo pretende moldar a mentalidade das gerações.

3° - O equívoco da Filosofia, que através da Gnosiologia, da Teoria do Conhecimento, acabou referendando os dois equívocos acima, particularmente a partir do criticismo kantiano, que delimitou o campo do Conhecimento possível, relegando para o impossível – e portanto fora do alcance científico – os problemas espirituais. A separação entre Ciência e Religião foi então *oficializada* no plano cultural. Se o homem só podia conhecer através da Ciência pelo uso da Razão, não havia motivo algum que justificasse nas escolas a disciplina religiosa. A escola se tornava instrumento da Ciência. A Religião devia restringir-se ao âmbito familiar e ser ministrada nas igrejas.

Temos nesse quadro, segundo me parece, o esquema geral do nascimento da Escola Leiga. Os homens de cultura tinham dois motivos bastante fortes para rejeitar a Religião na escola. De um

lado, ela não podia oferecer dados positivos e portanto verdadeiros sobre o que pretendia ensinar. De outro lado, o seu ensino contrariava a Ciência, prejudicando a formação cultural dos alunos, e além disso criava e estimulava desentendimentos entre os homens, pelas pretensões exclusivistas do sectarismo. Longe de religar, ela na verdade desligava e gerava conflitos insensatos, sempre extremamente violentos porque baseados no fanatismo.

Situação atual

As campanhas pela escola laica abalaram o mundo e conseguiram vitórias parciais muito importantes. Apesar disso, o sectarismo religioso não desistiu e não desistirá jamais das suas pretensões, pois não há nada mais insistente do que o fanatismo, mormente quando aliado a interesses materiais. Não obstante, a situação atual no campo do conhecimento já traz em si mesma a solução para esse velho problema. Basta que homens responsáveis encarem o assunto a sério e procurem resolvê-lo no interesse superior das coletividades, sem prejuízo para os sectarismos religiosos nem para os defensores da independência cultural.

Procuremos encarar a situação atual nos três campos acima especificados, vendo como seriam solucionados os impasses seculares a respeito:

1º - O Materialismo perdeu, com a rápida evolução dos conhecimentos científicos nestes últimos anos, os seus elementos de sustentação no campo da Razão. O próprio conceito de matéria, tanto no Materialismo mecanicista do passado quanto no Materialismo dialético de hoje, perdeu a sua substância. Além da descoberta de que a matéria é simples condensação de energia, temos agora o grande passo da física na descoberta da antimatéria. Numa verdadeira ação de pinça, as Ciências Físicas de um lado e as Ciências Psicológicas de outro, através das pesquisas nucleares e parapsicológicas, demonstraram positivamente a existência de outras dimensões do Universo e portanto das coisas e dos seres. Já se pode falar cientificamente no Outro Mundo, sem qualquer implicação religiosa, em bases puramente científicas.

cas, pois admite-se em face de provas de laboratório a existência do mundo da antimatéria. Na Parapsicologia a tese vitoriosa é a da existência do extrafísico no próprio homem, demonstrando a possibilidade científica da sobrevivência após a morte. E para coroar essa conquista do invisível os cientistas soviéticos acabaram de descobrir o corpo bioplástico do homem, um corpo de forma humana e de natureza energética, visível através da Câmara Kirlian de fotografia com adaptação de lentes óticas. Está rompida a barreira kantiana entre o conhecimento positivo e o chamado conhecimento sobrenatural. Não há sobrenatural: a Natureza continua em outras dimensões, que já estão sendo incorporadas ao conhecimento racional e sujeitas à pesquisa científica.

2° - O Espiritualismo, até mesmo no seio das igrejas mais sólidas e tradicionais, modificou-se e continua a modificar-se profundamente, ameaçado nas suas fortalezas antiquadas pelo avanço dos conhecimentos. Há um acelerado processo de transformação nas Igrejas, que já atingiu a própria essência de várias delas obrigando-as a modificar não só a sistemática tradicional dos cultos mas também a sua Teologia. O caso Theilhard de Chardin na Igreja Católica e o caso das Novas Teologias nas Igrejas da Reforma e suas constelações de satélites são suficientes para mostrar a profundidade da revolução havida e cujo processo continua a se desenrolar. É verdade que o sectarismo fanático e retrógrado procura reagir, mas é evidente que os seus estertores são tipicamente agônicos. O fanatismo obscurantista não tem mais nenhuma possibilidade de manter o seu domínio nos povos.

3° - A Filosofia está francamente de volta às suas raízes espiritualistas, à sua verdadeira tradição, pois ela sempre foi um campo de cogitação sobre os problemas do espírito. Passado o surto de sarampo intelectual do Existencialismo ateu de Sartre, que punha a sua ênfase na existência e aniquilava o Ser, vemo-la de volta, ainda convalescente, aos braços do misticismo alemão renascido em Heidegger, com a afirmação enfática do Ser como único objeto real da cogitação filosófica. Por outro lado, a Filosofia se impôs de novo como o elemento fundamental e agluti-

nador do Conhecimento, com sua plena capacidade de restabelecer a unidade do Saber, até agora dividido em regiões indevidamente antípodas.

Assim a situação atual se revela inteiramente favorável à solução do impasse educacional criado pelo fanatismo religioso. Científica e filosoficamente já se reconhece que a Religião é uma das províncias principais do conhecimento. As pesquisas antropológicas, sociológicas e etnológicas, apoiadas nos dados arqueológicos e na investigação psicológica e parapsicológica, demonstraram de sobejo que o homem não é apenas o animal político de Aristóteles, mas também e sobretudo o ser religioso de Arnold Toynbee, cujas construções mais grandiosas têm sempre como esteio o seu substrato fideísta.

O ecumenismo católico, embora não tenha o poder que só o desprendimento, o desapego dos bens terrenos lhe poderia dar, nem por isso deixa de ser um sinal dos tempos, uma prova de que a conciliação das crenças se impõe ao mundo religioso como uma exigência da nova situação. Como acentuou Garaudy, passamos da era do anátema à era do diálogo. A Religião tenta superar o fanatismo e o pragmatismo sectário que a haviam desfigurado. Ventos novos estão soprando na atmosfera poluída do planeta e devemos esperar que a renovem, afastando e extinguindo os elementos de poluição.

Religião nas escolas

Ao lado de todos esses eventos auspiciosos devemos assinalar o desenvolvimento das pesquisas e dos estudos universitários sobre a Religião abrangendo todos os aspectos do problema. Há um conceito novo de fé, uma nova interpretação dos fatos religiosos. A contribuição espírita – que impregnou, consciente ou inconscientemente a obra de Chardin e dos renovadores da Teologia em geral, já faz sentir a sua ação benéfica por toda parte. O próprio Espiritismo começa a ser compreendido – e pelos próprios adeptos – não mais como uma nova seita destinada a substituir as anteriores, mas como aquela forma de síntese

do Conhecimento de que nos falaram Kardec, Léon Denis e Sir Oliver Lodge, entre outros.

Tudo isso facilita a compreensão de que não podemos ter Educação sem Religião, de que o sonho da Educação Laica não passou de resposta aos grandes equívocos do passado a que acima me referi. O laicismo foi apenas um elemento histórico, inegavelmente necessário, mas que agora tem de ser substituído por um novo elemento. E qual seria essa novidade? Não, certamente, o restabelecimento das formas arcaicas e anacrônicas do ensino religioso sectário nas escolas. Isso seria um retrocesso e, portanto, uma negação de todas as grandes conquistas que vimos na apreciação da situação atual.

Reconhecendo que a Religião corresponde a uma exigência natural da condição humana e a uma exigência da consciência humana, e que pertence de maneira irrevogável ao campo do Conhecimento, devemos reconduzi-la à escola, mas desprovida da roupagem imprópria do sectarismo. Temos de introduzir nos currículos escolares, em todos os graus de ensino, a disciplina Religião ao lado da Ciência e da Filosofia. Sua necessidade é inegável, pois sem atender aos reclamos do transcendente no homem não atingiremos aos objetivos da *Paidéia* grega: a educação completa do ser para o desenvolvimento integral e harmonioso de todas as suas possibilidades.

Façamos agora justiça a Kant, que acima ficou um tanto prejudicado por sua posição agnóstica. Lembremos que, fiel aos rigores metodológicos da sua investigação, ele teve de separar o falso do real dentro das condições do saber do seu tempo. Nem por isso, entretanto, deixou de reconhecer a legitimidade dos impulsos afetivos do homem, e na *Crítica do Juízo* abriu perspectivas para a compreensão que hoje atingimos. Nele encontramos a idéia de Deus reconhecida como o supremo conceito que é dado à criatura humana formular, pois que essa idéia suprema representa uma síntese do Todo. E nele encontramos também a definição de Educação como desenvolvimento no homem de toda a sua perfectibilidade possível.

O próprio Kant, portanto, que respondeu pelo divisionismo do campo do Conhecimento, pode agora responder pela sua

reunificação. E é realmente o que acontece, no momento, graças à corrente neokantiana da Filosofia contemporânea, onde depa-ramos com a Pedagogia renovadora de Kerchensteiner e René Hubert, aquele na Alemanha e este na França, pregando uma Educação que tem por fundamento a Filosofia do Espírito. Nessa forma nova de Educação a Religião comparece, não como um ensino dogmático e sectário, mas como uma resposta às exigên-cias conscienciais do homem, esclarecendo-lhe os problemas da existência de Deus, da natureza espiritual das criaturas e da sua destinação transcendente. Não é o padre, nem o pastor, nem o rabi, nem a catequista que vão dirigir a cadeira, mas o professor especializado no assunto, tratando dos problemas religiosos como se trata dos filosóficos e dos científicos.

De posse dos dados fornecidos pela disciplina escolar o edu-cando decidirá por si mesmo, de acordo com a sua vocação, as suas tendências e preferências, o setor religioso em que se locali-zará, se for o caso. Mas poderá também apoiar-se nesses dados para o desenvolvimento da sua própria religião, da sua posição pessoal – pois como demonstrou Bergson, comprovando Pesta-lozzi, existe a religião dinâmica individual que não se cristaliza em estruturas sociais.

Alegarão certamente os sectários que essa forma de ensino religioso livre e optativo (compreenda-se bem: optativo no sentido de facultar ao educando escolher ou não uma religião, mas obrigatório nos currículos escolares) equivale ao laicismo vigente. Porque o sectário só entende por religião válida a que ele professa. Aconteceria o mesmo no campo da Filosofia se um professor fanático entendesse que só a escola filosófica de sua preferência devesse ser ensinada. Mas os espíritos arejados, abertos, compreenderão a importância do ensino religioso como disciplina universitária nos cursos superiores e como matéria didática de informação geral no primário e no secundário.

Os programas incluirão, nesse caso, os dados objetivos da O-rigem e História das Religiões, da Filosofia da Religião, da Sociologia e da Psicologia da Religião, dentro do objetivo de formação cultural do aluno. Claro que no curso primário o programa seria adequado, tratando da existência de Deus, de seu

poder criador e mantenedor do Universo, do sentimento religioso que a sua existência desperta nas criaturas, das relações entre Deus e o homem, da função das religiões na vida humana, da importância dos valores religiosos para a formação da personalidade e assim por diante. No secundário já se poderia, além do necessário desenvolvimento maior desses temas, incluir elementos de História das Religiões, das provas da sobrevivência do homem após a morte, das relações entre o mundo visível e o mundo invisível, da função pragmática das religiões e assim por diante.

Dessa maneira a Educação não seria parcial, voltada apenas para os problemas imediatos da vida, mas forneceria elementos racionais para a formação espiritual do educando. E por isso mesmo não seria também religiosa no sentido estreito e superado do sectarismo ainda hoje dominante. Essa providência me parece urgente, pois estamos, como já vimos, às portas de uma civilização espiritualista e não podemos continuar educando as crianças e os jovens nos moldes obsoletos do passado. Educação sem religião é atualmente absurda, como absurda é também a educação materialista que continuamos a aplicar.

Nascimento da Educação Cristã

A própria existência da educação Judaica, independente e inteiramente distinta da Educação Greco-romana, indicava ao Cristianismo a possibilidade e a necessidade de organização do seu sistema educacional. O exemplo histórico, por sua vez, corroborava as exigências teóricas da nova doutrina. Assim, a prática judaica e a teoria cristã dariam nascimento a um novo tipo de educação, correspondente às aspirações da nova era que brotava dos ensinamentos de Jesus. Mais tarde – como sempre acontece em Educação – teria de surgir a Pedagogia Cristã, que por sinal se dividiria em vários sistemas pedagógicos, adaptados às várias correntes que surgiriam na interpretação evangélica.

Bastaria o conhecimento deste fato histórico, obrigatoriamente registrado nos tratados de Pedagogia, para mostrar a professores e leigos, espíritas ou não, a legitimidade da Educação Espírita – que já é um fato concreto e portanto histórico em nossos dias – e a necessidade de formulação da Pedagogia Espírita. Só o desconhecimento da História da Educação e a ignorância do processo de nascimento da Educação Cristã pode levar alguém a se opor ao desenvolvimento da Educação Espírita e conseqüente aparecimento do sistema pedagógico correspondente.

Além das bases históricas (judaicas) a Educação Cristã se fundamentou ainda no próprio exemplo de Jesus e de seus discípulos, entre os quais se destaca, por sua cultura e sua atividade intensiva, a figura do apóstolo Paulo. Lorenzo Luzuriaga, na sua *História da Educação e da Pedagogia*, oferece-nos este trecho que devia ser amplamente divulgado no meio espírita:

“A Educação Cristã se realizou, nos primeiros tempos, direta e pessoalmente. Os educadores foram o próprio Jesus – o Mestre por excelência – os apóstolos, os evangelistas e, em geral, os discípulos do Cristo. Era então uma educação sem escolas, como aconteceu com a budista, a judaica, e em geral com todas as religiões em seus primeiros tempos.”

Note-se que Luzuriaga refere-se a outros exemplos históricos, relativos a outras religiões. Sabemos que a forma pessoal e direta

de educação marca sempre o início de qualquer desenvolvimento de novo sistema educacional. É um fenômeno obrigatório e constante em todo o campo educativo e corresponde ao período inicial da educação familiar em todas as civilizações. Toda educação começa sempre pelo ato de educar, que se passa necessariamente entre duas ou mais pessoas. Jesus iniciou a Educação Cristã ao ensinar pessoalmente os fundamentos da nova doutrina ao povo.

Henri Marrou, professor da Sorbonne, em sua famosa *Histoire de L'Education dans L'Antiquité*, que todo estudante de pedagogia deve obrigatoriamente conhecer, abre com as linhas abaixo o seu capítulo sobre o Cristianismo em face da Educação Clássica:

“A expressão educação cristã é encontrada nos escritos de São Clemente de Roma, lá pelo ano 96. São Paulo, antes dele, já se preocupara em aconselhar os pais sobre a maneira de educar os filhos: essa é uma preocupação constante do Cristianismo. (1 Coríntios; Efésios; Colossenses.)”

Pode-se alegar que a Educação Cristã era, de início, puramente religiosa. O mesmo aconteceu com todas as formas de educação nascidas das grandes religiões. A própria Educação Geral, que abrange todas as formas específicas, também se iniciou com os rituais das tribos. Na proporção em que o Cristianismo se propagava e se institucionalizava, a incipiente educação cristã ia amadurecendo e se definindo. Foi por volta de 179 que o filósofo grego Pantenus, convertido ao Cristianismo, fundou em Alexandria a primeira escola de catequistas. Os didáscalos, catequizadores sem preparo, iam ser substituídos por professores formados em curso especial, de natureza enciclopédica. Clemente e Orígenes faziam dessa escola, mais tarde, o mais importante centro de cultura religiosa da época.

Podemos dizer que, com a iniciativa do filósofo Pantenus, a educação cristã deu um verdadeiro salto qualitativo, atingindo a institucionalização em plano superior.

A pedagogia cristã

A Pedagogia propriamente dita só aparece depois do desenvolvimento da Educação. Porque a Pedagogia é o estudo, a pesquisa, a reflexão sobre o processo educacional. Assim, cada novo sistema educacional surge e se desenvolve sob a pressão das necessidades culturais, amparado por uma orientação pedagógica estranha. A Educação Cristã se desenvolveu em meio da cultura clássica greco-romana, mas sob a influência pedagógica da Educação Judaica. As culturas grega, romana e judaica geraram historicamente a nova cultura cristã. Assim, a Educação Clássica e a Educação Judaica foram as fontes naturais de que surgiu a Educação Cristã.

Jesus reformou o Judaísmo e dessa reforma saiu o Cristianismo. Os cristãos, a partir do impulso inicial do próprio Cristo (o Mestre por excelência), teriam de reformar a Educação Clássica e a Educação Judaica, e dessa reforma surgiria a Educação Cristã. Só assim, nessa perspectiva histórica, poderemos compreender a continuidade natural que existe no processo educacional. Cada nova Educação não é a negação da anterior, mas o seu desenvolvimento.

O fenômeno de transmissão da cultura através das gerações explica as metamorfoses educacionais. *A reelaboração da experiência*, segundo a tese de Dewey, implica o aproveitamento dos valores adquiridos pela cultura anterior. O Cristianismo se apresenta, ainda hoje, sobrecarregado de heranças pagãs e judaicas. Essas heranças pesaram também no desenvolvimento da Educação Cristã. Mas na era patrística, entre os séculos III e IV, elas vão servir para a elaboração da Pedagogia Cristã. Os primeiros pedagogos cristãos eram homens formados no seio da Pedagogia Clássica greco-romana e influenciados (escuritística e teologicamente) pela Pedagogia Judaica.

Clemente de Alexandria, autor de *O Pedagogo*, primeiro tratado pedagógico do Cristianismo, fora formado na Filosofia grega e deu ao professor cristão o nome de *logos*. Seu famoso discípulo e continuador, Orígenes, autor da *Suma Teológica*

Metafísica, teve a mesma origem cultural e considerava a Filosofia como o preâmbulo da Religião. Basílio, fundador da escola monástica, já se desprende da herança grega mas se apega à judaica, especialmente às Escrituras. Quintiliano e Jerônimo desenvolvem métodos especiais e se voltam mais para a essência cristã dos Evangelhos. Com São Bento a Educação Cristã já começa a abrir suas portas para o mundo, saindo do recinto fechado dos mosteiros para aceitar alunos externos. Mas é com Agostinho, autor de *A Cidade de Deus*, *O Mestre de Deus*, *O mestre e Da Ordem*, que a herança platônica se acentua vigorosamente na Pedagogia Cristã, ao mesmo tempo em que os elementos fundamentais da Pedagogia Pagã são adaptados à Escola Cristã e nela integrados: as artes liberais, a retórica, a eloquência, a cultura física.

Na segunda metade do século IV temos o episódio curioso de Juliano, o apóstata. O imperador Juliano, que subiu ao trono em 361 e se fizera cristão, apostatou e dedicou-se ao restabelecimento do helenismo. A 17 de Junho de 362 expediu uma lei, explicada por uma circular, impedindo os professores cristãos de lecionarem nas escolas imperiais. Alegava que era imoral a posição desses professores ao ensinarem Homero ou Hesíodo sem acreditarem nos deuses mitológicos. Isso provocou uma reação dos cristãos, que passaram a adaptar textos do Velho Testamento ao ensino das letras nas escolas cristãs. Assim, Juliano o apóstata ajudava a escola cristã a se firmar na sua autonomia cultural.

Encerramos este breve apanhado do nascimento da Educação Cristã com um episódio significativo. Como podiam os professores cristãos ensinar na escola pagã sem trair os seus princípios, a sua fé, e ao mesmo tempo sem trair o paganismo? Juliano o apóstata tinha razão. Como diz o provérbio popular: não se pode andar com os pés em duas canoas. E como poderiam os alunos cristãos aceitar o ensino pagão sem renunciar à sua própria formação cristã iniciada no lar?

Esse episódio esclarece bem a situação atual dos professores e alunos espíritas. Como podem eles ensinar e aprender aquilo que consideram errado, nas escolas materialistas e religiosas de hoje? Como podem os alunos espíritas consolidar a sua cultura

espírita em escolas que não aceitam os princípios doutrinários, que os refugam e condenam sem os conhecer? Estamos hoje, como os cristãos do século IV, perante um dilema cultural de profundas implicações éticas. E é por isso, evidentemente, que assistimos ao nascimento da Educação Espírita.

Nascimento da Educação Espírita

Cada fase da evolução histórica é marcada por uma nova concepção do homem e do mundo. É conhecido o esquema formulado por Augusto Comte mas convém repeti-lo. A evolução humana se processa em três estados ou três fases bem caracterizadas:

- 1) o *estado teológico*, representado pelas civilizações teocráticas e mitológicas da Antigüidade;
- 2) o *estado metafísico*, simbolizado pela Idade Média;
- 3) o *estado positivo*, a que corresponde o Positivismo como filosofia científica, representado pela era das Ciências.

Um leitor da *Revista Espírita* escreveu a Allan Kardec propondo a esse esquema, que Comte chamou de *lei dos três estados*, o acréscimo do *estado psicológico*. Kardec publicou a carta na Revista de Abril de 1869 e considerou acertada a sugestão do leitor. De fato, com o advento do Espiritismo em 1857 o *estado positivo* havia sido superado, a Humanidade entrava em nova fase evolutiva caracterizada pelo predomínio das pesquisas psicológicas.

O acerto dessa proposição se confirmou no decorrer da segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX. As Ciências Psicológicas, tanto no que respeita à Psicologia quanto no tocante ao Espiritismo e às Ciências Psíquicas por ele geradas, desenvolveram-se de tal maneira nesse período que acabaram predominando na cultura do século. Nesta segunda metade do século XX, em que nos encontramos, o avanço nesse campo de pesquisas e estudos ultrapassou toda expectativa.

Estamos hoje, inegavelmente, na Era do Espírito. Já passamos além do *estado psicológico*, que era apenas o vestíbulo de uma fase decisiva da evolução humana. Estamos no *estado espírita*. Em apenas alguns anos, de 1930 a 1970, demos um gigantesco *salto qualitativo* – da Psicologia animista, reduzida às investigações do comportamento humano, à Parapsicologia, que rapidamente avançou na demonstração da realidade do espírito, a partir dos fenômenos rudimentares de clarividência e telepatia até à

pesquisa e comprovação das comunicações de espíritos (fenômenos theta) e da reencarnação (memória extracerebral). Ao mesmo tempo, a Física, *Ditadora das Ciências*, como Rhine a chamou, cujos conceitos e métodos de investigação materialista se impuseram discricionariamente a todo o campo do conhecimento, *saltou* repentinamente além da matéria, descobrindo a antimatéria, reconhecendo a sua importância fundamental na estrutura do Universo, e logo mais descobrindo o corpo bioplástico dos vegetais, dos animais e do homem.

Corroborando essas conquistas terrenas houve também o assalto ao Cosmos pela Astronáutica. Esse mergulho no Infinito trouxe mais uma possibilidade de confirmação da chamada *hipótese espírita*, tão ridicularizada e menosprezada pelos *homens positivos*, no tocante à existência de uma *escala dos mundos*. Pesquisas astro-biológicas revelaram a existência de elementos vitais na imensidade cósmica e os cientistas mais eminentes já não temem declarar a sua convicção da possibilidade de vida humana em outros planetas.

Para negar que estamos na Era do Espírito seria preciso negar todos esses avanços da Ciência, o que evidentemente ninguém pode fazer.

A outra face do real

No mesmo instante em que o homem conseguiu ver, pela primeira vez na História, a face oculta da Lua, os cientistas soviéticos (logo eles) conseguiram, em suas pesquisas com a câmara Kirlian, na Universidade de Alma Ata, nos confins do Casaquestão, próximo à fronteira chinesa (bem escondidos nas selvas) ver e fotografar o corpo espiritual do homem. E conseguiram mais, em experiências com moribundos, pesquisando o fenômeno da morte, constatar que esse fenômeno só ocorre quando o *corpo bioplástico* (como o chamaram) se retira do corpo carnal, que então e só então se cadaveriza.

O Cristianismo havia conseguido a conversão do mundo. O Espiritismo está conseguindo a conversão da Ciência. A visão

nova dos cristãos modificou as relações humanas, mesmo nas áreas não dominadas pelo Cristianismo, e criou uma nova cultura. A visão novíssima do Espiritismo deu novas dimensões à visão cristã e está criando uma nova civilização. Segundo a conceituação de Kerchensteiner a cultura se divide em objetiva e subjetiva. A *cultura objetiva* se constitui dos bens concretos que formam a civilização, a *cultura subjetiva* representa o acervo de conhecimentos abstratos que formam o saber de cada civilização.

A cultura, tanto objetiva como subjetiva, da Era do Espírito, não pode ser transmitida às novas gerações através dos limitados recursos da Educação Cristã ou da Educação Leiga, ambas irremediavelmente superadas. O conflito *materialismo versus espiritualismo*, que gerou essas duas formas de educação, não tem mais possibilidades de sobreviver na cultura atual. A nova concepção do homem e do mundo que marca o nosso tempo exige uma nova educação de dimensões cósmicas e espirituais. Porque a Era do Espírito é também a Era Cósmica. E só o Espiritismo tem condições para atender a essa exigência do nosso tempo, através da Educação Espírita, que já se desenvolve espontaneamente aos nossos olhos e por sua vez exige a sua formulação pedagógica.

A descoberta do espírito

Em 1854 o Prof. Denizard Rivail começou a investigar os fenômenos psíquicos que haviam, nove anos antes, abalado os Estados Unidos e repercutido intensamente na Europa. Discípulo de Pestalozzi, o grande pedagogo da época, e ele também pedagogo, interessava-se por todos os fenômenos que pudessem dar-lhe um conhecimento mais profundo da natureza humana. Partia do princípio de que o objeto da Educação é o homem e por isso o pedagogo tinha por dever aprofundar o conhecimento deste. Em 1857 lançava em Paris *O Livro dos Espíritos* como primeiro fruto de suas pesquisas. Havia descoberto o espírito, determinado a sua forma, a sua estrutura, as leis naturais (e não sobrenaturais) que regem as suas relações com a matéria. Podia afirmar, basea-

do em provas, que a natureza do homem é espiritual e não material, que ele sobrevive à morte, que possui um corpo energético, e se submete ao processo biológico da reencarnação para evoluir como Ser, despertando em sucessivas existências as suas potencialidades ônticas.

Se Jesus ensinara essas coisas, na medida do possível, nos limites culturais do seu tempo, Denizard Rivail, que para tanto adotava o nome de Allan Kardec, passava então a ensiná-las de maneira mais ampla e com maiores recursos culturais. Tornou-se o *professor de Espiritismo*, como passaram a chamá-lo os que aceitaram *a sua verdade*. Para isso lançou uma revista especializada, a *Revue Spirite*, e passou a fazer conferências e publicar livros e folhetos em linguagem didática, bem acessível ao povo. Estava iniciada a Educação Espírita.

Para bem configurarmos o nascimento da Educação Espírita convém lembrar que Amélie Boudet, esposa de Kardec, era também professora. Sabemos como ela colaborou na obra do marido e como, após o passamento deste, empenhou-se em honrar-lhe a memória. O casal não teve filhos. A Educação Espírita foi assim a sua única filha. Essa filha mimada, extremamente querida, esteve junto ao seu coração até o fim de sua existência. O Prof. Rivail serviu-se dela para educar e instruir o seu tempo, não só no tocante à França, mas a todo o mundo.

André Moreil, em sua *Vida e Obra de Allan Kardec*, mostra-nos que o Prof. Rivail não foi apenas discípulo de Pestalozzi, mas o continuador da obra educacional do mestre: “É interessante notar que a impressão das obras completas de Pestalozzi termina exatamente no ano em que Rivail publicou a sua primeira obra, em 1824. Esta coincidência vem provar que uma tocha foi passada de mão para mão. Rivail iria trabalhar durante trinta anos para a educação da juventude francesa, antes de se consagrar, nos seus últimos quinze anos, aos princípios do Espiritismo.”

Poderiam perguntar por que motivo Kardec não nos deixou nenhuma obra específica de Educação Espírita. A resposta é evidente: porque ainda era cedo para isto e porque faltou-lhe tempo para se dedicar a assunto tão complexo. A codificação do

Espiritismo, a Revista, as obras subsidiárias, os trabalhos de observação e pesquisa, a refutação incessante dos ataques feitos à doutrina consumiam-lhe o tempo. E os espíritos recomendavam-lhe a todo momento poupar energias, para não deixar de concluir a sua missão de implantar a nova doutrina entre os homens.

A obra pedagógica e didática do Prof. Rivail é enorme e foi adotada pela Universidade de França. Mas o Tratado de Pedagogia com que ele sonhara não pôde ser escrito. Sua missão espírita era demasiado absorvente e ele estava só, terrivelmente só. A esposa o auxiliava e havia muitos colaboradores sinceros, mas só ele percebia o alcance real do Espiritismo. Assim, os grandes trabalhos não podiam ser feitos por mais ninguém. Mas se não conseguiu fazer o necessário no tocante à Educação Espírita, a verdade é que deixou a sua obra doutrinária impregnada do ideal educacional. O Espiritismo, diziam-lhe os Espíritos, tem por missão modificar o mundo inteiro. E Kardec afirmaria em *O Livro dos Espíritos*, de acordo com a sua orientação anterior de pedagogo: “A educação é a chave do progresso moral”.

Encarando o problema da evolução do mundo, Kardec adverte em sua obra fundamental: “O Espírito só pode avançar gradualmente. Não pode transpor de um salto a distância que separa a barbárie da civilização” (perg. 271). A importância da Educação Espírita ressalta deste trecho: “Encarnando-se com o fim de se aperfeiçoar, o Espírito é mais acessível na infância às impressões que recebe e que podem ajudar o seu adiantamento, para o qual devem contribuir os que estão encarregados da sua educação.” (perg. 383.)

A Educação Espírita aparece em Kardec também no seu aspecto transcendente. Não é apenas a educação do homem pelo homem. E também a educação ministrada pelos Espíritos Superiores. Que bela visão desse processo educativo ele nos oferece neste trecho: “A verdadeira doutrina espírita está no ensino dos Espíritos. Os conhecimentos que esse ensino encerra são demasiado sérios para ser adquiridos sem um estudo profundo e continuado, feito no silêncio e no recolhimento.”

O ensino espírita

O que Kardec entendia por *estudo profundo e continuado* não era apenas autodidatismo, segundo parece sugerir a expressão: *no silêncio e no recolhimento*. Alguns espíritas desavisados escudam-se nessa expressão para condenar os cursos doutrinários. E o fazem em nome do pedagogo e professor que passou a sua vida dando cursos e nos deixou, no Projeto de 1886, este conselho que é ao mesmo tempo uma advertência:

“Um curso regular de Espiritismo seria dado com o fim de desenvolver os princípios da Ciência Espírita e propagar o gosto pelos estudos sérios. Esse curso terá a vantagem de criar a unidade de princípios, de obter adeptos esclarecidos, capazes de difundir as idéias espíritas e de desenvolver grande número de médiuns. Encaro este curso como capaz de exercer influência capital no futuro do Espiritismo e em suas conseqüências.”

Hoje, mais do que nunca, diante da expansão do Espiritismo em nosso país e de sua repercussão no mundo, o problema do ensino espírita se acentua como necessidade imperiosa. O Espiritismo é uma ciência, como ensinava Kardec, da qual resultam naturalmente uma filosofia e uma religião. Seria possível a divulgação de uma doutrina assim complexa, que *toca em todos os ramos do saber*, segundo o próprio Kardec afirmou, sem a criação de cursos regulares, dados por professores competentes? Quem negar isso deve estar seriamente afetado por uma doença muito grave, que nos vem da Idade da Pedra: *a alergia à cultura*.

O Prof. Remy Chauvin, da Escola de Altos Estudos de Paris, declarou há pouco tempo que existe entre os cientistas uma doença semelhante, e que deu o nome de *alergia ao futuro*. No meio espírita constatamos hoje a existência, em forma aguda e até mesmo delirante, de uma conjugação dessas duas formas de alergia. Os espíritas anticulturais não querem os cursos (alergia à cultura) porque temem as modificações salutares que eles produzirão na rotina das igrejinhas espiritóides (alergia ao futuro). Querem continuar dormindo nas suas ilusões, balançando-se na rede de suas idéias fragmentárias e seus conhecimentos superfi-

ciais da Doutrina Espírita. Podem escrever muito e falar demais, mas basta um ligeiro exame das suas idéias para que a doença grave se revele na análise.

O ensino espírita, como todo e qualquer ensino, requer sistematização escolar. A fase *sem escolas* da Educação Espírita, como a de qualquer outra forma educacional, pertence aos primórdios do movimento espírita. E isso não se precisa demonstrar por argumentos, pois os fatos o estão demonstrando aos nossos olhos. Onde os fatos falam por si mesmos os argumentos ficam sobrando. A rede escolar espírita é hoje uma realidade concreta e se estende desde o grau mínimo ao grau máximo do ensino, desde o pré-primário até o universitário.

Além dessa propagação, que vai num crescendo irreversível, da escola espírita em todos os graus de ensino, temos os cursos de preparação doutrinária nas Federações, nos Centros, nos Grupos, nos Hospitais e assim por diante. Temos ainda os Institutos de Cultura Espírita, que realizam cursos regulares e estão se multiplicando pelo país. A escola espírita não é mais um sonho, uma hipótese, uma utopia – é uma realidade concreta, social e cultural, que avança para um futuro esplendente.

Alguns observadores menos avisados (seria bom que estivessem avisados da inutilidade da luta contra o progresso) estranham o que chamam de mistura de matérias escolares com princípios espíritas. Esse é mais um grave sintoma de misoneísmo. Revelam assim uma concepção muito estreita do Espiritismo, esquecendo-se de que o próprio Kardec afirmou em *A Gênese*, respondendo aos que perguntavam porque o Espiritismo veio tão tarde, que isso aconteceu porque ele toca em todos os ramos das Ciências e era preciso que estas se desenvolvessem para que ele surgisse.

A tragédia espírita tem sido essa, desde o tempo do Codificador. Há sempre em nosso meio um certo número de pessoas ilustradas que se revelam incapazes de abranger no seu entendimento as dimensões da doutrina. Empacaram no meio do caminho e não querem avançar nem permitir que os outros avancem. Talvez seja um fenômeno de apego afetivo, com fundas raízes no egoísmo. Querem o Espiritismo somente para elas ou para um

reduzido número de eleitos entre os quais figuram. Mas desde que Eurípedes Barsanulfo fundou e dirigiu, com admirável proveito, o Colégio Allan Kardec em Sacramento, lá pelos idos de 1909, ninguém mais conseguiu nem conseguirá deter a marcha da escola espírita. Porque ela corresponde a uma necessidade vital desta fase de transição da vida terrena. É uma exigência da evolução da Humanidade, do progresso da Terra.

Por isso mesmo a Educação é hoje o tema mais importante da atualidade doutrinária. Todos querem progredir, esclarecer-se, orientar seus filhos. E todos sentem, todos sabem que a escola espírita é a única realmente capaz de preparar as novas gerações para a nova era que está surgindo. Só os alérgicos resmungam contra essa maravilhosa vitória do Espiritismo no mundo, contra essa manifestação incontrolável do poder das idéias espíritas – que tudo arrastam em direção ao futuro. Felizes as novas gerações brasileiras, que dentro em breve poderão formar-se inteiramente nas escolas espíritas, recebendo a educação integral que só elas podem dar, – sem as deturpações dogmáticas do sectarismo religioso e sem as deformações pretensiosas do academismo materialista.

Neste Natal devemos agradecer a Jesus a concessão que nos fez, permitindo ao Brasil a graça de ser o país pioneiro da Educação Espírita na Terra. A Argentina já nos acompanha com entusiasmo. No Congresso de Mar Del Prata, no ano passado, o tema central de estudos e debates foi a Educação Espírita, que empolgou as delegações da Confederação Espírita Panamericana, revelando a unidade continental dos espíritas a respeito. O Congresso, num dos itens das suas conclusões, reconheceu a existência da Educação Espírita em forma institucionalizada. Esse reconhecimento foi feito em face da situação escolar espírita no Brasil e graças à Revista *Educação Espírita*, que leva hoje para o mundo a boa nova das nossas realizações educacionais.

Testemunho de Kardec

Kardec não foi apenas o iniciador da Educação Espírita. Foi também a primeira testemunha da eficácia dessa nova forma de educar. Na *Revista Espírita* de Fevereiro de 1864, no editorial intitulado *Primeiras lições de moral na infância* (página 37 da edição brasileira) analisa com exemplos algumas contribuições do Espiritismo para modificar a educação vigente. E afirma: “Ele já prova a sua eficácia pela maneira mais racional por que são educadas as crianças nas famílias verdadeiramente espíritas.”

Esse testemunho de Kardec é dos mais significativos por mostrar como toda forma nova de educação é inerente a uma nova concepção do mundo. Esse é um princípio pacífico em filosofia educacional, mas os leigos no assunto não o conhecem. Por isso, muitas pessoas que falam e escrevem no meio espírita, podendo ser ilustradas em outros setores, chegam a estranhar que se fale em educação espírita, coisa que lhes parece estranha e descabida. Um pouco de observação lhes mostraria que, sendo a educação o meio de transmissão da cultura, toda alteração fundamental no conhecimento, no saber, terá forçosamente de repercutir na educação.

Por outro lado, esse testemunho de Kardec nos mostra que a Educação Espírita começou bem cedo, na forma tradicional de educação familiar. Nas famílias espíritas da França de então as crianças já eram iniciadas na maneira nova de ver o mundo que o Espiritismo oferece. O pedagogo e o educador que era Kardec não podia deixar de observar esse fato com alegria. Porque esse fato confirmava, ao mesmo tempo, o valor e a legitimidade da Filosofia Espírita – pois toda Filosofia, como nos ensinam os mestres, desemboca fatalmente numa Moral, que por sua vez exige uma Educação para transmitir-se às novas gerações.

Formação do novo homem

A tarefa da Educação Espírita é a formação de um homem novo. A Educação Clássica greco-romana formou o *cidadão*, o

homem vinculado à cidade e suas leis, servidor do Império; a Educação Medieval formou o *cristão*, o homem submisso a Cristo e sujeito à Igreja, à autoridade desta e aos regulamentos eclesiásticos; a Educação Renascentista formou o *gentil-homem*, sujeito às etiquetas e normas sociais, apegado à cultura mundana; a Educação Moderna formou o *homem esclarecido*, amante das Ciências e das Artes, cético em matéria religiosa, vagamente deísta em fase de transição para o materialismo; a Educação Nova formou o *homem psicológico* do nosso tempo, ansioso por se libertar das angústias e traumas psíquicos do passado, substituindo o confessionário pelo consultório psiquiátrico e psicanalítico, reduzindo a religião a mera convenção pragmática.

Nesse rápido esquema temos uma visão do desenvolvimento do processo educacional e de suas conseqüências. Não pretendemos que seja uma visão perfeita e completa. É apenas um esboço destinado a nos orientar na compreensão do assunto. E vemos que ele pode nos dar uma idéia negativa da Educação, mas se refletirmos a respeito veremos o contrário. Do homem submisso ao Estado ou a Deus, preso a leis, regras e convenções que o amoldam e desfiguram, avançamos para o homem livre do futuro, responsável por si mesmo, que chega a se revoltar contra o próprio Deus no seu profundo anseio de liberdade, mas sempre em busca da sua afirmação como Ser.

Essa afirmação é a que nos traz o Espiritismo com as provas científicas da sobrevivência e a perspectiva da imortalidade, com a desmitização da morte, com a racionalização do nebuloso conceito de Deus e de suas relações com o homem, com o esclarecimento decisivo do destino do homem e da razão de ser da vida e suas peripécias. Cabe, portanto, à Educação Espírita formar o homem consciente do futuro, que já começa a aparecer na Terra, senhor de si, responsável direto e único pelos seus atos, mas ao mesmo tempo reverente a Deus, no qual reconhece a Inteligência Suprema do Universo, causa primária de todas as coisas.

Não é mais possível educar as gerações novas segundo nenhum dos tipos anteriores de Educação. Daí a rebeldia que vemos nas escolas, a inquietação da juventude, insatisfeita com a

ordem social e cultural, ambas obsoletas, em que se encontram. A Educação Espírita se impõe como exigência dos tempos. Só ela poderá orientar os espíritos para a formação do homem novo, consciente de sua natureza e de seu destino, bem como de pertencer à Humanidade cósmica e não aos exíguos limites da humanidade terrena. Só ela pode nos dar, nesse homem novo, a síntese de todas as fases da evolução anterior, numa formulação superior. Porque o homem espírita – ou o homem consciente – que essa nova Educação nos dará, será ao mesmo tempo o cidadão, o cristão, o gentil-homem, o homem esclarecido e o homem psicológico, mas na conjugação de todos esses elementos numa dimensão espiritual e cósmica.

Com isso não queremos dizer que toda a Humanidade se converta ao Espiritismo, mas tão somente que os princípios fundamentais do Espiritismo serão as coordenadas do futuro, marcando o âmbito conceptual e ético da nova formação educacional. Não foi necessário que toda a Humanidade se convertesse ao Cristianismo para que os princípios deste remodelassem o mundo. O mesmo acontecerá com o Espiritismo. A função da Educação Espírita é portanto a de abrir perspectivas novas ao processo educacional, adaptando-o às necessidades novas que surgiram com o desenvolvimento cultural e espiritual do homem. As escolas espíritas – como as escolas cristãs o fizeram – serão os centros dinamizadores da renovação. E a Pedagogia Espírita – como o fez a Pedagogia Cristã – orientará a nova concepção educacional que está nascendo em nossos dias.

Por outro lado, correntes avançadas da Pedagogia Contemporânea, como especialmente a do neokantismo, representada por Kerchensteiner na Alemanha e René Hubert na França, darão sua contribuição para o desenvolvimento dessa profunda revolução educacional em marcha. Seria bom, por sinal, que os educadores espíritas procurassem aprofundar-se no estudo do *Traité de Pédagogie Générale*, de Hubert, que nos parece um verdadeiro monumento de renovação educacional dentro das coordenadas espíritas.

Como vemos, o nascimento da Educação Espírita ainda não se completou. Começando com Kardec, há mais de um século,

ainda está se processando em nossos dias. Por isso mesmo, somos todos convocados a participar desse acontecimento espiritual, contribuindo cada qual da maneira que puder para que ele se complete o quanto antes.

A Pedagogia de Jesus

O que revela a existência de um pensamento pedagógico na orientação educacional dada por um mestre não são os seus títulos, são as coordenadas e a estrutura do seu ensino. Toda pedagogia se funda numa filosofia. No caso de Jesus a filosofia básica é a dos Evangelhos. Essa filosofia, que é a própria essência do Cristianismo, fornece a Jesus as diretrizes do seu ensino. E da análise dessas diretrizes resulta o reconhecimento, já largamente efetuado no plano pedagógico, de uma verdadeira Pedagogia de Jesus.

O Pensamento pedagógico, orientador dos processos educacionais superiores, resulta da reflexão sobre os problemas da educação. Jesus não era um educador no sentido comum da palavra. Não possuía, como homem, nenhuma experiência educativa. Sua profissão era a do pai, segundo a tradição familiar: carpinteiro. Deixando de lado os problemas referentes à sua origem e natureza divinas e encarando humanamente os fatos poderíamos falar numa Pedagogia de Jesus?

A História nos mostra o aparecimento de gênios que superaram por si mesmos as deficiências de sua formação cultural e deram lições aos mestres qualificados. Esse é um capítulo que constitui verdadeiro mistério da Ontogênese, a ciência que trata da formação dos seres. Mas no Espiritismo o problema se esclarece facilmente com a lei da reencarnação. Esta lei nos explica que os espíritos se encarnam em diferentes graus de evolução, o que por sua vez explica as vocações que superam o meio cultural em que nascem certas criaturas e conseqüentemente resolve o problema da genialidade.

Francisco Arroyo, em sua monumental *História Geral da Pedagogia*, sustenta o seguinte: “Com o Cristianismo aparece um novo tipo histórico de educação. – Jesus é o modelo perfeito do mestre cristão. Clemente de Alexandria chama-o de Pedagogo da Humanidade.” O mesmo autor nos fornece esta breve mas expressiva lista de obras a respeito: *Cristo como Mestre e Educador*, de S. Raue, Berlim, 1902; *Didática de Cristo*, Metzler,

publicado em Kempton, 1908; *Jesus, Educador de seus Apóstolos*, G. Delbrel, Paris, 1916.

Os historiadores da Educação e da Pedagogia, entre os quais Monroe, Hubert, Luzuriaga, Marrou, Riboulet, Messer, Bonatelli, todos reconhecem a existência de uma Pedagogia de Jesus que deu origem às várias formas da Pedagogia Cristã, nascida, como nota Arroyo, entre as formas pedagógicas da *Humanitas* latinas e da *Paidéia* grega. Não se trata, pois, de uma novidade ou de um problema controverso, mas de assunto pacífico no campo pedagógico.

Fundamentos pedagógicos

Os fundamentos pedagógicos do ensino de Jesus estão na sua concepção do mundo, abrangendo o homem e a vida. Essa cosmovisão se opõe à concepção pagã e à concepção judaica. Jesus, assim, não é apenas um reformador religioso, mas um filósofo na plena acepção da palavra. Ele modifica a visão antiga do mundo e essa modificação atinge a todas as filosofias do tempo, não obstante os pontos de concordância existentes com várias delas. Bastaria isso para nos mostrar, à luz da Ciência da Educação, a legitimidade da tese que inclui Jesus entre os grandes educadores e pedagogos, colocando-o mesmo à frente de todos. Não se trata de uma posição religiosa, mas de uma constatação científica.

A comparação entre a idéia de Deus do Velho Testamento e a idéia de Deus do Novo Testamento mostra-nos a diferença entre o mundo judeu e o mundo cristão. O Deus de Jesus é o pai de todas as criaturas, sem distinção de raças ou posições sociais. Essa paternidade universal determina a fraternidade universal. O Deus-Pai do Evangelho não é vingativo nem irado, não comanda exércitos para destruir povos e nações, mas ama a todos os seus filhos, quer a salvação de todos e a todos concede o seu perdão generoso. Como diria Paulo mais tarde, o tempo da lei e da força fora substituído pelo tempo da graça e do amor.

Os deuses olímpicos, cheios de paixões humanas, e os deuses brutais dos fenícios e dos babilônios, os deuses monstruosos dos egípcios, dos indianos e dos chineses são substituídos pelo Deus-amor e paternal do Evangelho. O próprio Jeová irascível dos judeus, ciumento e vingativo, perde o seu poder sobre o mundo. Os pobres, os doentes, os sofredores, os escravos deixam de ser os condenados dos deuses e passam à categoria de bem aventurados. A virtude não está mais na bravura e no heroísmo sangrento de gregos e romanos, mas na paciência e no perdão. Dar é melhor do que conquistar, humilhar-se é melhor do que vangloriar-se, responder ao mal com o bem é a regra da verdadeira pureza espiritual. Os mortos não estão mortos, nem mergulhados nas entranhas da terra à espera do juízo final, mas estão mais vivos que os vivos.

Da velha lei judaica não é modificado um só ponto referente ao bom procedimento do homem da Terra, mas tudo o mais é substituído pelo contrário. O culto a Deus é virado pelo avesso: nada mais de sacrifícios materiais, de rituais simbólicos, de privilégios sacerdotais. O único sacrifício é o das más paixões, do orgulho, da arrogância, da cupidez. A vaidade e a ambição devem dar lugar à humildade e à renúncia. A ignomínia da cruz transforma-se em santificação. As pitonisas e os oráculos são substituídos pelas manifestações mediúnicas das reuniões evangélicas, como vemos em Paulo, I Coríntios.

O objetivo da vida humana não é mais a conquista do céu pela violência, mas a implantação do Reino de Deus na Terra. As riquezas e o poder não são coisas desejáveis e invejáveis, mas fascinações perigosas que podem levar a criatura humana à perdição. As crianças não são desprezíveis, mas as preferidas de Deus, e para nos tornarmos dignos d'Ele temos de nos fazer crianças. Matar os pequeninos, os inocentes, os indefesos não é prova de valentia e de coragem, mas crime aos olhos de Deus.

Não se consegue a salvação pela obediência à lei e pelos rituais do culto (as obras da lei), mas pelo aperfeiçoamento do espírito, pela purificação do coração, pela educação integral da criatura. Por isso é preciso nascer de novo – não em forma simbólica, mas naquele sentido que Nicodemos não podia com-

preender: nascer da água e do espírito (a água era o símbolo da matéria, do poder fecundante e gerador), nascer para se redimir, não da desobediência de Adão e Eva, mas dos seus próprios erros, como aconteceu ao cego de Jericó, como sucedera a Elias reencarnado em João Batista.

A pedagogia da esperança

Desses princípios fundamentais resultava logicamente a Pedagogia da Esperança. A educação não era mais o ajustamento do ser aos moldes ditados pelos rabinos do Templo, a imposição de fora para dentro da moral farisaica, mas o despertar das criaturas para Deus através dos estímulos da palavra e do exemplo. A salvação pela graça não era um privilégio de alguns, mas o direito de todos. Jesus ensinava e exemplificava e seus discípulos faziam o mesmo. Chamava as crianças a si para abençoá-las e despertar-lhes, com palavras de amor, os sentimentos mais puros. Nem os apóstolos entenderam aquela atitude estranha: um rabi cheio da sabedoria da Torá perder tempo com as crianças ao invés de ensinar coisas graves aos homens. Mas Jesus lhes disse: “Deixai vir a mim os pequeninos, porque deles é o Reino dos Céus.”

Sua condição de mestre é afirmada por ele mesmo: “Vós me chamais mestre e senhor, e dizeis bem, porque eu o sou.” Sim, ele é o mestre do Mundo, o senhor dos homens, de todos os homens, sem qualquer distinção. Cada criatura humana é para ele um educando, um aluno, como escreveu o Dr. Sérgio Valle: “matriculado na Escola da Terra”. Assim, a Terra não é mais o paraíso dos privilegiados e o inferno dos condenados. É a grande escola em que todos aprendemos, em que todos nos educamos. A Pedagogia da Esperança oferece a todos a oportunidade de salvação, *porque a salvação está na educação.*

Vejamos este expressivo trecho de Francisco Arroyo em sua *História Geral da Pedagogia*:

“Jesus possui todas as qualidades do educador perfeito. Os recursos pedagógicos de que se serve conduzem o educando,

com feliz e profunda alegria, à verdade essencial dos seus ensinamentos. Por isso pôde sacudir e despertar a consciência adormecida do seu próprio povo, asfixiado sob o peso excessivo da lei mosaica e da política imperialista da época.”

“Os ensinamentos de Jesus são sempre adaptados aos ouvintes. Ele pronuncia as suas palavras de forma compreensível para todos, sempre nas ocasiões mais oportunas. Recorre freqüentemente às imagens e parábolas, dando maior plasticidade às suas idéias.”

“A Pedagogia do Mestre é também gradual. Não cai jamais em precipitações que possam fazer malograr o aprendizado. Semeia e espera que as sementes germinem e frutifiquem: *Tenho ainda muito a vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora.*”

“Como todo educador genial, Jesus emprega em alto grau a arte de interrogar, de expor, de excitar o interesse dos discípulos. Seus colóquios decorrem sempre num ambiente de incomparável simpatia. É digno, severo, paciente, segundo as circunstâncias e os interlocutores.”

“Os seus ensinamentos são claros e intuitivos. Cria figuras literárias e busca exemplos da vida cotidiana para esclarecer o seu pensamento. *Aperfeiçoou a forma da parábola e revestiu-a de incomparável esplendor.*” (Riboulet.)

“Seus ensinamentos têm um toque de autoridade (Eu sou o caminho, a verdade e a vida, todo o poder me foi concedido.) Mas exerce com suavidade a sua autoridade. Responde com bondade aos contraditores de boa-fé e com energia aos que querem combatê-lo.”

A revolução pedagógica

Este quadro da didática de Jesus (aplicação da sua pedagogia) mostra-nos as raízes da revolução pedagógica do Cristianismo. Costuma-se dizer, e com razão, que Rousseau produziu uma revolução copérnica na educação. Mas a seiva de toda a Pedagogia de Rousseau foi bebida na Pedagogia de Jesus. O “Emílio” começa por esta frase: “Tudo está certo ao sair das mãos do

Criador.” Os homens, para Rousseau, nascem bons e puros, pois Deus é bondade e pureza. Mas ao entrarem nas relações sociais do mundo sofrem a queda na maldade e na impureza. E o dogma judeu da queda de Adão e Eva racionalizado numa interpretação cristã. Para Jesus a criança é pura e boa, mas o contato com os homens vai deformá-la e os homens precisam voltar a ser crianças para entrar no Céu.

A descoberta copérnica da psicologia infantil por Rousseau corresponde à diferença estabelecida por Jesus entre a criança e o homem. O respeito de Rousseau pelo desenvolvimento natural e gradual da criança, que não deve ser perturbado por exigências prematuras do ensino, equivale à condenação de Jesus para todos aqueles que violentarem “um desses pequeninos”. A educação natural de Rousseau, seguindo a graduação necessária do desenvolvimento psicológico e orgânico, lembra o respeito de Jesus pelas condições evolutivas do homem nos seus vários estágios, guardando os ensinamentos mais profundos para mais tarde. É o que Arroyo chama “o método agógico da Pedagogia de Jesus”.

Uma comparação mais rigorosa e pormenorizada provaria de sobejo que é Jesus o pai e o verdadeiro inspirador da Pedagogia Moderna. Houve naturalmente o interregno do medievalismo, quando as interpretações errôneas do Cristianismo e as infiltrações de idéias judaicas e pagãs na escola cristã a deformaram. Mas essa fase já havia sido prevista pelo Mestre e esse fenômeno confirma o seu respeito pela leis naturais da evolução humana. A parábola do grão de trigo, ensino dialético do processo histórico, é suficiente para demonstrar isso. A parábola do fermento que leveda a farinha é outra confirmação.

E dessas duas parábolas, reforçadas pela promessa do Espírito da Verdade, que seria enviado ao mundo para restabelecer os seus ensinamentos, ressalta que a Pedagogia Espírita é a própria ressurreição, no tempo devido e previsto no Evangelho, da Pedagogia de Jesus. A Educação Espírita é a Educação Cristã que renasce em espírito e verdade.

A Didática de Kardec

A Didática é hoje entendida como a arte de ensinar. Houve tempo em que se fazia confusão entre Pedagogia e Didática. Foi Comenius, no século XVIII, o responsável principal por essa confusão, quando publicou sua *Didática Magna*, que abrangia todo o seu pensamento pedagógico. Do século XIX ao XX, porém, o termo se definiu nos seus devidos limites, como exige a linguagem científica. Para melhor compreendermos essa palavra, que é de origem grega, devemos ir à suas raízes. Arroyo nos ensina: "... em grego, ensinar e instruir se diz *didascoo*, *didásca-los* é o mestre, *didaxis* a lição".

André Moreil, em sua *Vida e Obra de Allan Kardec*, lembra alguns trechos da apresentação do *Plano para a melhoria da Educação Pública*, que o Prof. Denizard Rivail submeteu ao Parlamento em 1828. Destacamos os seguintes trechos: "Os planos apropriados para educar a juventude constituem uma ciência bem definida, que se deveria estudar para ser professor, da mesma forma que se estuda Medicina para ser médico." Depois, explicando as condições necessárias ao bom desenvolvimento do ensino, conclui: "É este um ponto muito importante, que me proponho a desenvolver numa obra completa sobre a Pedagogia."

Moreil lamenta: "Não chegou infelizmente a escrever essa obra. Allan Kardec, nos seus primeiros trinta anos de atividades pedagógicas, foi obrigado a viver no dia a dia, a esforçar-se para ganhar o pão cotidiano e, sobretudo, a empenhar-se na aplicação das suas teses pedagógicas. Mais tarde, o Espiritismo ocupou-lhe o tempo integral."

Isso nos mostra que Kardec não escreveu a sua *Pedagogia* por ter de se dedicar integralmente às pesquisas espíritas e à Codificação do Espiritismo. Mas se não pôde realizar o seu sonho pedagógico, por outro lado encontrou no Espiritismo um vasto campo para a aplicação da sua Didática. É o que vemos em toda a sua obra espírita, desde *O Livro dos Espíritos* até os livros subsidiários ou de introdução à doutrina, bem como nos valiosos

fascículos correspondentes a quase doze anos de seu trabalho pessoal na redação da *Revista Espírita*, obra imensa, que justamente considerou como sendo os anais do Espiritismo e indispensável ao estudo doutrinário.

Assim, embora não tenhamos hoje uma *Pedagogia* do mestre, temos a Didática do grande professor de Espiritismo, como foi chamado na época. Essa didática ressalta de todo o seu trabalho e podemos ver, em relação com alguns tópicos de suas obras publicadas anteriormente e admitidas pela Universidade de França, que o seu método de ensino seguiu no Espiritismo a mesma orientação e as mesmas normas do seu tempo de professor e diretor de Instituto daquela Universidade.

A didática naturalista

Jesus criou a Didática Naturalista, que se funda nas leis naturais e delas se serve para o ensino espontâneo. Todas as suas lições eram dadas em termos comparativos, sem artificios, com simplicidade e naturalidade. Sua própria teologia não escapava a essa regra. Deus não era uma entidade mitológica, distanciada do homem, mas o pai dos homens, semelhante a todos os pais, vivendo no coração dos filhos e dialogando com eles no íntimo de cada um. "Não está escrito, dizia ele, vós sois deuses?" Quando fazia um milagre, ou seja, quando produzia, pelo poder natural do seu espírito, um fenômeno hoje chamado paranormal, explicava aos discípulos que eles podiam fazer o mesmo e até mais do que ele fizera.

O sobrenatural do Cristianismo não provém de Jesus, mas dos homens, da mentalidade mitológica dos que não o puderam compreender e o transformaram em mito. Vejamos esta "heresia" de Paulo em: I Coríntios, 15:16 – "... se os mortos não ressuscitarem, também Cristo não ressuscitou." A morte e a ressurreição de Jesus eram fatos naturais, que ocorrem com todos os homens. O próprio Jesus diria à Madalena, depois da ressurreição: "Ainda não fui para meu pai e vosso pai". A categoria do *natural* era o

fundamento de todo o ensino de Jesus e portanto de toda a sua didática.

Essa categoria filosófica do Cristianismo desapareceu na Idade Média, no milênio sombrio em que a verdade cristã se misturou e confundiu com os erros e os enganos do paganismo e do judaísmo. Mas no Renascimento a categoria cristã do natural ressurge das cinzas. E pedagogicamente é com Rousseau que ela vai-se impor novamente ao mundo. O naturalismo deísta de Rousseau é um rebento da seiva cristã. E esse rebento vai se desenvolver no pensamento de grandes pedagogos do futuro. O maior deles será Pestalozzi, o herói e mártir da Pedagogia Filantrópica, que significativamente será o mestre e o pai espiritual de Allan Kardec.

A Pedagogia Filantrópica é o ensino a serviço da caridade e sua didática é a do amor. A Pedagogia de Jesus e sua didática renasce com Pestalozzi, que as transmite a Kardec. “Uma tocha passa de mão a mão”, como diria Moreil, em nossos dias. Mas a caridade não é uma graça sobrenatural, é antes a virtude humana da fraternidade, sob a paternidade natural de Deus. Vemos todos os elementos da categoria cristã do *natural* restabelecidos nesse episódio histórico e pedagógico para assinalar os tempos novos como a era do Consolador. Por isso a didática de Kardec seguirá a mesma linha naturalista da didática de Jesus, empregando a linguagem da simplicidade e os métodos naturais da razão e da intuição.

Vejamos como Kardec descreveu o método do professor discípulo de Pestalozzi: “Toma a criança ao sair das mãos da Natureza para acompanhá-la em seu desenvolvimento. Considera como se desenvolvem as suas idéias, estuda as suas necessidades e as suas faculdades. Depois de numerosas observações, estabelece um método que consiste essencialmente em aproveitar as faculdades que a criança recebeu da Natureza, a fim de proporcionar-lhe um raciocínio sadio e acostamá-la a pôr em ordem as suas idéias. O professor procura desenvolver na criança o espírito de observação e a memória, porque a criança nasce observadora e o seu espírito de curiosidade e de análise precisa apenas de

uma ajuda mínima. Basta ao professor ser ao mesmo tempo amável e severo”.

Kardec resume os seis princípios fundamentais do sistema pestalozziano, que empregava em suas obras didáticas e empregará a seguir no ensino espírita:

- 1) cultivar o espírito natural de observação do educando, chamando-lhe a atenção para os objetos que o rodeiam;
- 2) cultivar-lhe a inteligência, seguindo a marcha que possibilite ao aluno descobrir as regras por si próprio;
- 3) partir sempre do conhecimento para o desconhecido, do simples para o composto;
- 4) evitar toda atitude mecânica, fazendo o aluno compreender o alvo e a razão de tudo o que faz;
- 5) fazê-lo apalpar com os dedos e com a vista todas as realidades;
- 6) confiar à memória somente aquilo que já foi captado pela inteligência.

Todos esses dados se encontram na introdução de seu Curso Prático de Aritmética. Moreil comenta: “Os Princípios 3 e 5 parecem ter sido aproveitados palavra por palavra para a elaboração de *O Livro dos Médiuns*, o que prova a importância extraordinária da fase de Yverdon na vida do futuro fundador do Espiritismo”. E cita esta observação de Henri Sausse, amigo, companheiro e primeiro biógrafo de Kardec: “Foi nessa escola que se desenvolveu as idéias que deviam torná-lo um observador atento e metuculoso, um pensador prudente e profundo”.

Observação e ensino

Podemos ver em todas as obras de Kardec a constante sucessão de dois elementos dinâmicos da sua didática: a observação e o ensino. Por isso ele definiu o Espiritismo como “ciência de observação e doutrina filosófica”. A observação implicava a experimentação, pois sem esta não se completaria. Uma vez observados os fatos de maneira rigorosa e submetidos à compro-

vação da experiência, esses fatos passavam do conhecido (a realidade palpável e verificável) para o campo do desconhecido (a explicação do mistério) com a revelação de suas leis e sua natureza, passando a constituir elementos de uma filosofia “desprovida do espírito de sistema”. Esta necessidade de liberdade para o pensamento, que não devia prender-se às exigências de uma lógica artificial, à moda das formulações filosóficas em voga, colocaria a Filosofia Espírita na vanguarda no movimento filosófico da época.

Os “prejuízos do espírito de sistema”, segundo vemos em *O Livro dos Espíritos*, lhe foram revelados pelos próprios espíritos em significativa mensagem. Mas essa revelação correspondia precisamente à posição de observador que Kardec assumira. Sem nenhuma intenção preconcebida, sem forçar as conclusões para não distorcer a verdade procurada, Kardec submetia as suas observações a rigorosa análise. Guardava-se ao mesmo tempo do preconceito e da precipitação, como ensinara Descartes, seu precursor na observação livre, na pesquisa desinteressada e nas relações mediúnicas com o Espírito da Verdade.

Vejamos nas suas próprias palavras como ele procedia no trato dos fenômenos paranormais. Os trechos seguintes pertencem à Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita que abre *O Livro dos Espíritos*, e referem-se à sua observação dos curiosos fenômenos de movimentos de objetos sem contato:

“O movimento circular nada tinha de extraordinário, pois pertence à Natureza. Todos os astros se movem circularmente. Poderíamos estar em face de um pequeno reflexo do movimento geral do Universo, ou melhor dito, uma causa até então desconhecida poderia produzir acidentalmente, nos pequenos objetos e em dadas circunstâncias, uma corrente análoga à que impulsiona os mundos.”

“Mas o movimento não era sempre circular. Frequentemente, era brusco, desordenado, sendo o objeto violentamente sacudido, derrubado, levado numa direção qualquer e, contrariamente a todas as leis da estática, suspenso ou mantido no espaço. Não obstante, nada havia ainda nesses fatos que não pudesse ser explicado pelo poder de um agente físico invisível. Não vemos a

eletricidade derrubar edifícios, arrancar árvores e mandar à distância os corpos mais pesados, atraí-los ou repeli-los?”

Essa ponderação, essa frieza racional, essa lucidez mental livravam o seu espírito de qualquer arrebatamento místico. O próprio Richet reconheceria, no seu Tratado de Metapsíquica, na crítica feita a Kardec, a vocação do mestre para a observação rigorosa e a experimentação científica. A sua aceitação da hipótese de participação de espíritos nos fenômenos chega lentamente, numa batalha consciente da razão com a intuição. E a sua convicção espírita se forma na comprovação metódica da presença de inteligências invisíveis agindo sobre a matéria. Assim, Kardec realiza, com antecipação de mais de um século, e praticamente sozinho, a façanha científica das equipes de pesquisadores da Parapsicologia, que hoje ainda se aturdem com a realidade espiritual que lhes queima as mãos em todo o mundo, inclusive na área soviética materialista.

E só depois de convicto, solidamente firmado em milhares de provas indestrutíveis, resolve servir-se da sua didática naturalista para ensinar ao mundo assombrado e indignado os princípios da nova ciência. Mas então nada mais o deterá. Nem os anátemas do clero, nem as críticas dos cientistas, nem as diatribes da imprensa, nem o riso da ignorância ilustrada. O professor ensina e o mundo aprende. Uma nova ciência surgiu, uma nova era está nascendo, a Educação Integral de Jesus ressuscitou e a sua didática naturalista afugenta as últimas sombras do mistério e do sobrenatural. A Educação Cristã se restabelece na Escola da Terra, livre dos prejuízos do espírito de sistema, no corpo espiritual (que os cientistas chamam hoje de corpo bioplástico) da Educação Espírita.

O Livro dos Espíritos e a Educação

A primeira característica de *O Livro dos Espíritos*, nem sempre percebida, é a sua forma didática. Não fosse Kardec um pedagogo, habituado à disciplina pestalozziana, e os Espíritos do Senhor não teriam conseguido na Terra um tão puro reflexo dos seus pensamentos. Mas a didática de Kardec nessa obra não se limita à técnica de ensinar. É uma didática transcendente insuflada pelo espírito, que mais se aproxima da *Didática Magna* de Come-nius do que dos manuais técnicos dos nossos dias.

A Educação Espírita brota desse livro como água da fonte: espontânea e necessária. Logo na *Introdução* temos um exemplo disso. Não se trata apenas de introdução à obra, mas à Doutrina Espírita. Ao invés de uma justificativa e uma explicação do livro, temos uma abertura para a compreensão de todo o seu conteúdo e até mesmo da posição do Espiritismo no vasto panorama da cultura terrena, abrangendo as áreas até então conflitivas do Conhecimento e estabelecendo entre elas as ligações indispensáveis. Sim, indispensáveis porque o conflito entre as áreas culturais era o maior obstáculo à compreensão global do homem que o Espiritismo trazia.

Ainda agora, em nossos dias, o Prof. Rhine assinalou a existência de várias concepções antropológicas conflitivas: a religiosa ou teológica, a científica ou materialista, a filosófica materialista ou espiritualista e assim por diante. (Ver *O Novo Mundo da Mente*, de Rhine.) O que a Parapsicologia se propõe a fazer, mais de cem anos depois, Kardec já realizara com *O Livro dos Espíritos*. Se os cientistas não perceberam isso, os espíritas por todo o mundo se beneficiaram com a nova concepção gestáltica e se incumbiram de propagá-la.

Bastaria isso para mostrar e provar que a didática de Kardec nessa obra transcendeu os limites puramente didáticos para atingir dimensões pedagógicas. Não poderíamos dizer que *O Livro dos Espíritos* é um tratado de Pedagogia, pois o seu objetivo específico não é a Pedagogia. Mas é evidente que se trata de um verdadeiro manual de Educação, no mais amplo e elevado

sentido do termo. Seu objetivo explícito é ensinar e educar. O ensino ressalta desde as primeiras linhas e se desenvolve até as últimas, sem solução de continuidade. Mas esse ensino não se limita à transmissão de dados técnicos de informações culturais objetivas. Pelo contrário, projeta-se além desses dados e leva o estudante ao campo pedagógico da formação moral e espiritual. Ao terminar a sua leitura o estudante atento e perspicaz adquiriu novos conhecimentos, mas conquistou principalmente uma nova concepção do homem, da vida e do Universo. E mais do que isso, realizou o desígnio da sua própria existência, que é a sintonia do seu ser com o Ser Supremo: Deus.

O Sr. Sanson, materialista, lendo esse livro volta ao espiritualismo e se reencontra com Deus. Os caminhos da fé lhe eram vedados pela barreira do ilogismo religioso, mas *O Livro dos Espíritos* lhe demonstrou que entre os caminhos para Deus o da razão era o mais seguro. Este exemplo concreto e histórico, referido pelo próprio Kardec, mostra-nos a ligação das áreas culturais. Sanson ilustra essa ligação, como tantos outros o fariam mais tarde, ao atingir a fé pela razão.

Podemos dizer que, na Educação, segundo a conhecida proposição de Kerchensteiner, a Didática é o campo da cultura objetiva e a Pedagogia, que abrange naturalmente aquela, é o campo da cultura subjetiva. Mais de cem anos antes de Kerchensteiner fazer essa proposição Kardec já a havia utilizado com êxito na elaboração de *O Livro dos Espíritos*. Pode-se alegar que essa não foi uma realização de Kardec, e sim dos Espíritos. Convém lembrar que a organização do livro, e até mesmo a sua fatura na produção do texto, através das perguntas que provocaram as respostas espirituais, estiveram a cargo de Kardec. Nessa prodigiosa elaboração os Espíritos contribuíram com a matéria-prima, mas Kardec foi o artesão paciente e lúcido, esclarecido e capaz.

A preocupação de Kardec com as palavras, por exemplo, revela o cuidado do professor terreno que tem de aplicar os termos com exatidão para se fazer compreender. Os Espíritos não se importavam com isso, como muitas vezes disseram ao mestre, pois o que lhes interessava era o pensamento e seu significado

intrínseco, sua substância. Mas Kardec estava encarnado – era o homem no mundo – e por isso mesmo atento aos problemas do mundo. Vemos na Introdução como ele, logo de início procura e consegue definir com clareza os termos para que “a ambigüidade das palavras” não leve o leitor a confusões perigosas ou os possíveis exegetas a interpretações deturpadoras.

O Resumo da Doutrina dos Espíritos, que encontramos na Introdução, é outra prova do trabalho pessoal de Kardec e da maneira por que ele sabia colocar a Didática em função da Educação, entrosando-a na Pedagogia não só como instrumento de ensino, mas sobretudo como função pedagógica. A leitura atenta e meditada desse resumo seria suficiente para esclarecer um leitor realmente interessado no assunto e predispô-lo à renovação interior. Nesse sentido, podemos dizer que Kardec realizou o sonho de Pestalozzi: deu ao mundo uma forma viva de ensino que ao mesmo tempo informa e forma, instrui e moraliza. A dinâmica pedagógica de *O Livro dos Espíritos* teria impedido o desvirtuamento da Educação através do pragmatismo educacional, se porventura os pedagogos do século XX o tivessem encarado com isenção de ânimo e os cientistas, na sua maioria, não se tivessem deixado embriagar pelas teorias materialistas.

Os novos dados

O ensino de *O Livro dos Espíritos* se constitui da transmissão para os educandos dos novos dados sobre o homem, a vida, a Natureza e o Universo que a Ciência Espírita conseguiu obter através da pesquisa, da observação e da revelação. O problema da revelação, que levanta suspeitas e objeções na área científica propriamente dita, é explicado de maneira didática. Até Kardec a Revelação era divina e só divina, e se escrevia assim como fizemos, com inicial maiúscula. Dela se originava a Teologia, a Ciência de Deus... feita pelos homens. A partir de Kardec a situação é outra.

Descartes, inspirado pelo Espírito da Verdade já havia demonstrado no século XVII que à Ciência Divina proveniente da

Revelação se opunham as ciências humanas provenientes da razão. Kardec foi além e demonstrou a existência de dois tipos de revelação: a divina e a humana. A Ciência Espírita se apresentava como produto da conjugação dessas duas formas. De um lado tínhamos a revelação divina feita pelos Espíritos, de outro a revelação humana feita pelos homens. Todo cientista capaz de descobrir novas leis naturais é um revelador, pois na verdade *revela* uma realidade oculta. A Ciência Espírita fundia a revelação divina com a revelação humana. Os Espíritos revelavam no geral, os homens no particular.

Vamos a um exemplo concreto. Os Espíritos revelaram a Kardec que muitos Espíritos não sabiam que haviam morrido. Kardec estranhou e pôs em dúvida esse dado da revelação. Mas para esclarecer o problema entregou-se à pesquisa e esta lhe mostrou que os Espíritos tinham razão. Kardec poderia ter-se apoiado em pressupostos da tradição espiritualista, inclusive da tradição judaica a respeito, mas não procedeu assim porque o seu critério científico exigia a comprovação objetiva dos fatos. Quem quiser consultar a coleção da *Revista Espírita* sobre esse assunto verá como Kardec conseguiu objetivar esse problema subjetivo com a questão do desprendimento do espírito durante o sono, com o problema da obsessão e também com o problema da existência do corpo espiritual (perispírito), e assim por diante.

A própria existência de Deus e a questão de sua imanência e transcendência, inacessíveis à Ciência, segundo a tese kantiana, Kardec submeteu à observação e à lógica. Depois dele o Prof. Ernesto Bozzano sugeriu a hipótese do Deus-Éter, mas Kardec não se prendera ao campo das leis físicas, recorrendo ao princípio de causa e efeito e firmando o princípio espírita de que: *todo efeito inteligente tem uma causa inteligente*.

A idéia de evolução se infiltrara na Ciência e na Filosofia desde o século XVIII. Kardec a recebeu dos Espíritos, mas também a submeteu à observação. No caso da evolução do homem submeteu-a ainda à pesquisa através da mediunidade e conseguiu demonstrar a sua realidade de maneira positiva.

Assim os dados da *nova ciência*, que Kardec chamou de *ciência do espírito*, ofereciam uma nova concepção do homem e do

mundo que tinha de ser ensinada à Humanidade. A transmissão desses dados coube à didática de Kardec em *O Livro dos Espíritos*.

O novo homem

Esse volume de informações novas que abriam novas perspectivas para o futuro humano, Kardec, o pedagogo e professor, submeteu naturalmente ao controle pedagógico da formação do novo homem. Surge aí, precisamente nesse ponto do processo espírita, a conexão necessária (entendendo-se a necessidade no mais rigoroso sentido lógico) do Espiritismo com o Cristianismo. Jesus também havia procedido assim. Oferecera aos homens novos dados sobre a sua natureza e sobre a natureza do Universo, provando através de demonstrações práticas a realidade do seu ensino: os fatos espíritas que constam dos Evangelhos, os fenômenos físicos por ele produzidos, os fenômenos de transfiguração e materializações ou aparições tangíveis (como no Monte Tabor e os ocorridos com ele mesmo após a morte).

Por outro lado, apoiando-se nesses dados, Jesus afirmara a necessidade de transformação do *homem velho* em *homem novo* e aplicará a sua pedagogia nesse sentido. Kardec dava continuação a esse trabalho de Jesus e verificava que a moral evangélica preenchia todos os requisitos da nova formação do homem a partir do século XIX.

O Livro dos Espíritos não é apenas um repositório de informações a serviço da Didática Espírita. É também um manual de aperfeiçoamento humano que culmina na sua última parte, dedicada às leis morais. Nesse sentido a estrutura da obra é clara: parte da questão da existência de Deus, examina o problema da Criação, situa o homem no contexto universal, demonstra a sua natureza espiritual e não sujeita à destruição da morte, investiga o mundo de após morte, revela a lei de reencarnação progressiva e teológica, estuda as relações dos espíritos com os homens, descobre a lei de adoração e explica o seu desenvolvimento, trata das penas e recompensas futuras e aponta Jesus como modelo da

perfeição humana, dando à Humanidade a educação integral de que ela necessita.

O Livro dos Espíritos é, pois, um manual de Educação Integral oferecido à Humanidade para a sua formação moral e espiritual na Escola da Terra.

O Espiritismo na Escola

Não há nenhum impedimento de ordem lógica, ética, psicológica ou legal para o ensino do Espiritismo nas escolas públicas ou particulares. Algumas pessoas complicadas, dessas que gostam de descobrir problemas em tudo, criaram uma controvérsia a respeito. Há, por exemplo, a posição dos que só admitem o ensino do Espiritismo nas instituições doutrinárias e no lar. É uma posição antiquada e que incide em dois erros fundamentais:

- a) o segregacionismo religioso;
- b) a domesticidade religiosa.

Restringir o ensino do Espiritismo às instituições (Centros, Grupos, Uniões, Federações etc.), querer fechá-lo exclusivamente no âmbito do movimento doutrinário, é tomar uma posição tipicamente igrejeira e portanto monacal, fazendo do Espiritismo o que os monges do início da Idade Média fizeram do Cristianismo. Restringi-lo ao lar é voltar ao tempo da educação familiar, que já não pode mais imperar em nossa civilização industrial. Além disso, o próprio conceito de Espiritismo sai diminuído, pois a doutrina perde a sua grandeza e se reduz a uma espécie de seita religiosa das mais íntimas, do tipo da simples crendice que só deve ser tratada entre quatro paredes.

Há os que defendem o ensino espírita obrigatório nas escolas espíritas e alegam: Quem não quer que seu filho aprenda Espiritismo, que procure outras escolas. Como no caso anterior, esta posição é retrógrada e antiespírita, pois revela um sectarismo agudo e um evidente desrespeito àquilo que é básico no Espiritismo: o princípio de liberdade de consciência. Qualquer tentativa de violação da consciência e imposição de princípios é gritantemente contrária à própria natureza do Espiritismo. Como se poderia manter o nome de espírita numa escola que se opusesse assim à própria doutrina?

Mas há também, entre os que admitem o ensino escolar do Espiritismo, a conhecida controvérsia religião x ciência. Uns entendem que o Espiritismo não pode entrar no currículo como religião porque não é apenas isso, outros entendem que sim. E

outros, ainda, pensam que ele só deve entrar no currículo escolar como ciência. Enquanto discutem suas opiniões os alunos espíritas são obrigados, nas escolas públicas e particulares, a frequentar aulas de religião católica ou protestante, não com prejuízo para a doutrina, que nada sofre com isso, mas com evidente prejuízo pedagógico para a sua formação.

Este é o ponto capital da questão, segundo nos parece. A situação dos alunos espíritas já é por si mesma marginal. As falsidades propagadas sobre o Espiritismo através de gerações sucessivas, os preconceitos mantidos no culto da tradição familiar, as confusões intencionais ou não entre Espiritismo e as formas de sincretismo religioso afro-brasileiro (particularmente a macumba) fazem que os alunos espíritas sejam olhados com suspeita pelos colegas e os mestres. Acrescendo-se a tudo isso o retraimento dos próprios espíritas, que se negam a lecionar a sua doutrina ou a admitir que ela possa ser ensinada livremente numa classe, é fácil imaginar-se a situação de constrangimento dos alunos espíritas no processo escolar. Pedagogicamente essa situação não é apenas um erro, mas um verdadeiro crime, o crime de segregacionismo condenado pela lei Afonso Arinos no caso racial.

Questão religiosa

Há os que dizem também que o Espiritismo não é religião e por isso não merece a franquia legal do ensino religioso nas escolas. Mas a segunda intenção, nesse caso, é tão evidente que chega a passar para o primeiro plano. Compreende-se logo que a intenção principal desse argumento é impedir o ensino espírita nas escolas. Perguntemos, não obstante, se há alguma substância nessa alegação.

O Espiritismo é uma doutrina escrita, codificada. Tem as suas escrituras e as suas raízes escriturísticas. O fato de ter surgido como ciência e de se conservar legitimamente como tal não exclui a possibilidade da existência de um conteúdo religioso em sua estrutura doutrinária. Tanto mais que ele, o Espiritismo,

desde o início, a partir de Kardec, e antes mesmo de Kardec, desde a sua fase pré-histórica, que vai de Swedenborg até às irmãs Fox (segundo Conan Doyle) ele mesmo sempre se considerou como religião. Por isso as suas escrituras, embora não se considerando sagradas, estão naturalmente ligadas às escrituras Sagradas do Judaísmo e do Cristianismo: a Bíblia e os Evangelhos.

Como ensina André Moreil, aluno atual de Kardec, o Espiritismo é religião quando trata da sobrevivência da alma após a morte do corpo, do seu destino na vida espiritual e de suas relações com Deus. Esses problemas, como já afirmou Kardec na introdução de *O Livro dos Espíritos*, constituem mesmo a essência e a força do Espiritismo, sendo inegavelmente problemas religiosos e não científicos. Para dizer que o Espiritismo não é religião teríamos de tirar dele os espíritos. E o que sobraria então? Apenas a ciência dos fenômenos paranormais? Então não seria Espiritismo, mas Metapsíquica ou Parapsicologia.

Não queremos aprofundar a questão, já tão exaustivamente tratada por outros, para não nos desviarmos do objetivo deste trabalho. Lembremos apenas que até o Positivismo, a doutrina filosófico-científica de Augusto Comte, mesmo sem tratar desses problemas metafísicos, acabou criando uma religião, que por sinal considerou como sucessora e herdeira do Catolicismo. Sabemos que toda Filosofia exige a elaboração de uma moral, de um código de comportamento social segundo os seus princípios. Quando essa moral envolve o destino do homem, mesmo na Terra (como no caso do Positivismo) ela se transforma em religião.

Kardec identificou a moral espírita com a moral cristã. Os Espíritos foram os primeiros a lhe dizer isso e continuam a dizê-lo até hoje, através de todas as comunicações elevadas. Ora, Kardec definiu o Espiritismo como Ciência e Filosofia que se completam na Moral. Mais tarde esclareceu, em seu último discurso na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, como bem nos lembra em valioso trabalho o Dr. Luís Monteiro de Barros, que essa Moral é na verdade Religião. Mas bastariam os

tópicos religiosos da Codificação e livros como *O Evangelho Segundo o Espiritismo* para vermos que o Espiritismo é religião.

Alegam os contraditores que a religião exige elementos que o Espiritismo não possui, como sacerdócio organizado, culto com rituais e liturgia. Mas isso é simplesmente ignorar o verdadeiro conceito de religião e apegar-se a definições superadas de dicionários populares. É também ignorar o ensino de Jesus nos Evangelhos sobre a religião em espírito e verdade. A essência da religião é o que importa e não os aparatos humanos que a revestem na ordem social. Religião é o desenvolvimento no homem do sentimento religioso, daquela lei de adoração a que Kardec dedicou todo um capítulo em *O Livro dos Espíritos*. Quem ousaria negar que o Espiritismo religa o homem a Deus, que devolve aos ateus a plenitude dos seus sentimentos religiosos desfigurados pelas encenações e as falsas explicações das religiões formalistas?

Por outro lado, a lei brasileira reconhece o Espiritismo como religião. Não se trata de um reconhecimento formal, pois não há nenhuma forma legal de se decretar que alguma coisa seja religião, mas de um reconhecimento tácito e tradicional. Desde os fins do Império e através de toda a República o Espiritismo se beneficiou, no Brasil, das regalias religiosas (embora mínimas) como seja o reconhecimento oficial, em documentos de toda espécie, de que certas pessoas professam *a religião espírita*, o que se verifica inclusive nos formulários censitários e nas estatísticas oficiais. Negar, pois, que o Espiritismo seja religião é simples desconhecimento, simples ignorância do conceito de religião, da nossa tradição e da nossa posição oficial a respeito. Ou, o que seria pior, é simplesmente má-fé.

A ciência espírita

Quanto à Ciência Espírita, a confusão reinante não é menor, pois a má-fé está presente em todos os campos em que o sectarismo se infiltra. Se uns dizem que o Espiritismo não é religião, outros afirmam que ele não é ciência. Ultimamente apareceram

também alguns extravagantes que negam a existência da Filosofia Espírita. Dessa maneira se fecha o círculo da reação, negando ao Espiritismo todos os seus aspectos. Mas só quem não tem a menor noção de Filosofia pode dizer tal coisa, pois todos sabemos que a Filosofia é uma concepção do mundo e que há tantas filosofias quantas as concepções formuladas. A primeira característica do Espiritismo, que mais ressalta à vista, é a sua concepção renovadora do mundo, da vida e do homem, colocada como um marco divisório entre o Materialismo e o Espiritualismo dogmáticos, ambos dogmáticos, para abrir à Humanidade as possibilidades da era cósmica em que hoje nos encontramos.

Mas analisemos o problema da Ciência espírita no tocante ao ensino escolar do Espiritismo. Seria possível introduzirmos essa ciência nos currículos escolares atuais? Sabemos que não, pois a própria Parapsicologia, que é inegavelmente uma ciência de tipo comum, com metodologia integrada nas exigências científicas comuns e aceita em todas as grandes Universidades mundiais, encontra ainda hoje a repulsa dos nossos próprios meios universitários, amedrontados, não com ela, mas com o desenvolvimento do Espiritismo no país.

Então, dizem alguns, está aí a prova de que o Espiritismo não é ciência, pois se o fosse ninguém poderia recusá-lo num currículo científico. Também o Magnetismo foi recusado durante anos e por fim tiveram de admiti-lo, embora com o nome novo de Hipnotismo. O problema da Ciência Espírita foi bem colocado por Kardec desde a introdução de *O Livro dos Espíritos*. Kardec mostrou que o Espiritismo é a Ciência do Espírito e não deve ser confundido com as Ciências que se aplicam aos vários campos da matéria. Por isso, porque o seu objeto é o espírito, os seus métodos de pesquisa e de observação têm de ser outros. Se as ciências materialistas se recusam a admiti-lo no seu convívio é simplesmente porque o pensamento materialista, dominante após a queda do absolutismo teológico da Idade Média, está ainda amedrontado diante dos problemas metafísicos. Podemos lembrar o refrão popular: gato escaldado tem medo de água fria.

A Ciência Espírita, porém, não é metafísica no sentido clássico do termo. Seus métodos de pesquisa são positivos e exigem

comprovações rigorosas. Cabe, portanto, à Universidade Espírita, que felizmente já está se organizando entre nós, a grande tarefa de provar que a Ciência Espírita deve ocupar o seu lugar no mundo das Ciências. Da mesma maneira que a Psicologia e a Sociologia encontram ainda hoje pessoas que lhes negam a qualificação de ciências, por não se enquadrarem e não poderem de fato enquadrar-se nos métodos materiais de pesquisa, o Espiritismo como ciência encontra a objeção das criaturas sistemáticas. Enquanto perdura essa situação não é justo negarmos, nós mesmos, os espíritas, o direito ao Espiritismo de penetrar nas escolas como religião. Se não podemos começar pelo começo, mas nos permitem começar pelo fim, que mal há nisso? Na verdade o Espiritismo pode ser aprendido de diante para trás ou de trás para diante, de cima para baixo ou de baixo para cima, pois a sua estrutura global permite-nos o acesso à sua realidade por qualquer lado.

E para que os maliciosos não digam que isso é uma estratégia de tipo inferior, lembremos que em todo o campo do Conhecimento as coisas se passam exatamente assim. A seqüência espírita de ciência, filosofia e religião não é privativa da nossa doutrina. Já vimos o caso do Positivismo. Essa Filosofia científica parte dos dados da Ciência para formular uma concepção do mundo e através desta chegar à Religião. O trânsito de um campo do Conhecimento para outro está sempre aberto ao espírito. E quando encaramos os problemas a sério, não nos contentando apenas com um dos seus aspectos, esse trânsito é obrigatório.

Por outro lado, existem os dois processos fundamentais da Lógica: o dedutivo e o indutivo, que não devemos esquecer. A Filosofia e a Religião são dedutivas, partem de grandes princípios metafísicos como o da existência de Deus, por exemplo, para *deduzirem* a realidade concreta. A Ciência é indutiva, parte da multiplicidade dos fenômenos para chegar a uma *indução* da realidade. Essa a razão de dizermos que podemos conhecer o Espiritismo começando de baixo para cima ou vice-versa. Tanto mais que a Religião Espírita põe a sua ênfase na indução, fazendo questão de mostrar que chegou à prova da existência de Deus,

da sobrevivência espiritual e da lei de adoração, a partir do exame dos fenômenos.

Solução filosófica

Parece que podemos chegar assim a uma solução filosófica do problema do ensino religioso na escola. O que interessa ao Espiritismo não é o tipo de ensino sectário que hoje se processa de maneira negativa ou inócua no meio escolar. O que se deve ensinar na escola, para que ela se liberte do laicismo a que foi obrigada pela pressão sectária, não é esta ou aquela religião (denominação ou seita religiosa) mas a Religião como um todo, como uma província específica do Conhecimento, como um campo cultural que não pode ser omitido no processo de transmissão da cultura. A escola laica deixaria então de ser atéia ou sectária para se tornar uma escola que engloba no seu ensino todo o sistema cultural.

Para isso, o ensino religioso deve ser dado na escola (em todos os graus do ensino) como matéria filosófica, abrangendo a História, a Filosofia e a Psicologia da Religião. Dessa maneira atingiríamos o verdadeiro objetivo escolar que é a formação cultural no mais amplo sentido, sem as limitações sectárias e as idiosincrasias grupais que hoje deturpam e criam conflitos insanáveis em nossos sistemas escolares. A escola espírita deve dar o exemplo nesse sentido, deve fazer-se pioneira dessa renovação escolar.

Com esse sistema afastamos da escola o sectarismo antipedagógico e o segregacionismo criminoso, devolvendo-lhe ao mesmo tempo o ensino da Religião, ou seja, a alma que lhe falta. Vai longe o tempo em que o Estado se confundia com a Religião. Estamos na era cósmica e todos compreendemos a mensagem cristã do Deus único. O Estado não pode mais interessar-se por esta ou aquela religião; por esta ou aquela seita. O que lhe interessa de fato é a Religião, o sentimento do divino inato na criatura humana, a aspiração da transcendência e da comunhão com Deus, essa idéia superior, esse conceito supremo, como Kant o

definiu, em que o homem revela o grau mais elevado do seu entendimento e da sua capacidade de formular juízos abstratos. Dando isso aos educandos e deixando-lhes a inteira liberdade da escolha particular que desejem fazer no vasto campo das religiões, a escola estará cumprindo a sua missão de ensinar e educar no mais alto sentido. Mas enquanto isso não for possível não é justo, nem humano, que os espíritas deixem os alunos espíritas abandonados nas escolas à sanha fanática dos sectarismos.

A Pedagogia Espírita

Muitos professores nos perguntam se não estamos errados ao falar de Pedagogia Espírita. Por incrível que pareça, a palavra Pedagogia é ainda um bicho de sete cabeças para a maioria dos professores saídos de nossas Escolas Normais e... de nossas Faculdades. No III Congresso Educacional Espírita Paulista, realizado em 1970, uma professora apresentou como tese uma simples declaração de que tratar de Pedagogia Espírita era absurdo, pois tal coisa não existe nem pode existir. Ela e seus companheiros ficaram indignados quando a comissão competente se recusou a tomar conhecimento dessa declaração.

Já estamos no sexto número da Revista *Educação Espírita*, único fruto concreto do referido congresso, e continuamos a receber advertências de que não se pode nem se deve tratar de Pedagogia Espírita, *pois isso não fica bem*. Um amigo, professor veterano, foi mais tolerante e nos explicou: “Você pode ter a sua opinião, mas só para você. Não a exponha porque ela contraria o pensamento da maioria e deixa-nos todos em situação melindrosa.” Sua piedade cristã não lhe permitiu usar a expressão desejada, que seria esta: *em situação ridícula*.

Numa tese apresentada ao III Congresso, publicada posteriormente no primeiro número da referida Revista, tomamos conhecimento do problema e parece-nos que foi ali colocado de maneira bem clara. O Prof. Humberto Mariotti, da Argentina, e o Prof. Deolindo Amorim, do Rio, escreveram lúcidos trabalhos a respeito. Mas como os professores espíritas, na sua maioria, não se deram conta da existência desta Revista, todos esses esclarecimentos não chegaram ao endereço. Mas somos obrigados a insistir no assunto, pois a Educação Espírita e a Pedagogia Espírita são exigências inadiáveis do nosso tempo em nossa terra. Quem não sabe que a Educação Espírita já é uma realidade concreta em São Paulo e no Brasil?

Mas vamos começar pelo começo, ou seja, vamos recomeçar. Enfrentemos primeiro esse monstro de sete cabeças que é a palavra Pedagogia. Decifremos a esfinge antes que ela nos

devore. Que mistério se oculta nessa palavra de nove letras, de origem grega, consignada em todos os dicionários, diante da qual tantos professores se quedam estáticos e assombrados, como Édipo na estrada de Tebas? Que enigma nos apresenta essa esfinge moderna? É o que vamos ver, se Deus quiser!

Falem os dicionários

Ouçamos em primeiro lugar *o Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Hollanda, vulgarizadíssimo em todo o Brasil. O que diz o seu verbete *Pedagogia*? Simplesmente isto:

PEDAGOGIA, s. f. Teoria da Educação; conjunto de doutrinas e princípios que visam a um programa de ação; estudo dos ideais da Educação, segundo uma determinada concepção de vida, e dos meios (processos e técnicas) mais eficientes para realizá-los.

Esta definição de um dicionário popular, feito para o grande público, é suficiente para mostrar que não estamos errados. Até mesmo o problema da ligação da Pedagogia com uma determinada concepção de vida está ali bem colocado. Quando falamos de Educação Espírita incidimos nesse assunto. O Espiritismo nos dá uma concepção de vida diferente da concepção católica e protestante em que fomos educados. Para orientar a educação das crianças e dos jovens segundo essa concepção nova, precisamos de uma nova teoria da Educação. Essa teoria nova, exigida pela nova concepção de vida, só pode ter um nome, que é precisamente e inevitavelmente este: *Pedagogia Espírita*.

E como sem teoria não há prática orientada, a prática da educação segundo os ideais espíritas não poderá ser eficiente se não se apoiar numa teoria espírita da Educação.

Ouçamos agora um mestre francês, *O Dictionaire Encyclopédique Quillet*:

PÉDAGOGIE, n. f. Theorie, science de l'education.

Ouçamos o novíssimo *Dicionário Prático da Língua Nacional*, de J. Mesquita de Carvalho, diretor-geral do Instituto de Educação do Estado de Minas Gerais:

PEDAGOGIA, s. f. Teoria da Educação; reunião das doutrinas e dos princípios que visam a um programa de ação.

Durkheim, na segunda edição do *Nouveau Dictionnaire de Pédagogie*, formulou a definição mais completa da palavra, que dali por diante foi aceita por todos os grandes mestres e vigora no campo da especialidade. Ouçamo-la:

“La Pédagogie est une *theorie pratique*, c'est-à-dire une *theorie* ayant pour objet de réfléchir sur les systèmes et sur les procédés d'éducation en vue d'en apprécier la valeur et par là d'éclairer et de diriger l'action des éducateurs.”

Para facilitar a compreensão dos leitores não habituados à leitura em francês, lá vai a definição de Durkheim em nossa língua:

“A Pedagogia é uma *teoria prática*, ou seja, uma teoria que tem por objeto refletir sobre os sistemas e os processos da educação, visando a apreciar a sua validade e por esse meio esclarecer e dirigir a ação dos educadores.”

Não se pode, pois, confundir Pedagogia com sistema de ensino, com método ou técnica pedagógica, e nem mesmo com Educação. Como assinala René Hubert em seu *Tratado de Pedagogia Geral*, “a Educação precede à Pedagogia”. Primeiro temos *o fato educacional*, depois *o fato pedagógico*. Assim, fácil é compreender que a Educação é o objeto da Pedagogia.

Vejamos esta clara explicação de Leif e Rustin em sua *Pedagogia Geral*:

“A EDUCAÇÃO, que é, pelo menos, a transmissão às gerações daquilo que consideramos válido nas aquisições da espécie e pode mesmo pretender preparar os seus futuros progressos, é obra humana primordial que requer suprema largueza de vistas. Uma Pedagogia é sempre o acabamento de uma Filosofia. Qualquer Filosofia tende sempre a se completar numa Pedagogia. Por mais modesto que lhe possa parecer o seu papel, o professor primário deve, pelo menos de vez em quando, pensar nisso.”

Esta última frase dos autores parece aplicar-se especialmente aos professores – muitos deles do ciclo primário – que no III Congresso mostraram o mais completo desconhecimento do que seja Pedagogia. A compreensão da Pedagogia lhes mostraria, por outro lado, que o seu papel na Educação não é apenas profissional, pois o professor primário, mais do que um funcionário que trabalha para receber vencimentos, é o mestre que assenta os alicerces da cultura. Por isso devia, pelo menos de vez em quando, como advertem Leif e Rustin, consultar os esquecidos manuais de Pedagogia e reinformar-se de sua posição e de suas tarefas básicas.

A educação espírita

O que podemos entender por Educação Espírita? Essa expressão pode ser entendida em dois sentidos:

- 1º) como uma espécie de formação sectária das crianças e dos jovens, uma forma de transmissão dos princípios espíritas às novas gerações, e portanto um assunto doméstico, restrito ao lar e às escolinhas que funcionam nas Federações e nos Centros Espíritas, à semelhança do que se faz nos catecismos das igrejas;
- 2º) como um processo de formação universal das novas gerações para o mundo novo que o Espiritismo está fazendo surgir na Terra.

O primeiro sentido da expressão Educação Espírita contrasta de tal maneira com o segundo que parece ser muito inferior, negativo, ligado ainda às fases do religiosismo dogmático que o Espiritismo superou. Mas na verdade não o é. A educação familiar corresponde a uma fase natural do processo educacional. A educação institucional é simples desenvolvimento daquela. Dessa maneira, a Educação Espírita dada no lar e nos Centros é válida e pertence, de direito e de fato, ao processo natural da Educação Social. O que é negativo, obscurantista, retrógrado, é querer-se reduzir a Educação Espírita a esse aspecto inicial do processo.

Em todas as sociedades humanas existe uma cultura que deve ser transmitida às novas gerações. Essa cultura tem vários aspectos, várias diversificações correspondentes a grupos culturais determinados por fatores sociais, raciais, religiosos e assim por diante. A transmissão da cultura se realiza em dois planos: o da tradição coletiva e o da tradição grupal. No plano da tradição coletiva a Educação Geral é a mesma para todos. No plano da tradição grupal existe a especificidade, a posição social, ética ou religiosa que deve inserir-se na tradição coletiva sem deixar-se absorver por ela.

Foi esse problema que suscitou entre nós, há alguns anos, os debates sobre escola pública e escola particular, resultando numa solução parcial com a reintrodução do ensino religioso nas escolas. Os espíritas, em geral contrários a essa introdução, tiveram de participar da luta para salvaguardar a formação espiritual de seus filhos. Mas a posição espírita ficou bem clara no manifesto da Associação Espírita de Defesa da Escola Pública, onde se declarou que o ideal seria a introdução do ensino religioso nas escolas sem sectarismo, incluindo-se a Religião nos currículos como matéria de ensino geral, ou seja, encarando-se a Religião como matéria de cultura geral, à semelhança do que se faz com a Ciência e a Filosofia.

Essa proposição espírita não foi aceita porque vivemos ainda no império das seitas salvacionistas. Cada uma dessas seitas arroga-se a posse exclusiva da verdade religiosa e pretende salvar a todos como via única da salvação. Mas os tempos estão mudando rapidamente e não nos parece longe o dia em que a Religião será reconhecida como disciplina escolar, livre dos preconceitos sectários. Então a Educação Leiga desaparecerá para dar lugar a um tipo de educação em que a Religião terá o seu lugar como disciplina cultural. Por outro lado, a Ciência e a Filosofia não sofrerão mais as deturpações e desfigurações produzidas pelo ensino sectário, que não pode tolerar contradições aos seus infalíveis dogmas de fé.

Pode-se então perguntar porque não esperamos pacientemente essa época ao invés de lutar pela Educação Espírita. A resposta não será dada por nós, mas pelos fatos. A Educação Espírita

surgiu como um fato social produzido pelas transformações que se operam na consciência contemporânea. Os progressos culturais, tendo como base o avanço das Ciências e o desenvolvimento das Técnicas, que revolucionam as estruturas sociais e subvertem a ordem moral, criaram novas exigências na consciência coletiva. Os espíritas, que esposam uma doutrina de vanguarda, anunciadora dos novos tempos, sentiram a insuficiência dos dois tipos de educação que se acomodaram artificialmente nas escolas atuais: a Educação Leiga e a Educação Sectária. Por isso começaram a fundar escolas espíritas, escolas próprias em que seus filhos poderiam receber uma educação adequada, pois a Religião Espírita, ao invés de contradizer a Educação Leiga, de natureza científica e técnica, harmoniza-se com ela e a complementa.

A prova de que as escolas espíritas surgiram atendendo às exigências de uma nova fase histórica está na espontaneidade do seu aparecimento. Os fundadores dessas escolas agiram levados pelas circunstâncias. Sentiam nas escolas oficiais e mesmo nas particulares a pressão de dois lados sobre a mentalidade em formação de seus filhos. De um lado a pressão dos ensinamentos materialistas e de outro a pressão do ensino sectário. As crianças e os jovens que reagiam a essas pressões eram e são colocados em situação marginal perante professores e colegas. Levados por essa pressão social os fundadores não pensaram, em geral, numa revolução educacional e cultural. Mas os fatos aí estão: centenas de escolas espíritas, de todos os graus de ensino, funcionam hoje no Brasil e em vários países da América.

Ao mesmo tempo em que isso se passava no plano da prática, a cultura espírita se desenvolvia nas instituições doutrinárias. A bibliografia espírita brasileira cresceu aceleradamente nos últimos anos. A procura de livros espíritas pelo povo intensificou-se, dando motivo ao aparecimento de numerosas editoras doutrinárias. Surgiram os Institutos de Cultura Espírita, os clubes de leitura, as Mocidades Espíritas, as associações de Medicina e Espiritismo, os cursos regulares de Espiritismo nas Federações e nos Centros. A imprensa, o rádio e a televisão interessaram-se pelos problemas espíritas. Chico Xavier foi arrancado por essa onda cultural do seu retiro mediúnico e lançado ante às câmaras

de televisão, às páginas de jornais e revistas, às homenagens oficiais nas Assembléias Legislativas. Os livros espíritas abandonaram o seu feitio gráfico antiquado, canhestro, modernizaram-se e dinamizaram-se em sua apresentação e em seu conteúdo.

Tudo isso e muito mais, que seria longo enumerar, revelou a capacidade expansiva dos princípios espíritas e o seu poder de renovação da cultura em conflito dos nossos dias. Então se tornou clara, evidente, a necessidade da Pedagogia Espírita para orientar o sistema escolar em desenvolvimento e balizar os rumos da transformação cultural que se processa em ritmo acelerado. E todos viram – com exceção apenas dos cegos que não querem ver (os piores cegos) – que a Civilização Espírita está nascendo no Brasil com ímpeto indomável. Nem o ensino leigo nem o ensino sectário tem condições para enfrentar os novos tempos. A união dos dois é um arranjo incômodo, pois ambos se contradizem, se prejudicam e acabam desvirtuando nesse conflito interno a finalidade mesma da Educação e da Escola. Só uma doutrina se apresenta como capaz de atender às exigências dos novos tempos: a Doutrina Espírita em sua forma de síntese cultural, com perspectivas cósmicas e imortalistas na interpretação do homem e do mundo. Só uma educação corresponde às exigências da era cósmica: a Educação Espírita.

Como se vê, a espontaneidade é inegável em todo esse quadro que apenas esboçamos em linhas gerais. Não houve uma organização poderosa dirigindo esse processo. Não existe uma Igreja Espírita com a tradicional estrutura orgânica e hierárquica, determinando isto ou aquilo. Mais de trinta Hospitais Psiquiátricos Espíritas só no Estado de São Paulo, mais de cem escolas que vão do pré-primário até o grau universitário de ensino, milhares de Centros e Grupos Espíritas, centenas de jornais e revistas, milhões de livros editados em escala crescente – e tudo isso partindo do esforço isolado de grupos de pessoas que tudo sacrificam, desde as comodidades pessoais até às economias familiares, no anseio de construir uma nova civilização, na maioria das vezes sem terem sequer a consciência desse anseio.

Onde os futurólogos, os profetas do cálculo, os magos dos computadores eletrônicos, que não são capazes de ver com seus próprios olhos o futuro nascendo em terras do Brasil e da América? E que estranha cegueira atinge os espíritas que ainda perguntam: “Por que Educação Espírita? Pode haver uma Pedagogia Espírita?”

A Pedagogia é o acabamento de toda Filosofia. A Pedagogia orienta o desenvolvimento eficiente de toda Educação. A mundividência ou cosmovisão, essa visão do homem e do mundo que é a essência de toda Filosofia, só pode transmitir-se de geração a geração através da Educação. A Educação Espírita é a forja da Cultura e portanto da Civilização Espírita que vem completar na Terra a incipiente e contraditória Civilização Cristã dos nossos dias. Quem poderá negar isso diante da evidência dos fatos? Quem pretenderá combater, dentro do movimento espírita, esse impulso irresistível para um mundo melhor que brota das entranhas da Doutrina Espírita?

Os que não têm olhos de ver continuarão fechados em sua concepção estreita e sectária do Espiritismo. Oremos por eles. Mas os que têm os olhos abertos para a realidade palpitante que se abre diante de todos nós, os que vivem este momento de transição em sua plenitude, esses jamais cruzarão suas armas na batalha sem tréguas pelo futuro, que é a batalha da Educação Espírita.

A pedagogia espírita

A Pedagogia Espírita já existe. Está, por assim dizer, entranhada nos princípios doutrinários. Por isso mesmo não está sistematizada. Assim também aconteceu com a Pedagogia Cristã. Entranhada nos Evangelhos, inspirou a criação das primeiras escolas cristãs e a elaboração dos primeiros manuais educativos do Cristianismo. Mais tarde, desenvolvido o Cristianismo, surgiram as sistematizações da Pedagogia Cristã, que se opunham ao esteticismo pagão da Pedagogia Grega e às finalidades pragmáticas da Pedagogia Romana.

O que é preciso que se compreenda, antes de encarar o problema em si da Pedagogia Espírita, é o processo histórico da renovação da Cultura através de ciclos culturais que caracterizam as fases sucessivas da evolução humana. No período acima temos um exemplo dessa sucessão. A Cultura Greco-Romana havia atingido os limites do seu desenvolvimento. Suas grandes religiões mitológicas fundiam-se numa só. Mas já não correspondiam às exigências da época. Gregos e romanos estavam saturados das lendas mitológicas e buscavam a verdade oculta atrás desse véu de fabulações. Foi então que surgiu o Cristianismo.

Não podemos esquecer que ao lado da Cultura Greco-Romana havia a Cultura Judaica, uma cultura teológica que se fundava na idéia do Deus Único, inaugurando o monoteísmo no mundo politeísta de então. Mas, pela própria necessidade de sobrevivência, essa cultura se fechava num exclusivismo absoluto. Faltava ao Judaísmo a compreensão de Deus em sentido universal. Os judeus eram os puros, os outros eram impuros, como gregos e romanos eram civilizados e os outros povos eram bárbaros. Não era possível universalizar a rígida religião judaica, apegada ao chão e à carne, presa pela tradição milenar aos ancestrais judeus e sua aliança particular com Deus, o terrível e ciumento Jeová das matanças coletivas.

O Cristianismo, nascendo das próprias entranhas do Judaísmo, rompeu a estrutura sociocêntrica da cultura judaica e abriu-se para o mundo através do conceito renovador da fraternidade humana. Jesus substituiu o Jeová hebraico pelo Pai universal. Deus deixava de ser judeu para se universalizar. Era o pai de todas as criaturas, de todos os homens, de todos os povos e de todas as raças. A Educação Judaica não podia servir a essa idéia absurda, revolucionária, como não o podiam as formas da Educação Grega e da Educação Romana. Os cristãos, na proporção em que o Cristianismo se expandia, foram sentindo a necessidade de criar o seu próprio sistema educacional.

Não era possível submeter a nova cultura espiritual às restrições mitológicas de gregos e romanos ou às exigências rituais dos judeus. As escolas cristãs surgiram como surgiriam mais

tarde as escolas espíritas – por uma exigência natural da nova situação pelos princípios cristãos. Começaram timidamente e logo surgiram os atritos com as autoridades romanas. Como poderiam os professores cristãos ensinar as lendas mitológicas? Mais tarde, Juliano, o apóstata inverteria os termos dessa situação, mandando cassar o direito de lecionar aos professores cristãos, sob o pretexto de que não seriam sinceros ao se referirem aos mitos da religião oficial do Império. Esse episódio nos mostra a importância política da Educação, por suas conseqüências na formação cultural do povo.

Com o correr do tempo, a Pedagogia Cristã superou as antecessoras clássicas. Mas na proporção em que os mitos foram de novo invadindo a Cultura Cristã e as igrejas se afundavam na política e se paganizavam, a Pedagogia Cristã se diluiu em numerosas formas pedagógicas, correspondentes a diversas ordens religiosas. Hoje não temos uma Pedagogia Cristã no sentido geral, mas diversas Pedagogias adstritas a diversas Ordens. Com a Reforma, surgiram as Pedagogias do Protestantismo. Esse episódio mostra como as diferenciações culturais exigem também elaborações pedagógicas específicas.

O desenvolvimento da Cultura Espírita nos acena com a mesma possibilidade. As diferenciações culturais são inevitáveis no desenvolvimento das várias culturas, e quanto maior a expansão da cultura, tanto maior será o número de diferenciações que podem ocorrer. Por outro lado, a evolução da Cultura Espírita poderá e deverá mesmo abrir novas perspectivas educacionais. Essa a razão por que, no título deste trabalho, usamos o recurso *A (e uma) Pedagogia Espírita*. Existe a Pedagogia Espírita na própria estrutura da Doutrina, mas qualquer sistematização que fizermos não será “a”, mas “uma” Pedagogia Espírita, sujeita a revisões futuras. E poderão surgir no futuro tantas Pedagogias Espíritas quantas se fizerem necessárias, de acordo com as diferenciações culturais que ocorrerem em diversos países. A unidade desses sistemas, entretanto, será garantida pelo modelo inicial e fundamental que permanece nos princípios essenciais da Doutrina. Uma Pedagogia só será espírita se estiver fundada nesses princípios.

Kilpatrick sustenta que uma doutrina da Educação só pode ser pessoal e subjetiva. Isso porque a unidade da doutrina exige a elaboração pessoal e cada educador tem as suas concepções ou posições próprias na interpretação dos fatos e dos resultados das pesquisas e experiências. É o mesmo que se dá no campo filosófico, onde os filósofos de uma mesma corrente divergem entre si sobre vários pontos, embora permaneçam unidos pela filiação única a uma visão geral do homem e do mundo.

Estamos em face da lei da unidade na diversidade. Não se trata de um fenômeno específico do processo pedagógico ou filosófico, pois nas Ciências e em todas as demais atividades humanas ocorre o mesmo. Cada criatura humana é uma consciência pessoal, não obstante a consciência humana seja a mesma em seus fundamentos. Essa diversidade caracteriza a riqueza e a dinâmica da vida. Se quiséssemos esquematizar o pensamento, encerrá-lo em padrões definitivos, estagnaríamos a vida, impediríamos o progresso e sufocaríamos o espírito. Mas as esquematizações progressivas são necessárias, como instrumentos temporais de trabalho, de aplicação dos princípios, na medida do possível, à realidade concreta do momento em que vivemos.

Por isso a elaboração da Pedagogia Espírita é uma necessidade urgente para a orientação do processo pedagógico nas escolas espíritas, que já são uma realidade social e cultural concreta. As escolas espíritas sentem essa necessidade e é de urgência a realização de estudos, de pesquisas, de experiências – e sobretudo de cursos intensivos de Pedagogia no meio espírita – para que possam surgir os pedagogos espíritas, devidamente aparelhados com os instrumentos da cultura atual e com as sugestões doutrinárias, que deverão transformar-se em novos instrumentos culturais no campo do ensino e da educação.

Para atender a essa necessidade premente é que foi publicada a Revista *Educação Espírita* e que mantemos o Grupo Espírita de Estudos Pedagógicos, em São Paulo. Infelizmente a falta de cultura pedagógica em nosso país vem frustrando essas intenções. Sem uma compreensão exata da situação presente e um interesse vivo dos professores de todos os graus de ensino pela cultura pedagógica, o esforço de publicação da referida revista

estará ameaçado de frustração. Mas o pior é que essa frustração redundará na anulação do esforço de todos os que instalaram escolas espíritas no país. Essas escolas, sem a orientação pedagógica necessária, jamais serão realmente espíritas. É isso que os diretores de escolas espíritas precisam compreender com urgência, estimulando os professores à compreensão do problema e à luta contra a preguiça mental que os leva a ignorar a existência de uma revista especializada em Educação e Pedagogia no meio espírita.

Por outro lado, as instituições espíritas, responsáveis pelo movimento doutrinário, precisam acordar do seu sono mediúnico, de tipo sonambúlico, convocando e promovendo reuniões de estudos e debates sobre Educação e Pedagogia espíritas, em forma de seminários e simpósios. Os congressos devem ficar para mais tarde. A Revista *Educação Espírita* servirá de termômetro para a convocação dos congressos na hora oportuna. Os resultados dos seminários e simpósios deverão ser publicados na revista para estimular outras realizações semelhantes e para dar ao meio espírita a medida concreta da preparação atingida pelos professores espíritas que deverão participar dos congressos. De nada adiantará mantermos escolas espíritas de todos os graus, e até mesmo criarmos uma Universidade Espírita, se todas essas escolas nada mais tiverem de espírita além do nome. Os rótulos nada significam se o vidro estiver vazio, se o recipiente não possuir conteúdo.

Não podemos crer que professores espíritas continuem ignorantes das distinções entre Educação e Pedagogia, e mais ainda, que continuem a confundir Pedagogia com métodos pedagógicos. Essa é, realmente, uma situação cultural desastrosa e inteiramente negativa. Nessa desoladora ignorância não estaremos em condições de enfrentar as tarefas culturais que o Espiritismo exige de todos nós. A referida revista procurou suprir a falta de cursos, de seminários e simpósios, publicando farto material instrutivo em seus números desde 1970. Mas se esse material não for consultado, lido e meditado pelos professores espíritas, não poderá produzir nenhum efeito.

Por outro lado é necessário lembrar que as escolas espíritas têm permanecido alheias a esse esforço. Nenhuma escola se interessou até agora pela aquisição dos exemplares já publicados. Sabemos que não é por desprezarem o esforço coletivo do pequeno grupo de professores que vêm sustentando a chama apesar dos pesares. Ninguém despreza o que não conhece. O que tem havido é desinteresse pelo problema. Mas como justificar esse desinteresse quando *Educação Espírita* permanece aberta a todos, solicitando colaborações e informações que não recebe de ninguém? Os poucos trabalhos publicados foram solicitados insistentemente pelo editor. Se não há interesse na publicação de relatórios de pesquisas, de estudos particulares, de dados sobre o movimento escolar e assim por diante, como poderemos movimentar o meio espírita e dinamizar o seu interesse pelas escolas espíritas?

Educação para um Mundo Novo

Concluimos: “Há uma Pedagogia Espírita”, afirmando que a sua finalidade deve ser a formação das novas gerações para um mundo mais cristão. Este anseio não é somente nosso. Não somos apenas nós, os espíritas, que sentimos a necessidade de preparar as novas gerações para um mundo novo e melhor. A Pedagogia moderna, a partir de Rousseau, e alcançando, em meados do século passado, o seu ponto culminante em Pestalozzi, mestre de Kardec, propõe-se precisamente a essa tarefa. A educação do Emílio, em Rousseau, como a educação dos filhos de Gertrudes, em Pestalozzi, representam esforços concretos, e não apenas teóricos, no sentido de uma formação mais adequada do homem, para uma civilização mais humana. O que esse esforço representou, na renovação escolar em todo o mundo, é conhecido até mesmo pelos leigos em questões educacionais e pedagógicas.

Em nosso século destacam-se algumas figuras de importância fundamental na evolução pedagógica, como a de Dewey, nos Estados Unidos, a de Kerchensteiner, na Alemanha, a de Montessori, na Itália, a de Hubert, na França, e assim por diante. Nos Estados Unidos, os próprios títulos de alguns livros representam definições de posição pedagógica. Por exemplo: *Educação e Democracia*, de Dewey, e *Educação para uma Civilização em Mudança*, de Kilpatrick. Este último acaba de sair em nova edição brasileira, o que mostra o seu interesse para a nossa atualidade pedagógica. O objetivo de Kilpatrick é esclarecer os problemas relacionados com a modificação de valores produzida pela civilização tecnológica, no plano social, de maneira a adaptar-se o processo educacional à nova situação.

Tanto Dewey quanto Kilpatrick se propõem, na verdade, a criar uma pedagogia nova, destinada a formar as novas gerações com vistas a um mundo mais humano. Tentativas semelhantes se desenvolvem em outros países, tanto na área do mundo ocidental, em que vivemos, quanto na área do mundo oriental. Por toda parte, como acontecia no século de Augusto, os homens perce-

bem que algo de novo vai acontecer, e que é necessário preparar para ele as novas gerações. Dessa maneira, quando tratamos de uma Pedagogia Espírita, destinada a formar as criaturas para um mundo diferente deste em que nos encontramos, não nos colocamos fora da atualidade pedagógica, mas, pelo contrário, perfeitamente entranhados nela. Mas é preciso acentuar que esse mundo diferente não é apenas uma hipótese ou um sonho, caso em que estaríamos à margem da própria natureza do processo educacional, pois não se educa ninguém para a irrealidade, mas somente para a realidade. Esse mundo diferente está surgindo em meio do mundo atual, e o faz de maneira tão acentuada e acelerada, que vem obrigando os pedagogos a acertarem os passos com ele, em toda a extensão da Terra.

Sinais do mundo novo

Na verdade, já temos muito mais do que os chamados sinais dos tempos. Temos a própria sinalização do novo mundo em transformação, em evidente transição, do mundo em que nos criamos. As gerações formadas neste século passaram por grandes abalos, como o produzido pela primeira Guerra Mundial, e depois pelo aparecimento de novas formas sociais, como o Socialismo, o Nazismo e o Fascismo, e a ocorrência brutal da segunda Guerra Mundial, que resultou num aceleração espantoso da evolução tecnológica e científica. As transformações decorrentes desses fatos ainda estão em curso, e diariamente as sentimos em nosso redor.

Na Rússia, após o abalo das invasões de 1920, surgiu uma figura de pedagogo que teve de enfrentar grandes lutas. Era Makárenko, o educador que transformou as colônias correcionais de menores, em verdadeiras escolas. Combatido pelos teóricos do Partido, perseguido por autoridades de mentalidade esquemática, criticado até mesmo no exterior, Makárenko não recuou no seu esforço de renovar os processos educacionais. Os menores presos pela polícia nas estradas e nas ruas, e enviados às colônias correcionais como criminosos, para serem tratados a pancadas,

eram recebidos por Makárenko de maneira festiva. O mestre os considerava como novos colaboradores, para a realização das obras em andamento na sua colônia. Expunha-lhes os planos em execução, solicitava-lhes ajuda, estimulava-os ao trabalho. Sobretudo, como ele afirma nas suas obras, procurava despertar-lhes a alegria. Seu lema era este: “Despertemos no jovem uma pequena alegria e mantenhamos a chama, que o levaremos à felicidade”.

Na Índia, destaca-se o trabalho de Tagore, que em certa medida é uma reprodução indiana de Tolstoi, o renovador educacional da Rússia czarista. O poeta Rabindranah Tagore, tão nosso conhecido por seus poemas e romances, – sobretudo pela sua poesia repassada de grande ternura humana e elevada espiritualidade, – procurou encaminhar as novas gerações indianas através de um processo educacional mais relacionado com a pedagogia ocidental, sem prejuízo dos valores próprios e tradicionais dos métodos hindus de ensino. A obra de Tagore é um dos sinais mais evidentes do Novo Mundo, assim como a obra de Gandhi, que mais se destaca no campo da política e dos movimentos sociais. Ambos lutaram para oferecer ao seu imenso país uma orientação renovadora, imprimindo nas novas gerações a marca do Novo Mundo.

Mas no Brasil esse esforço não é pessoal, não se centraliza nesta ou naquela pessoa, neste ou naquele líder. Pelo contrário, é coletivo, e a sua vanguarda está precisamente no movimento espírita. Isso ficou claro no momento em que foi necessário levantar a consciência popular contra as ameaças que pairavam sobre a escola pública. Surgiram rapidamente pequenos e improvisados organismos espíritas de luta, que desempenharam, na prática, as funções mais eficazes. Porque os espíritas não se perdiam em preocupações de natureza política ou sectária, nem queriam destacar-se por esta ou aquela razão. Davam tudo quanto podiam, sem nada pedir. Queriam apenas que se resguardasse o patrimônio espiritual da educação democrática no Brasil, mantendo-se abertas as escolas públicas, em número sempre crescente, para o benefício geral da nossa crescente população escolar.

Hoje, superada em parte aquela fase crítica, – pois a escola pública foi resguardada, apesar dos pesares, – surgem as escolas espíritas, como organismos de um novo tipo, modificando o panorama da escola particular. Essas escolas são um dos sinais evidentes do Novo Mundo em nossa terra. Nelas, os dois prejuízos fundamentais da escola particular são superados: o do comercialismo e o do sectarismo. Porque a escola espírita nunca objetiva, nem pode objetivar o lucro, como seu interesse principal. Sua finalidade não é fazer dinheiro, mas ensinar e educar, e sobretudo – educar para o Novo Mundo. E como o Espiritismo não é uma seita, nem mesmo uma religião organizada, de tipo formalista e dogmática, mas a religião em espírito e verdade, anunciada nos Evangelhos, não há nem pode haver intenções sectaristas, e conseqüentemente deformantes, na escola espírita.

Algumas pessoas nos perguntam se os espíritas não fariam melhor, lutando apenas pela escola pública, em vez de entrarem na competição da escola particular. Isso equivaleria a uma fuga. A realidade em que vivemos se constitui, no plano educacional, de dois campos bem definidos: o da escola pública e o da escola particular. Sobre ambos, por toda parte, é exercido o poder deformante do sectarismo religioso. Os espíritas sabem o quanto têm sofrido com isso, na carne de seus próprios filhos. Deixar que o campo da escola particular fique inteiramente nas mãos daqueles que pretendem moldar o mundo à sua maneira, seria fugir à responsabilidade que nos cabe, no tocante à preparação e formação das novas gerações.

O Espiritismo é o sinal maior do Novo Mundo na face do mundo atual. No Brasil, cuja destinação espiritual é proclamada pelos Espíritos e por todos os espiritualistas de mente arejada, o sinal espírita é mais forte e mais poderosamente marcante do que em qualquer outra nação. Os espíritas não podem fugir, sob nenhum pretexto, ao seu dever espiritual e humano de orientar as novas gerações em direção ao Novo Mundo, sob as luzes da sua doutrina, que é universalista e contrária a todo sectarismo. A presença da escola espírita, no campo da escola particular, é o cumprimento de um dever e ao mesmo tempo uma prova da força renovadora do Espiritismo.

União para a grande luta

A esta altura do desenvolvimento do Espiritismo no Brasil, o que os espíritas precisam compreender, portanto, é a necessidade de união de todos, para a grande luta que nos desafia. Há os que sonham com a presença dos espíritas na vida política, e os que desejam uma atitude firme dos espíritas na batalha contra as injustiças sociais. Todas as intenções são nobres, quando estimuladas pelo ideal espírita. Mas a verdade é que a nossa luta tem dimensões mais amplas. Nosso trabalho deve realizar-se nos alicerces, na própria base da vida política e da justiça social, que é a orientação e a formação do homem novo de amanhã. Quanto maior é o objetivo a atingir-se, mais penosa, mais dolorosa e mais longa é a luta. Não nos interessam os efeitos de superfície. O Espiritismo, como ensinou Kardec, é uma questão de essência e não de forma, de fundo e não de superfície. Temos de remodelar o mundo a partir dos seus fundamentos.

E desde Platão os homens arejados já compreenderam que as verdadeiras transformações sociais se fazem pela educação. A educação não é apenas a transmissão de uma velha e caduca herança cultural, de uma geração para outra. É também, e sobretudo, como explicou Dewey, a reelaboração dessa herança pelos herdeiros, pelas novas gerações. Depois de Platão, quem demonstrou a importância fundamental da educação na transformação do mundo, foi Rousseau. Mas antes de ambos houve Sócrates na Grécia, Confúcio na China, Buda na Índia, e por fim Jesus na Palestina, ensinando e educando a Humanidade para o Mundo Novo que o Cristianismo criou na Terra.

Agora é a vez do Espiritismo. Os seus princípios constituem o código de uma vida nova, os alicerces de uma nova civilização. E só através da educação poderemos torná-los efetivos no mundo. Modelando os homens, através das novas gerações, ao fogo renovador da concepção espírita, estaremos realmente modelando o Mundo Novo, pois o mundo é feito à imagem e semelhança do homem. Vencida, no primeiro século do Espiritismo, que se encerrou a 18 de abril de 1957, a primeira grande batalha doutrinária, – que foi a da consolidação da doutrina, – enfrentamos

agora, no segundo século, a batalha de sua expansão e integração cultural. Integrar o Espiritismo no acervo de cultura que as gerações passadas nos deixaram, transformá-lo em vivência para o Mundo Novo, esse é o nosso dever, e só o poderemos cumprir através da educação. Procuremos compreender e divulgar essa verdade, para que a nossa grande luta possa atingir os seus objetivos.

Conceito Espírita de Educação

Encarada numa perspectiva espírita, a Educação nos apresenta dois aspectos fundamentais: é o processo de integração das novas gerações na sociedade e na cultura do tempo, mas é também o processo de desenvolvimento das potencialidades do ser na existência, com vistas ao seu destino transcendente. Cada ser traz consigo, para cada existência, os resultados do seu desenvolvimento anterior, em existências passadas. Esses resultados se encontram em estado latente no seu inconsciente, mas desde os primeiros anos de vida começam a revelar-se nas suas tendências e no conjunto das manifestações do seu temperamento. Cabe aos pais e aos educadores observar esses sinais e orientar o seu ajustamento às condições atuais, corrigindo as deficiências e os exageros na medida do possível e ao mesmo tempo propiciando novos desenvolvimentos na atual existência.

A criança encarna o ser com todas as suas potencialidades morais e espirituais, mas o seu instrumento de manifestação, o corpo físico, não se apresenta em condições imediatas de manifestar em plenitude o seu estágio evolutivo. O ser está sujeito, inicialmente, às condições biológicas da espécie. Só através do desenvolvimento orgânico o ser vai se definindo em suas características individuais e revelando a sua capacidade de ajustamento social e cultural, bem como as suas possibilidades de auto-superação moral e espiritual.

Podemos assim estabelecer o esquema de sua evolução existencial segundo as fases geralmente admitidas no plano pedagógico: o ser biológico se completa no ser social, este no ser moral e este no ser espiritual. Compete à Educação auxiliá-lo nesse desenvolvimento progressivo e orientá-lo para novas conquistas em futuras existências. A Educação Espírita não pode restringir-se aos fins imediatos do processo educacional, que caracterizam as formas pragmáticas de Educação do passado e do presente. Seus fins superiores consistem no desenvolvimento de toda a *perfectibilidade possível do ser*, como queria Kant.

A concepção espírita do homem nos mostra o ser na existência com duas formas corporais e dois destinos inter-relacionados. O corpo físico é o seu instrumento de vivência terrena, mas o corpo espiritual ou perispírito é o organismo etéreo de que ele deve servir-se na continuidade superexistencial dessa vivência. Essa *dualidade-relativa* do homem, de que trata Rhine, manifesta-se também na sua estrutura mental. De acordo com a descoberta de Frederich Myers, hoje mais válida do que no seu tempo, temos a mente supraliminar e a mente subliminar. A Psicologia Profunda e a Parapsicologia confirmaram as conclusões de Myers nesse sentido. Não há mais nenhuma possibilidade de dúvida a respeito.

Procuremos deixar este problema bem claro. Em nossa vida diária verificamos que existe um limite definido para a nossa mente, que funciona em relação permanente com o exterior. Captamos as sensações do mundo pelos nossos sentidos orgânicos – o tato, a audição, a visão, o olfato, a gustação etc. – e com esses dados sensoriais elaboramos a nossa visão do mundo e estabelecemos as nossas relações com o meio físico e o meio social em que vivemos. A estrutura mental que resulta dessa elaboração é o que geralmente chamamos *mente*, formada pelas categorias da razão, hoje consideradas como formas dinâmicas da experiência. Essa é a *mente de relação*, que estabelece a nossa relação com o mundo e com os outros. Mas quando dormimos e sonhamos, ou quando nos distraímos, quando fugimos da realidade num instante de *ausência psíquica*, ou quando agimos impulsivamente, levados por alguma emoção, notamos que há em nós algo mais do que essa mente disciplinada. Percebemos, vemos, sentimos e agimos fora dos limites da razão e portanto da mente.

A divisão feita por Myers corresponde aos conceitos de consciente e inconsciente da Psicanálise. Mas muito antes de Freud e Myers, já Kardec colocara o problema n'*O Livro dos Espíritos*, ao tratar das manifestações anímicas no campo da mediunidade e ao investigar o fenômeno de independência da alma durante o sono. Freud tinha apenas um ano de idade quando esse livro foi publicado. Assim, as teorias de Freud, Myers e todos os demais

só fizeram confirmar a teoria espírita. Essa mente que se revela como algo mais profundo que a *mente de relação* é a que podemos chamar *mente de profundidade*. Suas categorias são muito mais numerosas e mais ricas do que a da *mente de relação*.

Podemos agora compreender com mais clareza a teoria da *mente supraliminar* e da *mente subliminar* formulada por Myers. Nossa *mente de relação* repousa sobre uma espécie de patamar, abaixo do qual se encontra a nossa *mente de profundidade*. Por isso Myers chamou a *mente de relação* de *consciência supraliminar* e a *mente de profundidade* de *consciência subliminar*. A primeira está sobre o limiar da consciência e a outra abaixo desse limiar. Quando sentimos um impulso inconsciente ou temos um pressentimento, houve uma invasão, segundo Myers, da *mente de relação* pelas correntes psíquicas do pensamento e emoção da *mente de profundidade*. Há uma relação constante entre as duas formas mentais. Essa relação aumenta na proporção em que se desenvolve o ser, em que a sua evolução dá maior flexibilidade à sua estrutura mental. É isso que hoje permite a investigação científica da reencarnação.

Dessa maneira a Educação Espírita não pode limitar-se à mente de relação, pois que ela só representa um momento do ser. Dewey mostrou que a Educação existe em função da morte. Se não morrêssemos não precisaríamos desse processo, de vez que a cultura não sofreria solução de continuidade. Mas a morte substitui umas gerações por outras e cada nova geração é herdeira da cultura elaborada pela anterior. Recebe essa herança através da Educação e a reelabora segundo suas novas disposições, sua nova maneira de encarar o mundo. Se Dewey tivesse a visão espírita de René Hubert acrescentaria que a Educação existe em função da reencarnação. Vemos, graças à reencarnação, que o desenvolvimento do ser não é contínuo, mas descontínuo. Em cada existência terrena o ser desenvolve certas potencialidades, mas a lei de inércia o retém numa posição determinada pelos limites da própria cultura em que se desenvolveu. Com a morte corporal ele volta ao mundo espiritual e tem uma nova existência nesse mundo. A morte rompe o seu condicionamento terreno e ele pode então verificar que os limites a que chegara eram ape-

nas temporais. Fora do tempo e do espaço físico suas percepções se ampliam e o ser compreende que a sua perfectibilidade – a sua capacidade de atingir a perfeição – não tem limites, ou pelo menos os limites terrenos. Voltando a nova encarnação o ser pode reencetar com mais eficiência o desenvolvimento de sua perfectibilidade. Mas se não receber na vida terrena os estímulos necessários poderá sentir-se novamente preso à condição da vida anterior na Terra, estacionando numa repetição de estágio. É isso o que se chama *círculo vicioso da reencarnação*. A Educação Espírita tem por função evitar que o ser venha a cair nesse círculo.

Podemos agora compreender melhor o conceito interexistencial do homem. A criatura humana, mesmo nesta existência, não está sujeita apenas ao plano existencial terreno. Ela existe *no aqui e no agora*, mas traz consigo a *mente de profundidade* que liga à existência espiritual de que provém. Nas horas de vigília o ser humano vive esta existência, mas nas horas de sono o seu corpo espiritual permite e até mesmo determina a sua constante relação mediúnica com os seres existentes noutra dimensão da realidade. Vivemos entre duas existências e não apenas numa, como supõe a ilusão materialista. Não somos apenas *o existente* da concepção existencialista, somos *o interexistente* da concepção espírita. O conceito de alienação atribuído às religiões pelos materialistas e pragmáticos é assim devolvido a eles. Não é alienado o ser que *interexiste*, mas sim aquele que apenas *existe*, que pensa poder viver unicamente a existência passageira da Terra.

Mas enquanto as religiões fazem da vida espiritual um mistério envolto em magia e misticismo – o que ao menos em parte dá razão ao conceito de alienação do materialismo – o Espiritismo revela que a vida espiritual é natural e não sobrenatural e deve ser encarada com o mesmo realismo da vida terrena. As próprias Filosofias da Existência, em nosso tempo, definem a vida como subjetividade e reconhecem que o seu objetivo é a transcendência. Não vivemos organicamente, mas de maneira psicológica. Vivemos de aspirações, de interpretações da realidade, de sonhos e muitas vezes de ilusões. São nossos pensamentos e sentimen-

tos, nossas emoções e nossos desejos que determinam o nosso comportamento. Por isso a realidade nos surpreende e nos decepciona. Sabemos que temos de morrer, mas a nossa intuição interior nos diz que não morremos. Sem os dados espíritas a respeito da realidade global do nosso ser e da nossa posição no mundo não sabemos equilibrar essa contradição da *mente de relação*. No processo educacional a Religião devia exercer a função equilibradora, que entretanto não exerce em virtude das antinomias a que se acha presa. Sua posição contrária à da Ciência estabelece os conflitos da educação leiga com a educação religiosa. A Educação Espírita, fundada na Ciência Espírita, elimina esses conflitos e nos leva ao campo da Educação Integral. Fala-se hoje em Educação Permanente. A Educação Espírita não é só permanente, contínua, mas sobretudo integral.

A dualidade expressa nos conceitos de objetivo e subjetivo não é conflitiva, mas complementar. Cada um desses conceitos nos dá uma face da realidade total. É o que já vimos na própria constituição do homem, dos seus corpos e da sua estrutura mental. Georges Kerchensteiner coloca esse problema no campo da cultura e nos mostra o seguinte: toda cultura se divide em dois planos, o objetivo e o subjetivo. A cultura objetiva se concretiza nos planos das obras e das realizações materiais, constituindo por assim dizer o corpo físico das civilizações. A cultura subjetiva se constitui das idéias, dos princípios, das aspirações de cada civilização. É a sua alma, o seu espírito nela *encarnado*. Ernst Cassirer nos mostra que essa alma impregna a cultura objetiva, de maneira que das obras materiais de uma cultura morta podemos fazer ressuscitar o seu espírito, como aconteceu, por exemplo, na ressurreição da cultura greco-romana durante o Renascimento.

Uma Educação que não leve em consideração essas realidades históricas e culturais está condenada a esgotar o seu conteúdo e morrer. A Educação não age apenas no plano individual, mas também no plano coletivo. A soma dos processos educacionais de cada civilização resulta sempre numa síntese que tende a aplicar-se cada vez mais intensamente a toda a Humanidade. A Educação Cristã revelou essa tendência de universalização, mas seus esforços foram barrados pela oposição do formalismo

religioso das igrejas cristãs ao desenvolvimento científico. Por isso ela foi superada pela Educação Leiga. A Educação Espírita agora se impõe como a síntese desse conflito entre a Religião e a Ciência. A sua capacidade de harmonizar os dados da Religião com os dados da Ciência lhe permite responder plenamente às exigências do nosso tempo, no momento exato em que a pesquisa científica rompe os grilhões do materialismo e supera o agnosticismo kantiano, mostrando que o homem dispõe de condições mentais para conhecer além dos limites da realidade sensorial.

O sentido transcendente da Educação Espírita não tem as implicações salvacionistas das formas de Educação Religiosa do passado e do presente. O conceito espírita de transcendência é puramente racional. A proposição de Karl Jaspers sobre as duas formas de transcendência humana, a horizontal e a vertical, corresponde à interpretação espírita. O homem, como um ser fechado em si mesmo, abre-se na transcendência horizontal através da comunicação, projetando-se no plano social. Sua abertura para a transcendência vertical começa na superação da *moral fechada* de Bergson, projeta-se na *moral aberta* e atinge o seu maior impulso na busca de Deus, através da *religião racional*, onde fé e razão se conjugam. O problema místico da salvação pessoal é substituído pelo da evolução coletiva, pois a salvação espírita consiste na espiritualização de todos os seres humanos. O processo evolutivo do ser, considerado como irreversível, abrange a todos e substitui o conceito de pecado pelo de erro, que sempre será corrigido na sucessão natural das reencarnações.

A Educação Espírita restabelece e renova a concepção da bondade inata do homem, de Rousseau, bem como a da queda social, colocando o problema da redenção em termos educacionais. É pela Educação, sustenta Kardec, que podemos reformar o homem e o mundo. A Religião é encarada como uma forma especial de Educação, aplicada em todos os tempos no sentido de arrancar o homem da animalidade e conduzi-lo à humanização, pelo desenvolvimento progressivo de sua perfectibilidade possível, levando-o à espiritualidade. Essa posição espírita é hoje endossada pela tese de Hubert, segundo a qual o fim principal da Educação é implantar na Terra uma *República dos Espíritos*,

alicerçada na *solidariedade de consciências*. O conceito de Deus não é antropomórfico, mas cósmico. Deus é o Absoluto e só o podemos compreender na forma suposta de uma Inteligência Suprema que criou, sustenta e dirige o Universo, sendo ao mesmo tempo imanente, pela manifestação de sua inteligência em todas as coisas, e transcendente, pela superação do mundo relativo em que evoluem as coisas e os seres. A reencarnação é uma lei natural e universal, um aspecto da lei geral da palingenesia, pois tudo se renova constantemente em todo o Universo, no processo de *geração e corrupção* já antevisto por Aristóteles.

Ensino, processo de informação e instrução, e Educação, processo de formação moral e espiritual, constituem as coordenadas da Doutrina Espírita e balizam a prática doutrinária em todos os seus aspectos. Bastaria isso para nos mostrar que o Espiritismo ocupa, no próprio campo do Conhecimento, uma posição de síntese. Seus aspectos fundamentais de Ciência, Filosofia e Religião se encontram e se fundem no delta da Pedagogia, para o qual confluem todas as águas da Cultura. Examinemos melhor esta questão. No campo do conhecimento a Ciência nasce da prática, do *fazer* do homem no mundo; a Filosofia brota da razão, do *pensar* do homem sobre o mundo; a Religião surge da afetividade, do *sentir* do homem no seu viver no mundo. Essas três províncias do Conhecimento formam a unidade do *conhecer* e por isso não podem estar em conflito, pois as suas antinomias quebram a unidade do Espírito, confundem a Cultura e tornam conflitiva a Civilização. Conseqüência inevitável é o conflito no campo educacional. A unidade conceptual e estrutural do Espiritismo devolve a unidade do *conhecer* ao homem e restabelece a harmonia no campo da Educação.

Essa era a missão do Cristianismo. Mas o próprio Cristo nos advertiu que ela só poderia ser realizada no tempo, na proporção em que a evolução espiritual do homem o levasse às condições necessárias. Daí a sua promessa de nos enviar o Espírito da Verdade, que nos conduziria a toda a Verdade, permitindo-nos a compreensão total do seu ensino. A expressão Espírito da Verdade é simbólica. Representa no Evangelho aquilo que John Murphy, em sua obra *Origines et Histoire des Religions*, chama

de *Espírito de Civilização*. Kardec, no primeiro capítulo de *A Gênese*, explica o porquê de o Espiritismo só haver surgido em meados do século passado, quando o desenvolvimento científico e filosófico, à revelia da estagnação teológica, permitiu ao homem encarar os fenômenos espíritas como fatos naturais, suscetíveis de análise e explicação racional.

Cabe ao Espiritismo completar a missão do Cristianismo. Cabe à Educação Espírita devolver ao Espírito a sua unidade. A Ciência, empolgada por sua capacidade de investigação e produção, pela descoberta da Técnica, julgou-se capaz dessa tarefa. Antes dela o Catolicismo criou a unidade religiosa da Idade Média, que jamais se tornou completa e custou o preço elevadíssimo do fanatismo e da crueldade. Augusto Comte supôs que a aparente unidade medieval podia ser restabelecida através da Ciência, após o Renascimento, e atirou-se à aventura do Positivismo. Sua intuição filosófica, nascida daquele *instinto espiritual* a que se referiu Kardec, e que está vigilante em nosso inconsciente, levou-o afinal à compreensão da necessidade de uma religião racional e a fundar a Religião da Humanidade, que seria a Herdeira do Catolicismo no mundo moderno. A exigência de união da fé com a razão foi uma constante do espírito francês, como vemos pelo episódio da Religião da Razão na Revolução Francesa. Mas essa exigência só poderia ser atendida mais tarde, através de Kardec, com a Religião Espírita.

Vemos assim que as conotações históricas e culturais justificam plenamente o desenvolvimento natural da Educação Espírita em nossos dias. Essa Educação, por sua vez, exige a elaboração das formas orientadoras da Pedagogia Espírita. É sintomático o fato de nos vir também da França a primeira grande tentativa nesse sentido, como o *Traité de Pedagogie Générale* de René Hubert. Esse tratado nos mostra que Hubert é espírita por intuição, em virtude do *instinto espiritual* que traz no seu inconsciente. Sua afirmação de que “o espírito é a lei do ser na existência” e toda a sua posição no trato dos problemas educacionais o coloca numa perfeita relação com o pensamento espírita. Faltou à sua obra o esclarecimento do problema da reencarnação e suas profundas implicações educacionais e pedagógicas. Mas embora

não o aborde de maneira direta, Hubert o aflora, como o faz também Kerchensteiner, o grande pedagogo alemão que foi, por assim dizer, o parceiro europeu de Dewey na reforma educacional do nosso tempo.

Segundo Kerchensteiner, a Educação é um “ato imanente e necessário de toda sociedade humana e não visa a um objetivo natural que o homem isolado pudesse alcançar por si mesmo, pois o ser espiritual não é um animal levado a certo grau de perfeição, mas uma síntese original e única dos valores culturais, pois cada homem organiza esses valores em sua consciência a seu modo e conforme a sua individualidade.” E conclui: “A Pedagogia é um ramo especial das Ciências do Espírito e se funda no conceito de cultura.”

Essa interpretação sociológica da Educação extravasa dos limites estreitos da Sociologia atual ao definir o homem como *ser espiritual*. Por outro lado, a organização dos valores culturais na consciência, obedecendo a um princípio de individualização, requer condições evolutivas que somente o princípio da reencarnação poderia explicar. Os meios culturais europeus – e isso foi anotado por Hubert em seu tratado – não poderiam aceitar a questão das vidas sucessivas de maneira pacífica. Kerchensteiner na Alemanha e Hubert na França não poderiam aprofundar o problema do ser espiritual em termos pedagógicos. Mas o tempo avançou e surgiram entre nós as escolas espíritas, dando nascimento à Educação Espírita como um ato imanente e necessário da nossa sociedade espírita. Agora não há apenas condições favoráveis, mas a exigência imperativa da elaboração de uma Pedagogia adequada ao desenvolvimento dessa nova forma de Educação.

A Revista *Educação Espírita* procurou criar condições, desde 1970, para que pudesse surgir entre nós a resposta necessária ao desafio das escolas espíritas. Por quatro anos circulou a revista e nem sequer se esboçou a possibilidade dessa proposta. Sentimo-nos obrigados a esboçá-la neste compêndio, na esperança de estimular especialistas espíritas mais bem dotados a contribuírem com suas luzes e suas experiências para a orientação pedagógica da Educação Espírita em nosso meio. E também na esperança de

oferecer às escolas espíritas, de todos os graus de ensino, algumas sugestões que possam auxiliá-las no desenvolvimento de seus trabalhos. O desconhecimento e a incompreensão do assunto são ainda tão espantosos entre nós que nos encorajam a esta audaciosa tentativa.

Esquema da pedagogia espírita

Como exigência natural do desenvolvimento das sociedades humanas, a Educação é um processo que se revela espontaneamente no meio social. Antecede, portanto, à Pedagogia. As pesquisas sobre a Educação Primitiva, entre tribos selvagens, demonstrou que onde houver um pequeno aglomerado humano isolado surgirá inevitavelmente uma forma rudimentar de Educação. Nas tribos as crianças são realmente recebidas como criaturas estranhas que não conhecem o sistema de vida, as crenças e os rituais do grupo. Mas como chegam através do nascimento devem ser bem recebidas e tratadas com atenção e carinho. Não obstante, são conservadas em observação e numa posição marginal durante boa parte da segunda e da terceira infâncias, como estrangeiros. Sua integração na tribo vai-se fazendo aos poucos, graças ao instinto de imitação.

Mais ou menos à altura da puberdade começam a ser iniciados nas crenças e nos ritos da tribo. Mas ao contrário do que geralmente se pensa, ao tratar de selvagens, essa educação natural se caracteriza pela bondade e a tolerância. Os pais e os adultos em geral respeitam na criança os seus impulsos e os seus caprichos. Muitos observadores se espantam com a falta de castigo e repressões violentas dos adultos contra crianças que os atrapalham, que não raro lhes perturbam os afazeres. A descoberta dessa forma de educação tolerante serviu para mostrar aos pedagogos o verdadeiro sentido da Educação. Sua finalidade não é coagir os educandos a entrosar-se num determinado sistema de vida, numa estrutura social, mas atraí-los com brandura e persuasão para essa integração.

Poderíamos considerar os ritos de iniciação como o início da educação formal nas tribos. Em geral é nesses ritos, já na puberdade, que a criança recebe um nome e é submetida a tatuagens e sinais físicos de que pertence à tribo. Entre esses sinais se encontra, em certas tribos, a circuncisão usada pelos judeus. Hubert acentua que nesse momento é que a criança nasce realmente para a tribo. Perde o seu nome infantil (simples apelido) adquire um nome significativo e nasce para a vida tribal. Os ritos de iniciação são geralmente brutais, mas decorrem da necessidade de preparar o menino para enfrentar a vida na selva. Deve aprender a suportar dores, torturas, privações, a fim de tornar-se um membro digno da tribo. Os processos de educação em Esparta tinham muitos desses resíduos bárbaros. Já em Atenas os resíduos cediam lugar a novos métodos e surgiam princípios decorrentes da reflexão filosófica sobre o ato de educar. A Pedagogia nasceu em Atenas, juntamente com a Filosofia – diz Hubert – e isso não obstante a existência de modalidades pré-pedagógicas nas grandes civilizações orientais. Essas modalidades se constituem mais de preceitos religiosos e morais do que reflexões sobre os problemas educacionais.

A Pedagogia se define como estudo da Educação, análise do processo educativo, com a finalidade não só de conhecê-lo mas também de orientá-lo, graças à descoberta das leis que o regem. Sua definição mais precisa, segundo nos parece, é a de Teoria Geral da Educação. Distingue-se da Filosofia da Educação por abranger todos os aspectos do processo educacional e penetrar no próprio campo da prática. A Pedagogia Aplicada implica os Métodos Pedagógicos, que são sistemas formulados artificialmente, com base nas observações e investigações dos vários campos da atividade educacional. Implica ainda a utilização dos dados da Biologia, da Psicologia, da Sociologia, da Ética e assim por diante, que fornecem à pedagogias informações necessárias sobre o educando. Atualmente a utilização de recursos tecnológicos enriquece o campo das aplicações pedagógicas.

A Educação Espírita é um fato novo, uma nova forma de Educação que surge na era tecnológica. Apesar de originar-se de uma doutrina moderna, de bases científicas e desenvolvimento

filosófico, essa Educação, como todas as formas educacionais, em todos os tempos, surgiu numa determinada sociedade por exigências da vida prática. A propagação do Espiritismo em nosso país e na América, mas com maior acentuação em nossa terra, propiciou a formação natural de uma nova subestrutura na sociedade brasileira. Esse é um dado sociológico importante para a elaboração da Pedagogia Espírita. Nenhuma sociedade se apresenta maciça, pois todas se estruturam em camadas diversas da população, em castas, estamentos e classes. Mas também as correntes religiosas fazem parte da estrutura social e participam ativamente da sua dinâmica. Cada subestrutura constitui uma espécie de mosaico na formação da estrutura geral da sociedade e funciona como uma pequena sociedade. A Educação Espírita é um produto natural e espontâneo da sociedade espírita. Figura, em nosso contexto social, ao lado da Educação Católica, Protestante, Judaica e outras. Os que estranham de falarmos em Educação Espírita e chegam às vezes ao cúmulo de censurar-nos, nada mais fazem do que confessar de público a sua ignorância nesse campo básico da Cultura.

A Pedagogia Espírita distingue-se das várias Pedagogias religiosas e da chamada Pedagogia Geral por incorporar os dados da Ciência Espírita. Esses dados são revolucionários por darem, como vimos no capítulo anterior, uma visão inteiramente nova do homem e, portanto, do educando. As Pedagogias mais avançadas, como as de John Dewey, Kilpatrick, Georges Kerchensteiner e René Hubert, estas duas últimas colocando-se paralelamente à concepção espírita, não correspondem às exigências mais profundas e substanciais da Pedagogia Espírita. Servem-lhe de apoio, de respaldo, e oferecem-lhe contribuições valiosas, mas não enfrentam o problema essencial da concepção do educando como um reencarnado. Esse problema envolve graves questões de ordem antropológica, biológica, psicológica, moral, estética, ética, jurídica e outras, que só a Pedagogia Espírita tem, ao menos por enquanto e talvez ainda por muito tempo, condições de tratar. Deixar tudo isso de lado por simples ignorância, por temor de preconceitos sociais e culturais ou por motivos de discordâncias doutrinárias seria crime de lesa-humanidade. A

Educação Espírita está aí, ante os nossos olhos, na realidade concreta de uma rede escolar espírita que vai dos cursos pré-primários até às unidades universitárias, prenunciando a breve formação da primeira Universidade Espírita do mundo. Por outro lado, o problema da *formação espírita* é de importância vital para a Doutrina e não temos o direito de negligenciá-lo. Seria, por sinal, qualquer negligência nesse sentido, uma prova dolorosa da indigência mental dos espíritas.

Não nos impressionemos com os movimentos obscurantistas contra a Educação Espírita e a Cultura Espírita. Os obscurantistas permanecerão na sua obscuridade, mas o nosso dever é acompanhar o avanço da Doutrina, o seu desenvolvimento em direção às luzes do futuro. A verdade sempre acaba prevalecendo. Sua força é irresistível. Temos a prova disso no exemplo de Kardec. Sua obra condenada, amaldiçoada, rejeitada e espeznhada é hoje encarada com respeito em todo o mundo, pois o próprio avanço das Ciências e as transformações atuais das Religiões a estão confirmando por toda parte. Procuremos traçar um esboço da Pedagogia Espírita, embora modesto, ajudando-a a surgir das páginas de Kardec como as várias formas de Pedagogia Cristã surgiram das páginas do Evangelho.

Pedagogia espírita (esboço geral)

Bases históricas

As primeiras referências à Educação Espírita foram feitas por Kardec na *Revista Espírita*, revelando o aparecimento de um novo tipo de Educação Familiar na França, em Paris. Escreveu Kardec, na *Revue* de Fevereiro de 1864, um artigo sobre o que observara numa família parisiense em que as crianças recebiam educação moral baseada no Espiritismo. Suas palavras finais nos provam o seu entusiasmo pelo que pôde então observar: “Ele (o Espiritismo) já prova a sua eficácia pela maneira mais racional por que são educadas as crianças numa família verdadeiramente espírita”. No Brasil tivemos bem cedo a transição dessa nova forma de Educação para o plano da escolarização. Coube a

Eurípedes Barsanulfo a instalação do Colégio Allan Kardec, em Sacramento, Minas Gerais, juntamente com um ex-aluno do famoso Colégio do Caraça, também em Minas, dirigido por padres católicos. A instalação dessa primeira escola espírita brasileira verificou-se em 1909. Dessa escola surgiria mais tarde o Colégio Pestalozzi, de Franca, fundado por um aluno de Eurípedes, o Dr. Tomaz Novelino, médico, e sua esposa, a Prof^a Maria Aparecida Novelino. Esse colégio é hoje uma grande e respeitada instituição e dele surgiu a Faculdade de Educação, Ciências e Tecnologia, já instalada e em pleno desenvolvimento.

Estes dados terão de ser acrescidos por pesquisas posteriores, já em andamento. Mas os dados históricos da Pedagogia Espírita não se resumem à História da Educação Espírita. Eles ressaltam, sobretudo, de um exame das raízes da Pedagogia Espírita na História da Pedagogia Geral, bem como de um estudo dos antecedentes representados pelas formas da Pedagogia Judaica e da Pedagogia Cristã. Trabalhos a respeito foram publicados no n.º 3 da Revista *Educação Espírita*, referente a Dezembro de 1972.

Bases científicas

As bases científicas da Pedagogia Espírita decorrem das investigações científicas da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas sobre as condições do Espírito no mundo espiritual, suas manifestações mediúnicas e sua condição ao reencarnar-se. Esses dados são acrescidos pelas pesquisas espíritas em plano universitário e particularmente pelas informações de livros como *A Personalidade Humana*, de Frederich Myers. As experiências psicológicas e parapsicológicas atuais, mormente no tocante às investigações sobre o inconsciente e à percepção extra-sensorial, fornecem dados significativos para o conhecimento pedagógico dos mecanismos mentais. As pesquisas sobre a reencarnação e as pesquisas mais recentes sobre o corpo bioplásmico dão a contribuição tecnológica para a explicação da estrutura real do educando. A Psicologia Evolutiva da Infância e da Adolescência oferece também elementos básicos para a compreensão dos processos mentais e psíquicos do educando. A esses dados se

reúnem os da Biologia Educacional e da Sociologia e Psicologia Educacionais.

Evidentemente os dados da Ciência em geral sobre a natureza humana e os da Ciência Espírita em particular fazem parte das fontes de contribuição científica para os fundamentos da Pedagogia Espírita.

Bases religiosas

A Pedagogia Espírita não poderá desprezar os dados da experiência religiosa em geral, pois essas experiências, embora interpretadas de maneira sectária pelas várias religiões, poderão oferecer interesse na configuração de um aspecto importante da personalidade humana. As investigações sobre a origem das religiões e sua história podem também fornecer dados psicológicos e espirituais importantes. Mas a principal fonte desses dados estará certamente nos fatos mediúnicos e nas obras psicografadas que tratam do aspecto religioso do Espiritismo. Estudos e experiências devem ser desenvolvidos por psicólogos e parapsicólogos espíritas sobre a tese doutrinária da *lei de adoração* e suas manifestações. Nesse sentido, a Antropologia Cultural e a História das Religiões poderão também oferecer dados importantes. A Psicologia das Religiões será de grande interesse para o levantamento dos problemas psicológicos referentes às manifestações da referida lei. A tese de Richet sobre o condicionamento à crença e o estudo dos padrões de memória e sua influência na percepção extra-sensorial, no campo das pesquisas parapsicológicas, contribuirão para o esclarecimento dos problemas anímicos e de muitas das supostas fraudes na atividade mediúnica. Em todos esses campos devem buscar-se elementos informativos sobre os mecanismos psíquicos na relação do homem com os fenômenos paranormais.

Bases filosóficas

As bases filosóficas imediatas da Pedagogia Espírita estão na Filosofia Espírita, mas a Filosofia Geral, a História da Filosofia e particularmente as Filosofias da Existência e a Teoria Fenomenológica podem oferecer contribuições significativas para a boa

orientação pedagógica no tocante aos problemas da estruturação teórica. A metodologia filosófica moderna e contemporânea possui elementos aproveitáveis e sugestivos para a descoberta de novas perspectivas na investigação pedagógica. O estudo da Filosofia Moral, da Filosofia da Educação, e em especial da Antropologia Filosófica e da Ontologia podem fornecer elementos e sugestões para a boa colocação do problema do Ser na Pedagogia Espírita.

Bases estéticas

As pesquisas estéticas, modernas e contemporâneas, a História da Arte, a Filosofia da Arte, as experiências atuais no campo das artes plásticas, das artes gráficas, da música, da poética, da literatura em geral são fontes indicadas para a boa colocação do problema da Arte Pedagógica ou Arte de Ensinar e Educar. Recursos visuais, auditivos e plásticos podem ser aplicados à prática pedagógica para maior eficiência do processo educativo e do ensino. A emoção estética pode ser mais bem pesquisada nesse campo do que propriamente no dos ensaios a respeito. As bases estéticas da Pedagogia Espírita correspondem à exigência de esclarecimento da função da Arte no aprimoramento da sensibilidade, de sua contribuição para o equilíbrio psíquico e desenvolvimento moral. A integração do ser em sua consciência estética deve ser um dos objetivos principais da Pedagogia Espírita.

Bases práticas

As bases práticas da Pedagogia Espírita se referem às formas educativas de sentido utilitário: a Educação Física, a Educação Corporal, a Educação Sexual, a Educação Profissional e assim por diante. As bases práticas da Pedagogia Espírita, para essas múltiplas formas de Educação, não podem restringir-se ao aspecto formal dessas disciplinas pedagógicas. Em todos esses campos há conotações com os problemas do espírito, pois este constitui o fundamento de todas as atividades humanas. A orientação filosófica, estética e ética, as implicações religiosas, os problemas da relação alma-corpo, as questões de higiene e higidez, o equilíbrio orgânico, a luta contra a fadiga e o desgaste, as questões referen-

tes às crises periódicas do desenvolvimento corporal e do seu declínio, e outras várias questões estão naturalmente envolvidas na preparação do educando para a vida prática. O estudo da *Paidéia* grega seria uma fonte valiosa para a melhor compreensão de todas essas questões.

Para não ir mais longe, dando apenas uma visão, ao leitor ou ao estudante, da complexidade da Pedagogia Espírita, ficaremos por aqui na apresentação do nosso esboço geral. A finalidade da Pedagogia Espírita é orientar o desenvolvimento da Educação Espírita, fornecendo-lhe todos os elementos capazes de disciplinar a ação educativa nas escolas espíritas. Essa a razão por que achamos conveniente esboçar um quadro geral das principais diretrizes que serão fatalmente defrontadas pelos estudiosos que desejaram contribuir para o êxito dessa nova forma de Educação. Seria bom que os professores espíritas se interessassem pelo exame desse esboço, pois mais hoje, mais amanhã, poderão ser convocados pelo Alto para uma contribuição num desses setores.

No momento teremos de nos restringir a alguns aspectos mais urgentes, que correspondem às necessidades imediatas das escolas já existentes. No Capítulo seguinte e nos posteriores, os interessados encontrarão o exame dos problemas imediatos e poderão situar-se na área que acharem mais adequada às suas tendências e preferências, ou às suas experiências vividas nas lides educacionais. Não temos a pretensão de trabalhar isoladamente nesse campo tão vasto, complexo e de tão urgente necessidade de exploração pelos professores espíritas. É necessário que façamos um verdadeiro mutirão pedagógico para respondermos ao desafio presente da Educação Espírita em nossa terra.

A Educação Espírita foi plantada no Brasil e está crescendo assustadoramente, mas ao mesmo tempo auspiciosamente. Todos temos o dever de tomar consciência dessa realidade. Uma Educação sem Pedagogia é um barco sem bússola. Não haverá no professorado espírita brasileiro, tão numeroso, alguns elementos dispostos a esse voluntariado? Cumpramos o nosso dever nesta hora de transição cultural, quando vemos no horizonte os primeiros clarões da Cultura Espírita. É uma felicidade estarmos aqui neste momento, mas precisamos fazer por merecê-la.

Conceito espírita do Educando

Para a Educação Natural o educando é uma criança, um jovem ou um adulto que deve ser integrado na sociedade. Essa integração é principalmente cultural, mesmo nas tribos selvagens. Nas civilizações o processo de integração é mais complexo, mas nem por isso estamos inteiramente libertos do primarismo das selvas. A exploração comercial da Educação é um mal cujas conseqüências sociais ainda não podemos avaliar. Por isso Rousseau manifestava tão grande desprezo pelos colégios solenes do seu tempo. Os educadores são profissionais do ensino e isso os leva a esquecer os problemas educacionais. Envolvidos nas exigências da vida prática, aturdidos com o número de aulas que precisam dar por dia a fim de suprir suas necessidades essenciais, perdem o contato com os livros básicos, esquecem facilmente o que aprenderam nas escolas (em geral para passar nos exames) e passam a encarar os educandos como alunos insubordinados que só servem para exasperá-los. Vivem em estado de *stress*, de tensão permanente, prontos a estourar a qualquer momento.

Mesmo no ensino superior a situação não é muito diferente. Muitos catedráticos e seus assistentes deviam estar sentados entre os alunos. Preocupam-se mais com a posição do que com a função, com os problemas profissionais do que com os do ensino. Medem todos os alunos pela medida única da sua rotina escolar, quando não da sua inexplicável pretensão. Podem dar lições de Psicologia da Adolescência mas não são capazes de ver no aluno um adolescente. Quem chegou a um curso superior, pensam, deve estar maduro e tem de suportar a carga dos estudos e das obrigações escolares. Sua visão do educando é inferior à do selvagem que trata os filhos e as crianças com tolerância e carinho.

Claro que existem as exceções e também as posições de meio termo. Mas no geral a situação é essa. Continuam no plano da Educação Natural, ou seja, do processo educativo que é *ato imanente da sociedade*, sem o estudo, a análise, a reflexão da sistemática pedagógica. Esquecem mesmo o simples dever de

cordialidade das relações humanas comuns. Um professor de Psicologia está pronto a analisar as atitudes do aluno na pauta das interpretações patológicas, dos possíveis complexos ou tendências mórbidas. Não lhe ocorre que o aluno é dotado de uma *realidade subjetiva individual* que lhe confere personalidade, condição psicológica específica.

Por outro lado, as exigências burocráticas da administração escolar, seja particular ou pública, tendem a sobrecarregar cada vez mais o professor, roubando-lhe as últimas possibilidades de lazer para a leitura, o estudo, a reflexão. Preso na engrenagem triturante dos deveres profissionais, o professor perde os últimos lampejos dos seus sonhos de estudante e chega mesmo a esquecer que já foi aluno e teve de suportar as exigências descabidas e a in-tolerância dos mestres. O chamado refinamento das técnicas administrativas não leva em consideração a situação especial do professor. A tendência é de considerá-lo como simples funcionário de empresa. Não podemos acusá-lo por ser vítima do ilogismo de um século de pragmatismo agudo. Mas também não podemos esconder a situação em que exerce a mais melindrosa das profissões. Temos de concluir que a concepção do educando nas escolas atuais é inferior e mais opaca do que a das tribos.

Mas na Pedagogia não pode ser assim. Por mais incapaz ou rabugento que seja o professor, se acaso interessar-se pelos estudos pedagógicos, passará a ver o aluno com olhos radioscópicos. Vê-lo-á por dentro e não apenas por fora. Perceberá que o aluno não é um simples grão de milho no moinho. Que ele possui aquela *realidade subjetiva individual* de que trata Hubert. E que essa realidade é mais importante do que a sua aparência exterior, do que a sua posição social, do que o seu comportamento na classe ou nos estudos. Descobrirá o mundo estranho, maravilhoso e complexo do ser, esse mistério oculto e disfarçado sob a máscara ou as máscaras impostas pelas injunções sociais. E então, talvez, será mesmo possível que compreenda a lição evangélica do amor aos semelhantes e até mesmo a do amor aos inimigos.

Vemos assim uma das diferenças mais importantes e significativas entre Educação e Pedagogia. O mundo das idéias, como

ensinava Platão, está para o mundo da realidade prática como a planície iluminada de sol e cheia de vida está para a caverna escura e cheia de escravos acorrentados. As mais belas idéias se desfiguram e perdem todo o encanto ao cair na rotina da vida prática. As teorias são feitas de idéias e muita gente as despreza por isso. Mas são as idéias que regem o mundo, que orientam o nosso comportamento, que mantêm a nossa alegria e o nosso bem estar ou nos precipitam no tédio, na exasperação e no desequilíbrio. A concepção pedagógica do educando, por mais realista que seja, pertence ao mundo das idéias e se eleva muito acima da concepção educacional. Sim, por mais realista, pois na verdade ela deve e precisa ser realista. Não é o realismo das coisas que as deforma aos nossos olhos, é a nossa incapacidade de vê-las na sua realidade plena, a limitação sensorial que nos prende no plano das aparências.

Na Pedagogia Espírita a concepção real do educando vai muito além da concepção pedagógica habitual ou comum. A primeira e mais simples definição do educando que ela nos dá provoca um choque e muitas vezes uma repulsa dos que a recebem: *O educando é um reencarnado*. Hoje o problema da reencarnação não pertence mais às crenças ou religiões antigas. Tornou-se objeto de investigações científicas cada vez mais sérias e profundas, mesmo entre os materialistas ideológicos do mundo marxista. Mas, apesar disso, particularmente nos meios universitários, há muita gente que o considera como simples superstição de um passado remoto. Mas a verdade é aquilo que é, realidade em si mesma, e por mais que a repilam continua presente, num desafio constante. Podemos contorná-la como quisermos, disfarçá-la com os mais belos adornos, cobri-la dos mais feios epítetos. Ela continua ali e acaba se impondo.

O educando é um reencarnado – e isso provoca uma revolução, põe abaixo o mundo das hipóteses e dos sistemas contrários, provoca a ira dos teólogos, assombra os pedagogos e os educadores que cochilam há anos ou séculos sobre o leito bem arrumado das suas verdades feitas. O choque os faz saltar da cama e protestar contra a realidade absurda. Como?! Então uma criança inocente, ingênua, que abre os seus olhos para o mundo

pela primeira vez, que aprende aos poucos as ciências do mundo, já viveu numa existência anterior, foi adulta, aprendeu muitas coisas e esqueceu-as todas? Esta menina alegre, de olhos vivos, de sorriso espontâneo, pode ter sido uma criatura maldosa? Este menino esperto e de inteligência vivaz pode ter sido um professor rabugento em passado distante ou até mesmo em passado próximo? Essa afirmação de que o educando é um reencarnado é uma heresia pedagógica!

Mas não é. A Pedagogia Espírita se apóia em bases científicas como todas as Pedagogias. Seus pressupostos já se tornaram princípios confirmados pelas pesquisas científicas. Por sinal que não eram pressupostos, eram verdades comprovadas pela pesquisa espírita mas refutadas com argumentos – não com pesquisas, mas com palavras – pelas Ciências positivas, o que é positivamente uma atitude contrária ao próprio espírito científico. É preciso, pois, encarar a realidade nova, por mais estranha ou absurda que pareça. A pedra fundamental da Pedagogia Espírita está lançada e não podemos retirá-la: *O educando é um reencarnado.*

A primeira conseqüência dessa constatação, apesar do susto geral, não é tão assustadora assim. *A maiêutica* de Sócrates, *a reminiscência* de Platão, a teoria dos *períodos sensíveis* da Dra. Montessori, a audaciosa posição de Hubert já abriram caminho na Pedagogia para uma possível compreensão de que a criança não é a *tabula rasa* dos empiristas ingleses, mas alguém com vontade própria, temperamento específico, aptidões inatas e uma inteligência provida de recursos que podem aflorar à *mente de relação* quando nos servimos de métodos adequados na prática educacional. A criança não é tão inocente, tão ingênua e tão desprovida de recursos culturais e até mesmo de idéias, como parece. Lembramos a insistência do Prof. Humberto Mariotti na necessidade de elaborar-se uma *teoria aparential da criança*. É a afirmação de Kardec de que a criança *aparece no mundo vestida com a roupagem da inocência*.

A Pedagogia Espírita considera o educando como um espírito que volta à vida terrena, depois de várias existências anteriores, trazendo um vasto acervo de experiências negativas e positivas

na sua *mente de profundidade*, resultados de uma série de vivências materiais e espirituais. Ao mesmo tempo, traz, em forma de vetores psíquicos, as tendências vocacionais e as orientações morais que devem aflorar à sua *mente de relação* na medida em que forem sendo suscitadas pelas circunstâncias, as ocorrências, os estímulos da vida atual. Traz ainda os *instintos espirituais* a que Kardec se refere, espécies de dispositivos de segurança que devem socorrê-lo nos momentos de crise e de dificuldades. Esses *instintos* manifestam-se às vezes como o que vulgarmente se chama *a voz da consciência*, agindo tanto como freios, forças inibidoras, alertas para a fuga ou a reação diante do perigo moral, como no sentido de impulsos estimulantes e energias de sustentação nos momentos de provações. Além disso, sobrepondo a todo esse esquema oculto, traz a idéia de Deus impressa em sua consciência *como a marca do obreiro na sua obra*, segundo a bela expressão de Descartes, e a *lei de adoração* em sua afetividade para guiá-lo em seu impulso natural de transcendência.

A *mente de relação* do educando está condicionada por um cérebro novo, semelhante a um disco virgem, que não foi gravado por nenhuma das experiências do passado. Essa a *tabula rasa* dos empiristas apegados à interpretação materialista do homem. Mas hoje, que a *memória extracerebral* se comprova cientificamente, é fácil compreendermos que esse *disco virgem*, ao receber as primeiras gravações da memória atual, deve provocar o afloramento de experiências semelhantes da *memória de profundidade*, que também se gravam como acréscimos na *mente de relação*. É essa uma lei mental conhecida, a de associação de idéias ou de emoções. Por isso, na proporção em que a criança se desenvolve, em que o jovem se forma, as experiências da vida atual se enriquecem com os acréscimos provindos do inconsciente.

A explicação do gênio – diz Myers – nos é dada por essa dinâmica do psiquismo, na invasão constante de correntes mentais e emocionais do inconsciente na área do consciente. As pesquisas de Myers, Henry Sidgwick e Edmond Gurney resultaram na publicação da obra *A Personalidade Humana (The Human*

Personality), em fins do século passado, e hoje se confirmam nas investigações da Psicologia Profunda e da Parapsicologia. Essa realidade comprovada do dinamismo do inconsciente e suas relações com o consciente levou o Prof. Raikov, da Universidade de Moscou, a iniciar a pesquisa da memória extracerebral para explicar os estados psicológicos de perturbação do comportamento em numerosos pacientes. A Ciência Soviética, apesar de seu materialismo aparentemente irreduzível, teve de enfrentar o desafio da reencarnação, na esperança de superar pelas provas científicas o desafio da *velha superstição*. Hoje, informou-nos pessoalmente o Prof. Hamendras Nat Banerjee, da Universidade de Rajastan, na Índia, que visitou recentemente a Rússia em missão científica, mais de duzentos cientistas soviéticos se empenham nessa pesquisa.

Não se pode desprezar, no campo dos estudos pedagógicos, esse dado fundamental sobre as estruturas psíquicas e mentais do educando. A Pedagogia Espírita, que antes encontraria a barreira dos preconceitos culturais e religiosos contra essa colocação do problema, tem hoje o terreno arroteado à sua frente. Mas não se detém nesse ponto a revolução espírita na Educação e na Pedagogia. A esse dado substancial devemos acrescentar os dados sobre o processo telepático, provindos de pesquisas intensivas nos principais centros universitários do mundo, e os dados mais recentes da pesquisa tecnológica sobre a gravação de vozes paranormais em fitas magnéticas de gravadores comuns. A mente de relação do educando é também um receptor de correntes telepáticas provindas de duas fontes naturais: as mentes humanas da Terra e as mentes espirituais do mundo de após morte. Essas correntes agem segundo a lei de sintonia e exercem não raro influência decisiva no comportamento humano. Mas é possível controlar-se esse processo, disciplinar a sua manifestação, impedindo-se os transtornos mentais, os desvios de comportamento, e orientando-se os indivíduos no controle pessoal que devem exercer.

As Pedagogias que se recusam a tomar conhecimento dessas descobertas estão praticamente superadas: não correspondem mais às exigências da cultura atual. Tinha razão o Prof. Denizard

Rivail, discípulo e continuador francês de Pestalozzi, quando *no interesse da Educação e da Pedagogia* resolveu investigar os fenômenos paranormais. Sua tese era a de que nenhum pedagogo consciente de suas responsabilidades pode desinteressar-se das novas descobertas que se fazem, no campo das Ciências, sobre a natureza do homem, que é o objeto da Educação. Para educar, segundo sustentava, precisamos conhecer o mais profundamente possível a natureza do educando. Um século depois da sua batalha de quinze anos contra os conservadores, sua tese se confirma em nossos dias e a Pedagogia Espírita se impõe como uma exigência do desenvolvimento cultural do nosso tempo.

Essa exigência se redobra quando lembramos que estamos no limiar da Era Cósmica. A conquista do Espaço Sideral exige dos astronautas não apenas os equipamentos técnicos, mas também o desenvolvimento de seu equipamento natural de percepção extra-sensorial. O instrumento mais necessário, por enquanto, desse equipamento, é precisamente a telepatia. As experiências telepáticas à distância provaram que o pensamento é a única forma conhecida de energia que não se submete ao condicionamento espaço-temporal, nem à lei de gravidade e não respeita nenhuma espécie de barreiras físicas. O único instrumento de comunicação que pode atender às necessidades da conquista do espaço é a telepatia. O astronauta Mitchel, da Apollo 14, dos EUA, realizou experiências bem sucedidas de transmissão de pensamentos da Lua para a Terra. Nessa distância é possível a comunicação pelo rádio. Mas quando a nave espacial se encontra na face oculta da Lua o rádio não consegue vencer a barreira física daquele corpo celeste. Quando as naves penetram nas profundidades do Cosmos, atingindo grandes distâncias, o rádio também deixa de servir. Mas outros instrumentos, como a precognição (visão do futuro) a clarividência (visão à distância e através de corpos opacos) são importantes para as viagens cósmicas. O astronauta terá de ser um homem dotado de percepção extra-sensorial e de possibilidades mediúnicas para ser socorrido e orientado, quando necessário, pelas entidades espirituais.

Não é sintomático que a conquista do espaço tenha se iniciado juntamente com o desenvolvimento das pesquisas parapsico-

lógicas? E não é evidente que a Pedagogia terá de modificar as suas bases em face desses desafios agressivos do nosso tempo? Mas o que consideramos providencial é que a Educação Espírita tenha se iniciado também, de maneira explosiva, nesta época e no Brasil, país que, segundo as profecias espirituais, tem a missão de liderar a nova civilização terrena. Cabe à Pedagogia Espírita abrir as novas perspectivas exigidas pelo nosso tempo no campo da Educação e da Pedagogia. Só uma Pedagogia dotada desses dados científicos recentes, e apoiada numa tradição espiritual de pesquisas e descobertas de tipo científico nesse terreno, está em condições de aceitar e responder positivamente aos desafios desta fase de transição. Mas como cumprir essa tarefa, se não dispuser de trabalhadores intelectuais dispostos à abnegação de lutar contra as correntes opostas e colaborar com firmeza e entusiasmo na nova construção pedagógica?

Resta saber quais os métodos a seguir para que a Educação Espírita possa reorientar o processo educacional nos termos das exigências atuais. Ainda para isso dispomos da experiência do ensino doutrinário, da prática mediúnica através de mais de um século, das observações efetuadas sobre os processos de desenvolvimento das faculdades paranormais e das formas possíveis de educação mediúnica. Todo esse acervo de experiências objetivas é acrescido pelas contribuições recentes de obras psicografadas que tratam dos mecanismos da mediunidade e de obras de pesquisadores espíritas, cientificamente categorizados, sobre os mecanismos cerebrais que correspondem a esses processos mentais. E dispomos ainda do acervo já bastante significativo das pesquisas parapsicológicas nesse campo. Reunindo esses dados e conjugando-os numa elaboração de métodos específicos, a Pedagogia Espírita está em condições de balizar os caminhos da profunda renovação educacional e pedagógica que ora se impõe.

Como vimos, a experiência espírita mostra que o problema das novas dimensões do educando não se resume às suas faculdades individuais. Há um problema de relações extra-sensoriais e de comunicação a ser enfrentado. A Sociologia, que até agora se fechou no círculo da Sociedade corporal (segundo a expressão de

Kardec) sente-se convocada a alargar o âmbito de suas investigações e ampliar a sua concepção do *fato social*. Esse *objeto* de Durkheim revela-nos a sua face oculta, como a da Lua, ampliando as suas dimensões. Temos de enfrentar a questão da Parasociologia, que tratará das relações do homem terreno com o homem espiritual. As gravações de vozes paranormais oferecem-nos o meio tecnológico de comprovar as pesquisas espíritas e de controlar essas manifestações.

Encarar o educando, segundo propõe Mariotti, como um ser palingenésico; determinar os graus de evolução mental e espiritual em que ele se encontra; testar e comprovar as suas tendências vocacionais; encaminhá-lo aos cursos correspondentes a essas indicações inatas das suas tarefas nesta encarnação; traçar um roteiro de economia vocacional a ser aplicado nas escolas; estudar o problema dos estímulos ambientais de Montessori para adaptação às novas condições pedagógicas; renovar os textos escolares de todos os graus de ensino, na proporção possível, mas com decisiva continuidade nesse esforço; promover cursos de adaptação dos professores ao novo sistema; renovar os processos de administração escolar, estabelecendo o princípio de maior respeito pelas atividades educacionais dos mestres; desenvolver relações mais íntimas e constantes entre a escola e o lar – são essas, ao que nos parece, as medidas a serem tomadas progressivamente.

A Pedagogia Espírita tem de ser eminentemente vocacional. Porque o problema das tendências inatas corresponde às exigências da própria evolução do espírito e, portanto, ao seu próprio destino na presente encarnação. Além disso, as tendências vocacionais significam muito no desenvolvimento das sociedades humanas e da economia social. Os prejuízos decorrentes do desajuste de milhões de indivíduos na sociedade atual, engajados em atividades que não correspondem às suas habilidades naturais, constitui um desperdício incalculável de tempo e dinheiro, que seria evitado pelo simples encaminhamento de cada indivíduo ao seu lugar certo no campo das atividades sociais. Por outro lado, esse ajustamento educacional representaria grande economia de energias, poupança de esforços para a realização de

tarefas por profissionais oficialmente habilitados mas pessoalmente incapazes, e evitaria a perda enorme de tempo e de recursos exigida pelos desgastes e doenças provenientes da inadaptação ao trabalho. No plano moral haveria também enorme economia de bom ânimo, boa disposição, condições de otimismo e entusiasmo no trabalho, que a situação atual não proporciona.

Não são as escolas espíritas que vão promover essas transformações. Mas são elas que abrem hoje essa oportunidade de ampliação das dimensões pedagógicas, segundo a ampliação natural que ocorre nas dimensões da nossa cultura e no conceito do educando. E é graças a elas, as escolas espíritas, que a Pedagogia Espírita poderá abrir essa nova perspectiva no plano pedagógico. Não pretendemos que a Pedagogia Espírita domine o mundo, mas apenas que ofereça ao mundo essa visão renovadora da Educação e do educando. As grandes transformações culturais não se fecham nunca num determinado círculo. No conjunto estrutural de uma Sociedade e de uma Civilização cabe às vezes a uma corrente de subestrutura, como aconteceu no advento do Cristianismo, a missão de abrir o caminho novo.

A ampliação das dimensões da Sociologia implicará a renovação inevitável das Religiões estáticas (segundo o conceito de Bergson) e abrirá a possibilidade de uma unificação conceptual no campo religioso. É assim que o conceito espírita do educando se converte no pivô de um movimento de transformações substanciais do nosso mundo, preparando-o para uma fase de maior compreensão humana em que a *solidariedade de consciências*, prevista por Hubert, poderá efetivar-se na utópica *República dos Espíritos*. Os estudos de Mannheim sobre ideologia e utopia já nos mostraram a função orientadora das utopias no plano social e cultural. A utopia de Hubert corresponde à do Cristianismo, referente à implantação ao Reino de Deus na Terra.

Vemos assim que tudo se encadeia nesse processo histórico que se desenvolve há dois mil anos em nosso planeta. Kardec, o educador, o pedagogo, lançou as bases da Filosofia Espírita, da qual surgiria forçosamente a nova Pedagogia na hora precisa, no momento em que por todos os lados sentimos alvorecer a era nova. As condições de desajuste educacional do nosso tempo

forçaram o aparecimento das escolas espíritas, como uma forma exequível de solução para a crise. E dessas escolas, ainda indiferentes ao problema, surge a possibilidade, em forma de necessidade urgente, dos esforços para a elaboração da Pedagogia Espírita. Tudo depende de muito trabalho, mas a evolução terrena é trabalho dos homens.

O educando excepcional

O problema do educando excepcional vem sendo tratado com a devida atenção e através das técnicas modernas no meio espírita. Há eficientes instituições especializadas, como o Instituto Nosso Lar, em São Paulo, dirigido pela Sra. Nancy Pullmann de Girólamo, especialista em enfermagem e particularmente nesse campo. Essa instituição não se limita à prática da recuperação, mas desenvolve intensa atividade na realização de cursos dados por especialistas, tanto para o aprimoramento e atualização dos seus quadros de trabalho, quanto para a formação de novos elementos na especialidade. Notável por sua amplitude e seus fins são as Casas André Luiz, que se aplicam ao tratamento dos casos crônicos e irrecuperáveis.

O Espiritismo nos leva a encarar esse problema com profundo interesse, como acontece nos casos de psicopatia em geral, pois o conceito espírita a respeito abrange a questão das influências espirituais, só agora em estudo no plano científico-terapêutico, graças às pesquisas parapsicológicas. Em alguns dos trinta Hospitais Psiquiátricos Espíritas filiados à Federação dos Hospitais Espíritas do Estado de São Paulo, como acontece no de Araras, foram criadas seções especiais para o tratamento de crianças e jovens.

À maneira do que ocorre no campo da Psicopatologia, no plano educacional e pedagógico o Espiritismo tem sua contribuição a dar. O problema do excepcional, como o do deficiente físico, insere-se na dinâmica da lei de ação e reação, implicando conseqüências *cármicas* além das implicações propriamente mediúnicas. Um distúrbio mental pode ser explicado, aparente-

mente de maneira perfeita e completa, pelas hipóteses e teoria psicoterapêuticas. Mas, como acentua Ehrenwald, entre as suas causas pode figurar, ou pode mesmo preponderar o fator telepático, seja de origem humana, espiritual ou de ambas em conjugação. Os exemplos da clínica psiquiátrica de Karl Wikland e os da clínica psicanalítica de Ehrenwald são confirmados por centenas de ocorrências semelhantes nos hospitais espíritas e pelos exemplos dados em seus livros pelo médico espírita Ignácio Ferreira, do Sanatório Espírita de Uberaba, em Minas Gerais.

A Pedagogia Espírita, graças ao seu conceito específico do educando, é a única atualmente em condições de enfrentar em profundidade o problema do educando excepcional, na linha das conquistas científicas do nosso tempo. As novas dimensões culturais abertas por essas conquistas exigem dos que tratam do assunto uma tomada urgente de contato com a problemática espírita. Por outro lado, as escolas espíritas têm um papel fundamental e pioneiro a desenvolver nesse terreno, o que bastaria para justificar a existência dessas escolas, não fossem as justificativas mais amplas e gerais que já expusemos. Podemos mesmo afirmar que no trato desse grave problema a concepção espírita representa uma revolução de conseqüências ainda imprevisíveis.

A designação genérica de *excepcional*, usada atualmente para todos os casos de exceção, justifica-se no plano convencional, mas do ponto-de-vista metodológico não nos parece acertada. As diferenças específicas entre os excepcionais deficientes e os de ordem evolutiva são demasiado significativas para permitirem essa classificação única. Os primeiros são deficientes e os segundos são superdotados. O normal, como assinala Hubert, é mais uma classificação de tipos médios do que de um tipo precisamente definido. Abaixo do normal estão os deficientes, bem caracterizados por sua condição patológica, mas os que estão acima do normal revelam uma condição superior que não comporta a suspeição de anormalidade. Precisamente para evitar as confusões do passado nesse terreno Myers criou o termo *para-normal*, hoje vulgarizado pela Parapsicologia. A teoria lombrosiana do gênio como portador de um desequilíbrio constitucional, pelo desenvolvimento exagerado do intelecto, está decisivamente

rejeitada a partir das pesquisas geniais de Myers e pelas atuais revelações das pesquisas parapsicológicas. No Espiritismo essa teoria de Lombroso é rejeitada pela teoria da evolução espiritual do homem e pelas pesquisas de Kardec sobre os idiotas, provando que as deficiências mentais decorrem de desajustes no paralelismo psicofisiológico das funções cerebrais.

Essas pesquisas de Kardec estão hoje confirmadas pelas pesquisas parapsicológicas, através das quais especialistas contemporâneos demonstraram que no campo de *psi*, ou seja, da fenomenologia paranormal, a capacidade de percepção extrasensorial dos deficientes mentais é a mesma das pessoas normais. A teoria de Rhine sobre a natureza extrafísica da mente, que Vassíliev tentou improficuamente refutar através de suas pesquisas na URSS, atualiza no campo científico dos nossos dias a teoria espírita e as conclusões experimentais de Kardec. Por outro lado, os debates sobre a natureza residual ou transcendente das *funções psi* no homem foram resolvidos pela maioria absoluta dos investigadores mais representativos a favor da transcendência. A teoria residual apoiava-se no fato de os animais possuírem *funções psi*. Pretendia-se que esse fato provasse serem essas funções um resíduo animal do homem. A tese vitoriosa é a que considera essas funções como um novo passo na evolução humana, segundo Myers já demonstrara em suas pesquisas. Só os materialistas soviéticos e alguns ramos sistemáticos da Parapsicologia, como o de Robert Amadou, na França, condicionado pela concepção católico-tomista, e o de Emílio Servadio, na Itália, condicionado pela concepção materialista, insistem ainda na sustentação da tese superada. Querer reduzir uma faculdade humana superior, que amplia as possibilidades de percepção do homem de maneira a adaptá-lo às exigências da pesquisa cósmica é evidente absurdo que só o esquematismo rígido de uma posição dogmática pode explicar.

“Para mim – diz Myers – o gênio é uma potência que permite ao homem a utilização em medida maior de suas faculdades inatas e submeter os resultados do processo mental subliminar à corrente supraliminar do pensamento”. Como se vê por essa declaração, o gênio é um homem cuja evolução espiritual lhe

permite maior flexibilidade nas relações entre a *mente de relação* e a *mente de profundidade*. Mas, para evitar interpretações errôneas e absurdas, como a que hoje é difundida entre nós por um sacerdote travestido de parapsicólogo, Myers acrescenta: “Não se pense que estou afirmando a superioridade intrínseca do *subliminar* em relação ao *supraliminar*. O que digo é que o homem de gênio representa o tipo acabado do homem normal pela sua possibilidade de utilizar mais elementos de sua personalidade do que o homem comum.” Essa distinção entre o *comum* e o *normal*, feita por Myers, baseia-se numa precisão metodológica que contrasta com a falta de precisão da aplicação generalizada do termo *excepcional* que hoje se faz.

O inconsciente não é genial, não é um sábio, como afirma o sacerdote em defesa de sua posição religiosa. Mas é a parte de nossa consciência que guarda os resultados das experiências de vidas anteriores. Estes resultados afluem ao consciente quando o espírito mais evoluído que o comum os evoca por meio da lei de associação de idéias e emoções. No homem comum também ocorre isso, mas as condições medianas de desenvolvimento em que se encontra não lhe permitem lampejos de gênio. A *mente de relação* é superior ao inconsciente porque nela residem, acentua Myers, *os centros superiores que presidem aos nossos pensamentos mais complexos e à nossa vontade*. É, por assim dizer, a cabina de controle de nosso comportamento e das nossas atividades. O gênio resulta do aprimoramento dessa cabina, que permite ao homem superior utilizar-se racionalmente dos arquivos do inconsciente e das percepções extra-sensoriais captadas por este. De nada adianta ao homem comum, e menos ainda a um deficiente mental, captar pelo inconsciente percepções superiores que não pode assimilar no consciente e traduzi-las ou aplicá-las em suas reflexões. O excepcional evolutivo, ou *super-dotado*, mesmo que não tenha atingido as alturas do gênio, poderá utilizá-las.

Examinemos o que pode fazer a Pedagogia Espírita a favor do *educando excepcional*, nas duas categorias mencionadas:

Os deficientes mentais

Quando tratamos desta categoria estamos em face de casos de provação ou expiação. Má aplicação da inteligência no passado, utilização do raciocínio para confundir o próximo ou fraudá-lo, excesso de arrogância mental ou de vaidade, desperdício consciente de oportunidades de aplicação da mente no bom sentido, aquisição de conhecimentos para uso exclusivo, exercício de profissões intelectuais para simples obtenção de fortuna, utilização de invenções ou descobertas para aniquilamento de adversários e assim por diante. Os casos de provação são sempre mais benignos, os de expiação mais pesados e torturantes. Há também os casos de suicídios com destruição do cérebro, que geralmente redundam em desequilíbrios mentais determinando alterações negativas na formação do novo cérebro no processo de reencarnação.

Em todos esses casos temos não só as alterações endógenas, produzidas pelas perturbações da consciência do reencarnante, mas também as subseqüentes perturbações exógenas, provocadas por influências de espíritos vingativos. Essa categoria, portanto, requer o auxílio da terapêutica espírita em profundidade e em extensão. A Pedagogia Espírita indica providências conjugadas de três espécies:

1ª) Sujeição do educando a processos de recuperação possível, segundo os métodos comuns da psicoterapêutica, visando ao restabelecimento de coordenações motoras, verbais e racionais. Tratamento mediúnico através de preces e passes, acompanhado de exortações morais e espirituais de orientação evangélica, visando ao despertar das energias da consciência e da afetividade. Esse tratamento deverá ser feito em instituições espíritas especializadas ou em Centros e Grupos dotados de experiência e recursos mediúnicos adequados.

2ª) Sujeição do educando a trabalhos de desobsessão, para o afastamento progressivo das entidades vingativas, através de doutrinação. Esse processo deve ser acompanhado de orientação dos familiares para que mantenham no lar um ambiente de amor e compreensão, não só com referência ao educando mas também no tocante aos seus credores invisíveis. Necessário lembrar aos

familiares que não devem nunca emitir pensamentos de repulsa agressiva às entidades obsessoras, que precisam do mesmo amor dedicado ao obsedado. Os obsessores são vítimas do passado e que agora se converteram em algozes. Sofrem tanto quanto o obsedado, ou talvez mais, permanecendo numa faixa vibratória inferior que os submete à ação de entidades ignorantes e perversas. A situação infeliz dos obsessores foi determinada pela ação consciente do obsedado no passado, que é portanto o responsável pela situação em que eles ainda se encontram. A compreensão desse princípio pelos familiares é de importância capital no tratamento.

3ª) A escola espírita, em suas classes de deficientes mentais, deve manter um ambiente estimulador, arejado e puro, mas desprovido de aparatos excessivos. Um vaso de flores é sempre um elemento benéfico. O professor ou professora deve ter curso de especialização para essa forma de ensino e conhecer a Doutrina Espírita em seu aspecto racional, de maneira a não criar nenhuma espécie de mística religiosa no trato dos alunos. Harmonizando as técnicas de ensino para excepcionais das escolas leigas com a orientação moral espírita, obterá maior eficácia no emprego dessas técnicas. É indispensável o aumento de cursos especializados para professores espíritas, sempre mantidos numa linha de orientação científica atualizada.

Submetido assim o deficiente mental a um sistema tríplice de tratamento, podemos esperar bons resultados. Mas é bom não esquecer que estamos diante de casos cármicos, a fim de não esperarmos resultados maiores do que os possíveis em situações dessa espécie. A provação e a expiação, como sabemos, são suscetíveis de abrandamento quando as tratamos com amor e compreensão. Claro que os casos passíveis de escolaridade já revelam possibilidades favoráveis. Mesmo assim não podemos exagerar em nossas esperanças. Sabemos que o mal a que estão sujeitos é o próprio remédio de que espiritualmente necessitam, mas sabemos também que a justiça divina é temperada com a misericórdia.

Nenhum desses casos prescinde dos cuidados médicos que vão do diagnóstico às prescrições do tratamento necessário e à

vigilância constante do processo de recuperação. Evidente que o ideal é sempre a orientação de um médico espírita especializado, capaz por isso mesmo de compreender e avaliar o caso em seus vários aspectos. Hubert estabelece uma distinção entre o que considera atraso mental patológico e o que chama de simples retardamento mental produzido por educação mal orientada, ambiente desfavorável no lar e desarranjos ou acidentes no desenvolvimento da inteligência, da vontade e da afetividade. De um ponto-de-vista espírita essa diferenciação não tem grande importância, pois muitas vezes os casos patológicos diagnosticados e considerados incuráveis resolvem-se facilmente com o afastamento da entidade causadora que escapou à visão médica. Estas incidências, entretanto, não justificariam a negligência na orientação médica necessária de todos os casos, de vez que não somos apenas espírito, mas vivemos no corpo.

Os superdotados

O fato de um educando apresentar-se como superdotado intelectualmente, com elevado QI, não o livra de sofrer distúrbios mentais e emocionais. Se assim pensássemos, cairíamos no outro extremo da posição errada em que se encontram os que consideram que *a muita inteligência desequilibra a criatura*. A inteligência nunca é excessiva, pois a verdade é que o nível mental da Terra ainda é muito baixo. A maioria da humanidade terrena dispõe de poucas luzes. Mesmo as chamadas elites culturais apresentam triste espetáculo no tocante à inteligência. Estamos muito distantes de poder enfrentar exageros de desenvolvimento intelectual. Como assinalou Kardec, os homens mais notáveis e considerados senhores de elevado padrão mental são em geral tão pueris que chegam a desprezar fatos evidentes porque contrariam os seus pontos-de-vista ou procedem de fontes que eles consideram inferiores. No próprio meio espírita a crise de inteligência é grande e a preguiça mental, como escreveu Bittencourt Sampaio numa mensagem psicografada, é a grande responsável pelo nosso exíguo desenvolvimento doutrinário.

Inteligência de sobra só existe em relação a esse ambiente negativo. Na realidade os homens mais inteligentes, chamados

gênios, foram sempre sacrificados ou desprezados, pois o que impera em nosso mundo é a mediocridade aventureira e parlapata. Por causa desta, que domina e aparece, criou-se a lenda dos desequilíbrios por excesso de inteligência. Pitkins teve razão ao escrever a sua *Introdução à Estupidez Humana*. Como acentuou Ingenieros, outro motivo da lenda é o fato de um homem inteligente, quando desequilibrado, se destacar na grande planície da loucura inexpressiva.

A Pedagogia Espírita não pode endossar esse crime generalizado contra a inteligência, que é marca de Deus em nós. Os superdotados, como vimos, são os que, no dizer de Myers, representam o homem normal de uma civilização que ainda está por se completar, que ainda é apenas um esboço do que devia ser. Para os superdotados a Pedagogia Espírita deve exigir condições especiais de formação intelectual e moral. Quanto aos desequilíbrios que alguns deles revelarem, é necessário tomar-se providências para os ajudar, sem misturá-los numa classificação genérica absurda e injustificável. O desenvolvimento intelectual é sempre seguido do desenvolvimento da sensibilidade. Sabemos que uma sensibilidade aguda se choca mais intensamente com a opacidade do mundo, segundo a expressão de Sartre. É natural que essa sensibilidade reaja contra a estupidez generalizada e até mesmo leve o superdotado a atitudes que o condenam perante a opinião geral. Até hoje muitas inteligências brilhantes consideraram que Jesus foi um louco. Binet Sanglé escreveu um livro científico, transbordante de erudição, *La Folie de Jesus (A Loucura de Jesus)* para provar essa tese. Mas a simples defesa da tese demonstrava a falência da mal orientada inteligência do autor.

Considera-se agora que uma nova raça está surgindo na Terra. Seus expoentes são chamados *mutantes*. Mas infelizmente a maioria dos *mutantes*, que deviam iniciar a mutação da nossa humanidade medíocre, já se apagou no charco da mediocridade generalizada.

Os leitores poderiam perguntar que grande inteligência temos nós para julgar assim a nossa humanidade. Não se trata de inteligência, mas apenas de bom-senso. Descartes demonstrou que o

bom-senso *é a coisa mais bem repartida do mundo*. Todos nós possuímos bom-senso e podemos usá-lo quando desenvolvemos um pouco de humildade. O bom-senso nos mostra, a todos os que quisermos ver, a penúria de inteligência em que vive o nosso planeta. A Pedagogia Espírita precisa, por isso mesmo, amparar e defender a inteligência dos superdotados. As escolas espíritas têm o dever de estruturar programas que favoreçam esse desenvolvimento, pois estamos cada vez mais necessitados de criaturas realmente inteligentes, para que o Espírito possa cumprir a sua finalidade.

René Hubert nos propõe a tese neokantiana do Relativismo Crítico sobre o desenvolvimento da consciência. Parte do ensaio de Octave Hamelin sobre os *elementos principais da representação*. Não vamos examinar a tese, mas tentar aplicá-la à solução do nosso problema. Hamelin deu novo sentido à dialética, tirando-lhe o aspecto agressivo de luta dos contrários. Hubert a transforma num instrumento de ação pedagógica, para explicação e orientação do desenvolvimento da consciência. Esse desenvolvimento é o processo mesmo da Educação em nossa vivência no mundo e nos mostra de maneira clara como a vida nos proporciona o domínio de toda a realidade exterior através da evolução do Espírito. Vamos tentar expor em forma resumida esse vasto processo.

Em primeiro lugar temos *a consciência teórica* que nasce de nossa relação com o mundo. Somos o sujeito e o mundo é o objeto. Captamos a realidade exterior e a interiorizamos na formulação das categorias da razão. Essas categorias são a nossa própria experiência das coisas. Assim, a experiência nos dá a mundividência ou visão do mundo. Mas a relação sujeito-objeto se transforma em nossa consciência na recriação do mundo em nós mesmos e, por isso, na recriação de nossa própria consciência, que se refaz na relação com o mundo. O mundo opaco de Sartre, esse objeto obscuro, misterioso, torna-se transparente ao ser recriado em nossa consciência em forma de representação. Desaparece a relação e ao mesmo tempo a contradição sujeito-objeto, pela fusão de ambos na consciência.

Dessa maneira, a representação do mundo em nós não é um simples decalque da realidade exterior, mas uma absorção e assimilação do real. O saber deixa de ser informação e coleta de dados para ser vivência. A consciência teórica, ao formular a Teoria do Mundo, reformula a sua própria posição diante do mundo e identifica-se a si mesma com a realidade.

Esta identificação inicial produz o que Adolfo Ferriere chamou de *refundição da personalidade*. Modifica-se ao mesmo tempo a visão objetiva do mundo e a nossa visão subjetiva de nossa própria capacidade de ação no mundo. Compreendemos assim o mecanismo oculto da tese de Renouvier sobre o *aprender fazendo*. Não basta ler e ouvir, é preciso fazer.

Com isso passamos à *consciência prática*, introduzindo-nos pela vontade na ordem dos fenômenos. Manejamos as coisas e os seres, reconstruímos o mundo através da Ciência e da Técnica. A Ciência nos foi dada pela *consciência teórica*, a prática nos leva à atividade da consciência, não mais como simples experiência, mas como recriação. Recriamos o mundo e com isso recriamos a nós mesmos. Desencadeamos o tempo e descobrimos a duração. O futuro se descortina ante nós e mostra-nos outra ordem de coisas, além da ordem estática, dada pelo presente. É a ordem das coisas por fazer, a ordem do possível. Tornamo-nos co-criadores de Deus. Assim a *consciência prática*, nossa consciência de agir e de poder agir incessantemente, no tempo com seus limites e na duração ilimitada, desperta em nós o dever e a necessidade da ação, que por sua vez exige normas de ação e de conduta, despertando o senso moral.

É nesse momento que atingimos a *consciência estética*, síntese final da dialética da consciência. A captação *estésica* do mundo, essa percepção da realidade exterior através dos sentidos, transformou-se em nós numa representação total da realidade do mundo e da nossa própria realidade interior. A *estesia* se define então como um encontro por nós, no mundo, da nossa própria aspiração de ser. A sensação nos levou à razão, esta nos conduziu à moral e esta nos abriu, através da ação e da reflexão, o portal do amor. A consciência estética nos reintegra no mundo e este nos aparece como uma manifestação de Deus, pleno de

ordem, equilíbrio e beleza. Implantamos o Reino de Deus na Terra e ela se transfigura.

Esta colocação do problema da consciência nos indica os rumos da Educação Espírita e nos fornece os elementos necessários para enfrentarmos o problema atual, cada vez mais acentuado, da escolarização eficiente dos superdotados. Classes especiais terão de ser organizadas para essas crianças e esses adolescentes que se projetam na vanguarda da evolução terrena. Mantê-los em mistura com os menos capazes seria prejudicial, tanto para eles como para os outros. Mas é evidente que os professores para essas classes especiais precisam ser também suficientemente arejados e capacitados. Seus alunos necessitam muito mais de estímulos do que de ensino. Mais uma vez temos de voltar às sugestões do Método Montessori. Mas compreendamos bem: às sugestões e não ao método em si. A teoria ambiental de Montessori nos parece fecunda nesse sentido.

Os deficientes físicos

Tratemos ainda, rapidamente, a questão dos deficientes físicos. O conceito espírita do educando nessas condições nos revela um ser submetido a conseqüências dolorosas de vidas pregressas, em geral sujeito à ação negativa de entidades espirituais que lhes dedicam ódio. Os defeitos de que são portadores não decorrem de simples causas físicas, como geralmente se supõe, mas de profundas causas morais. Os traumatismos da consciência culpada repercutiram na formação do corpo ou os conduziram a encarnações na linha hereditária adequada. A Pedagogia Espírita deve indicar à Educação Espírita os meios de socorrê-los e auxiliá-los, educando-os na consciência de sua natureza espiritual. A compreensão de que as deficiências físicas não prejudicam, mas, pelo contrário, servem de corrigendas para o seu espírito, despertando-lhes energias renovadoras em sua consciência, os auxiliará a superar o sentimento de inferioridade e a possível revolta contra a aparente injustiça a que foram submetidos.

A Doutrina Espírita da *responsabilidade individual intransferível* os levará à compreensão de que não foram castigados por Deus nem por qualquer tribunal misterioso. São simples aciden-

tados da evolução, à semelhança dos acidentados do trabalho ou da pesquisa. Sabendo-se dotados de um corpo espiritual, cuja natureza flexível obedece facilmente ao comando da mente e aos impulsos da vontade, aprenderão a controlar os seus pensamentos e as suas emoções no presente, para assegurarem a si próprios a reintegração futura em sua forma normal. Essa compreensão é muito diferente da consolação proporcionada pelas doutrinas religiosas que se limitam a exigir-lhes a submissão à vontade de Deus. A Educação Espírita não objetiva a torná-los simplesmente resignados, mas a transformá-los em elementos conscientes de suas possibilidades nesta mesma existência, onde poderão, pelo desenvolvimento do espírito, superar as deficiências físicas.

Não necessitam de classes especiais e estas só lhes seriam prejudiciais. Devem manter-se nas classes comuns, despertando em suas relações com os demais, pela convivência, a observação e a experiência, a compreensão de que os portadores de físico perfeito são às vezes carregados de deficiências mentais e morais que nunca desejariam ter. Uma espécie de compensação egoísta, mas que a comparação impõe naturalmente e serve também para mostrar-lhes que há na Natureza um princípio imanente de equanimidade.

Todos estes problemas nos revelam a necessidade e a eficácia da Educação Espírita. Sua contribuição em todos os setores do processo educacional prova o acerto dos que fundaram escolas espíritas, espontânea e corajosamente, em nosso país, dando-lhe a liderança na reforma educacional e pedagógica exigida pelas transformações profundas por que passa o nosso mundo.

Para uma Pedagogia Espírita

*Tese aprovada pelo
III Congresso Educacional Espírita Paulista,
realizado em São Paulo de 23 a 26 de julho de 1970.*

Necessidade e razões

A necessidade de uma Pedagogia Espírita é determinada por duas ordens causais: a Histórica e a Consciencial, como veremos:

1. Histórica – A Pedagogia é um processo histórico de reflexão sobre a Educação para elaboração de sistemas educacionais cada vez mais consentâneos com as exigências da evolução humana. Por isso, em cada fase histórica aparecem novas formas de interpretação do ato educativo e novos métodos para a sua efetivação.

A Educação é um fato natural, função orgânica de todas as estruturas sociais. Kerchensteiner a define como: “Ato imanente e necessário de todas as sociedades humanas”. Precede a Pedagogia, existindo naturalmente por grupos humanos mais primitivos. Mas na proporção em que esses grupos evoluem, o desenvolvimento mental dos indivíduos gera a reflexão sobre a maneira melhor de realizá-lo. Dessa reflexão, exigência ao mesmo tempo histórica e consciencial, surge e se desencadeia o processo pedagógico. A Pedagogia é assim a Educação pensada, compreendida e aplicada segundo critérios racionais.

A reflexão pedagógica não é um fato isolado, mas integrado na reflexão geral sobre o mundo e a vida. Para pensar na Educação o homem teve primeiro de pensar no mundo, na vida e em si mesmo. Temos assim um encadeamento histórico mais amplo: a necessidade da Pedagogia resulta da necessidade da cosmovisão, que melhor traduziríamos por mundividência. Essa a razão porque toda Pedagogia é o resultado necessário de uma Filosofia, de uma concepção geral do mundo, do homem e da vida.

O Espiritismo é um sistema conceptual, uma nova concepção geral e portanto uma nova Filosofia que, por isso mesmo, exige uma nova Moral e uma nova Pedagogia. Se concebemos o Todo como espíritas somos naturalmente levados a viver nele como espíritas, adotando as normas morais correspondentes à Doutrina. Mas não somos criaturas isoladas e não queremos a vida somente para nós. Temos filhos, descendência e queremos transmitir a esta a nossa forma de vida. Essa transmissão se faz pela Educação, que em nosso grau de evolução não pode dispensar o tipo de Pedagogia correspondente. Daí a necessidade histórica da Pedagogia Espírita.

2. Consciencial – Se no plano fenomênico a Educação é uma exigência vital das estruturas sociais, no plano espiritual (ou núnico) é uma exigência da consciência. René Hubert a define assim: “A Educação é uma ação, mas uma ação exercida por um Espírito sobre outro.” E acrescenta: “É um apelo que o Espírito já situado nas esferas superiores da existência dirige a outro que mais ou menos confusamente aspira a chegar até lá.”

Esse apelo, que para, Kerchensteiner é “um ato de amor”, Kant o definia como um convite ao Ser para desenvolver “toda a sua perfectibilidade possível”. As razões da Pedagogia Espírita estão precisamente nessa compreensão do sentido da Educação. A finalidade do processo educativo não é integrar o indivíduo numa sociedade, numa cultura, numa época, mas levá-lo à plena realização das suas possibilidades de perfeição nesta existência.

O Espiritismo é a doutrina da Educação por excelência. Essa doutrina não se contenta com a formação do cidadão, do gentil-homem, do erudito. Ela nos abre as perspectivas do infinito e pretende, como queria Pestalozzi, fazer de uma criatura um espírito universal, preparando-o para a eternidade. Só uma Pedagogia Espírita pode alcançar esses fins da Educação, pois só ela pode fundar-se numa Filosofia Geral que representa de maneira completa a realidade do Mundo, da Vida e do Ser.

Por essas razões a Educação Espírita tem necessariamente de ser orientada por uma Pedagogia Espírita.

Natureza e sentido

1. Natureza – A natureza de uma Pedagogia, determinada pela sua essência, pelos princípios fundamentais que a informam, decorre sempre da Filosofia Geral, explícita ou implícita, que a originou. A Pedagogia Espírita é a conseqüência natural e necessária da Filosofia Espírita exposta em *O Livro dos Espíritos* e, portanto, explícita em sua formulação doutrinária. Nessa Filosofia se encontra implícita a Pedagogia que teremos agora de desenvolver, em função do próprio sistema escolar espírita que já é uma realidade social e cultural concreta.

No livro básico a Educação figura como o instrumento eficaz de transformação do Mundo, objetivo essencial do Espiritismo. O Mundo em causa não é o planeta em seu aspecto físico, mas o mundo humano, a intrincada rede de relações sócio-culturais em que vivemos em nossas existências terrenas. E é por isso que a Educação se apresenta, como já ocorrera a Sócrates e Platão, como o elemento ativo da transformação. O Mundo é o reflexo do Homem e só a Educação pode transformar o Homem.

O Espiritismo é uma doutrina ética. Seus objetivos morais superam os limites da moralidade terrena, projetando-se no plano ético do Espírito. Assim, a Pedagogia Espírita, que deve ser a teoria geral da Educação Espírita, é de natureza ética. Todos os seus princípios devem convergir para a finalidade doutrinária de transformar o Homem num ser moral capaz de construir um Mundo Moral na Terra.

Segundo grandes teóricos da Educação é esse o objetivo supremo de todo o processo educacional. Veja-se a *perfectibilidade* de Kant, o problema da *natureza humana* em Rousseau, a tese do *destino eterno do homem* em Pestalozzi, a da *solidariedade das consciências* para a realização da *República dos Espíritos* em René Hubert e assim por diante. Dessa maneira, a natureza da Pedagogia Espírita é a mesma da Pedagogia Geral, mas num sentido mais amplo.

2. Sentido – A Pedagogia Espírita, como vimos pela sua natureza, busca a integração humana em suas potencialidades

totais. Seu objetivo é o desenvolvimento do homem integral. O seu sentido, portanto – em termos de orientação – é humanista. Por isso ela se insere não apenas historicamente, mas também eticamente, na seqüência natural da evolução pedagógica, em prosseguimento ao humanismo rousseauiano e mais proximamente ao humanismo da Pedagogia Filantrópica de Pestalozzi. Mas assim como em Pestalozzi o humanismo de Rousseau se definiu em atividade prática, baixando do olimpo teórico à realidade terrena, assim na Pedagogia Espírita o filantropismo ingênuo de Pestalozzi deverá concretizar-se em normas de formação moral positiva do Homem.

Porque é mais amplo o sentido ético da Pedagogia Espírita, em relação com o das escolas pedagógicas que a precederam? Porque a Pedagogia Espírita se funda numa visão teórico-prática do Universo e do Homem que não se restringe ao plano fenomênico, não se fecha nos estreitos limites do existencial mas se abre nas perspectivas da dialética pluriexistencial. E também porque a teoria das existências sucessivas se confirma objetivamente na experiência científica, na realidade comprovada da lei natural da reencarnação.

Encarada dessa maneira, a Pedagogia Espírita é simplesmente a especificação pedagógica do processo universal da palingenesia, que abrange todas as formas de metamorfose dos seres do Universo. Assim, a Educação Espírita não é um sistema restrito de escolaridade efêmera, mas a conscientização no homem de todo o vasto e complexo processo de evolução que abrange o Universo.

Implicações pedagógicas

Podemos considerar as implicações pedagógicas da Doutrina Espírita em duas ordens: a Geral e a Particular.

1. Ordem Geral – O Espiritismo se apresenta, em geral, das concepções humanas, como o último elo da cadeia de sistemas educacionais da evolução terrena. Essa cadeia se constitui dos sistemas religiosos e filosóficos que educaram o homem na

Terra, desde os primórdios do planeta até os nossos dias. Cada Religião e cada Filosofia tem uma função precisa e evidente: educar o Homem, arrancando-o do domínio dos instintos para elevá-lo ao plano superior da razão. É no Espiritismo que esse processo múltiplo se completa e se unifica. As Religiões e Filosofias anteriores procediam pelo método dedutivo-coercitivo, impondo à natureza humana em desenvolvimento os freios da autoridade e do dogma. O Espiritismo recebe o Homem já “domesticado” e educado pelos sistemas anteriores, com sua razão desenvolvida e aguçada, para lhe oferecer a oportunidade da educação autógena através da compreensão racional da vida. É o mesmo problema da escola antiga com seus métodos didáticos coercitivos substituída pela escola moderna com sua liberdade estimuladora da responsabilidade pessoal.

2. Ordem Particular – Na ordem particular da Pedagogia a Doutrina Espírita revela implicações renovadoras. O educando não é mais apenas uma consciência imatura que atende ao chamado de uma consciência madura, não é apenas um ser com potencialidades perfectíveis limitadas pela condição humana na Terra. O educando, perante a Doutrina Espírita, é o *projeto* das concepções existenciais contemporâneas, mas um *projeto* que não se frustra na morte, como pretende Sartre, nem apenas se completa na morte, como pretende Heidegger.

O educando, à luz da Doutrina Espírita, é a *alma viajora* de Plotino que se projeta na matéria como a semente no solo, para voltar enriquecida pela experiência ao mundo espiritual. Assim, o processo educacional espírita deve sintetizar a técnica socrática da *maieutica*, a teoria platônica da *reminiscência*, a tese geleyana da *evolução psico-dinâmica* e suas corolárias mais recentes na problemática espírita da reencarnação. As implicações pedagógicas da Doutrina Espírita exigem uma Pedagogia realista no campo da realidade palingenésica. Essa Pedagogia deve apoiar-se em técnicas e métodos desenvolvidos na experiência educacional à luz dos princípios doutrinários do Espiritismo.

O esforço que nos cabe neste momento é no sentido de esclarecer as implicações referidas e ordená-las para a formulação dos princípios e métodos ativos da Pedagogia Espírita.

O problema educacional

Como equacionar o problema da Educação Espírita em termos práticos e objetivos? Temos dois caminhos a seguir:

1. Doutrinário - É o caminho do levantamento teórico dos princípios educacionais da Codificação. Sua importância é fundamental. A Codificação nos oferece as linhas gerais da Pedagogia Espírita no plano teórico e valiosas contribuições experimentais, mormente no campo da investigação psíquica. *O Livro dos Espíritos* é a fonte principal da orientação teórica, mas não deixa de oferecer elementos práticos-experimentais como no caso da Escala Espírita, que é um veio precioso de informações psicológicas aplicáveis ao espírito encarnado.

2. Experimental - A fonte prática é mais vasta, abrangendo inicialmente *O Livro dos Médiuns* e a seguir todo o vasto acervo de pesquisas e experiências de Kardec na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. A esse acervo devemos acrescentar as contribuições de pesquisas e experiências dos sucessores de Kardec no plano científico, livros altamente significativos como *A Personalidade Humana*, de Frederic Myers e assim por diante. Além disso devemos levar em conta as experiências educacionais do sistema de ensino espírita em desenvolvimento e realizar novas pesquisas para atualização e enriquecimento do nosso processo educacional.

Contribuições gerais

A Pedagogia Geral

A Pedagogia Geral oferece numerosas contribuições que não podemos negligenciar. Para a elaboração da Pedagogia Espírita não seria possível esquecermos o trabalho imenso dos que vêm construindo teorias e métodos com base no estudo, na observação e na pesquisa do campo educacional em todo o mundo. A Pedagogia Espírita não pode ser uma espécie de novidade absoluta no campo pedagógico. Já vimos que ela se liga histórica-

mente ao processo geral do desenvolvimento da Educação. O próprio Kardec pretendia escrever uma Pedagogia Geral, como discípulo e continuador de Pestalozzi, que infelizmente não teve tempo de elaborar. Cabe-nos agora enfrentar a tarefa que o mestre deixou por fazer, tanto mais que a realizou em parte na própria Codificação.

Técnicas pedagógicas

Existem algumas tentativas de elaboração de técnicas pedagógicas espíritas em escolas atuais. Podemos citar como exemplo o grande e belo trabalho desenvolvido pelo Prof. Ney Lobo no Instituto Lins de Vasconcellos, em Curitiba. As técnicas de Maria Montessori são bastante sugestivas e se ligam por muitos aspectos aos princípios e às aspirações da Pedagogia Espírita. Todos esses elementos terão de ser examinados e aproveitados na medida do conveniente.

Currículos

Os currículos escolares exigem também um esforço de adaptação aos fins da Pedagogia Espírita. Apesar dos obstáculos diversos, inclusive os oficiais, há muito que fazer nesse sentido. A aplicação de um sistema de aulas sincréticas, nos moldes do chamado ensino integrado, no Ginásio do Instituto Espírita de Educação, em São Paulo, revelou-se bastante fecundo, dando maior flexibilidade ao currículo oficial e aproximando-o dos objetivos espíritas. Outras experiências nesse sentido abrirão novas perspectivas.

Laicidade

Como encarar o problema da laicidade e da democratização do ensino na Pedagogia Espírita? A laicidade surgiu historicamente como exigência de uma época de predomínio das religiões dogmáticas e coercitivas na Educação. A Pedagogia Espírita supera naturalmente esse problema, pois o Espiritismo é uma doutrina aberta e livre. Assim, a democratização do ensino se apresenta como elemento integrante da própria Pedagogia Espírita. Não há nem pode haver, nessa Pedagogia, nenhuma intenção sectária ou salvacionista de tipo restrito. A Pedagogia Espírita

não tem por objetivo moldar o educando, mas ajudá-lo a desenvolver suas potencialidades e realizar livremente a sua perfectibilidade.

Roteiro de estudos

Podemos esquematizar assim um roteiro de estudos e pesquisas para a elaboração de uma Pedagogia Espírita:

1 - O educando

O objeto da Educação é o educando. Na Educação Espírita ele não se apresenta apenas como o educando das concepções comuns. Antes de tudo, ele é um reencarnado. Por isso, além dos estudos biológicos e psicológicos comuns temos de submetê-lo a estudos parapsicológicos e espíritas. Sem conhecermos o educando à luz do Espiritismo não podemos proporcionar-lhe a Educação Espírita. Suas percepções extra-sensoriais, suas faculdades e sensibilidades mediúnicas, suas orientações conscienciais provindas do passado são elementos importantes para o seu reajustamento psicológico na presente existência e sua reorientação educativa. Daí a necessidade de estudos para a elaboração da Psicologia Evolutiva Espírita, abrangendo a criança e o adolescente. Essa Psicologia já tem as suas bases na Doutrina Espírita, mas encontra, agora, o amparo científico e as contribuições experimentais da Parapsicologia.

2 - O educador

O ato educativo é sempre, como assinalou Kerchensteiner, uma relação de consciências. Se o educando é o objeto da Educação, o educador é o instrumento ativo de que a Educação se serve para atingi-lo. Impõe-se o estudo das condições necessárias do educador espírita numa conjugação das contribuições profanas com os elementos doutrinários. Os estudos e os cursos de formação de professores devem ser acrescidos com as contribuições da Doutrina Espírita e com os estudos de relações interpessoais realizados no campo da Parapsicologia.

3 - A teoria

A Teoria Geral da Educação Espírita exige o conhecimento prévio da natureza palingenésica do educando e do educador. Seus fundamentos científicos devem ser ampliados com os dados da Ciência Espírita e da Parapsicologia; seus fundamentos filosóficos, acrescidos com os elementos da Filosofia Espírita. Desses acréscimos resultará a Filosofia Espírita da Educação, também implícita na própria Doutrina Espírita mas exigindo elaboração específica. As aplicações pedagógicas são uma conseqüência natural do próprio desenvolvimento dos estudos e das pesquisas. Os métodos e as técnicas integram o contexto da Pedagogia Espírita. Os problemas institucionais, referentes à instalação e funcionamento de escolas e institutos de estudos e pesquisas também pertencem à teoria geral. Como se vê, é todo um campo novo de atividades que se abre no plano doutrinário, exigindo abnegação e aprimoramento dos que a ele se dedicarem.

4 - Expansão

O problema da Pedagogia Espírita – que nos é imposto no momento por força das próprias circunstâncias – mostra-nos que o Espiritismo se encontra numa fase de expansão doutrinária. Mas essa expansão nada tem a ver com as inovações que alguns pretendem, enganosamente, introduzir na Doutrina. Este é o processo de desenvolvimento do Espiritismo a que aludia Kardec. Desde que ele representa uma nova concepção do Mundo, do Homem e da Vida, e que, segundo a própria expressão do Codificador, *toca em todos os ramos das Ciências*, é evidente que irá exigindo aplicações diversas dos seus princípios em todo o campo do Conhecimento. O primeiro exemplo disso nos foi dado pelo próprio Kardec na elaboração dos livros da Codificação: a partir dos fundamentos de *O Livro dos Espíritos* ele elaborou os demais volumes, que são simples desenvolvimentos do livro básico. Há muito ainda a fazer, mas sempre com base na Doutrina Espírita codificada, matriz e origem de um novo Mundo, de uma nova Civilização que se abre ante os nossos olhos.

Escolas de Espiritismo

*Tese aprovada pelo IV Congresso de Jornalistas e
Escritores Espíritas realizado em Curitiba,
Paraná, de 15 a 18 de fevereiro de 1968.*

A Educação Espírita pode ser encarada sob dois aspectos: a Educação Geral, que trata da formação das gerações espíritas na cultura mundana ou na *mundanidade*, segundo o conceito heideggeriano, e portanto sem nenhum sentido pejorativo; e a Educação Espírita propriamente dita, segundo o conceito kardeciano da psicologia evolutiva palingenésica. Ambas se completam reciprocamente na tendência comum da formação moral do educando. Não há, portanto, entre elas, nenhum conflito essencial, mas é evidente que há uma discrepância formal que a Pedagogia Espírita terá de superar, aproveitando-se das possibilidades dialéticas implícitas no sentido comum psico-evolutivo e no objetivo moral comum.

Essa superação se torna mais fácil quando a própria Pedagogia Geral se abre atualmente em várias perspectivas espíritas, da qual a mais importante é a do *relativismo-crítico, neokantiano* que se define nas escolas alemã de kerchensteiner e francesa de René Hubert, com o declarado objetivo da *comunhão de consciências* para o advento da *República dos Espíritos*. Toda a Filosofia hubertiana e toda a sua Pedagogia concorrem poderosamente para o encontro e a fusão dos princípios educacionais comuns com os princípios espíritas. Releva considerar, por outro lado, que a tradição educacional espírita radica em Rousseau, que é ao mesmo tempo a origem de toda a Pedagogia Moderna e uma das mais fortes raízes filosóficas do Espiritismo através de Pestalozzi, mestre de Kardec. Significativo, ainda, o fato das relações culturais genéticas entre Rousseau e Kant, reafirmando a comunidade de origem, sentido e objetivo das duas correntes de pensamento mencionadas.

A Escola Espírita, e portanto a Pedagogia Espírita, não aparecem no processo de desenvolvimento das teorias pedagógicas de maneira estranha, mas numa seqüência histórica natural, infeliz-

mente ainda não bastante estudada. Cabe aos pedagogos e professores espíritas aprofundarem as pesquisas e ampliarem as demonstrações a respeito. À maneira da Escola Cristã, que nasceu do conflito formal com a chamada Escola Pagã, mas tinha nela mesma as suas raízes históricas, o que Hubert, Jaeger, Marrou e outros esclarecem suficientemente, as relações entre a Pedagogia Geral do nosso tempo e a Pedagogia Espírita constituem um fato cultural-histórico de mais alta importância para o momento de transição que vivemos nesta *civilização em mudança*.

Mas se as discrepâncias formais entre o Paganismo e o Cristianismo eram mais acentuadas e exigiram a separação conflitiva das duas Escolas, as discrepâncias formais entre a Mundanidade e o Espiritismo são hoje bastante atenuadas pelo desenvolvimento do Humanismo, que é a forma de Cristianismo herético dominante no Mundo. Não obstante, o simples fato de existir na consciência cristã contemporânea esse sentido herético revela a presença de resíduos pagãos em nossa cultura, exigindo da Pedagogia Espírita um esforço específico para a formação educacional espírita nos dois aspectos mencionados acima.

O primeiro, que é o da Educação Geral, resolve-se com a criação do sistema educacional espírita, já em desenvolvimento, desde que seguido da orientação teórica necessária, que é tarefa dos pedagogos espíritas. O segundo, que é o da Educação Espírita propriamente dita, exige a criação de um sistema educacional específico. Essa exigência é tanto maior quanto as nossas deficiências culturais se acentuam precisamente no plano filosófico, dificultando a compreensão do Espiritismo como uma concepção de vida que se assenta numa forma superior de mundividência.

Por outro lado, a extensão e a complexidade da Doutrina, com suas múltiplas conseqüências em todas as direções culturais e vivenciais, portanto práticas ou morais, exigem também uma possibilidade permanente de aprofundamento dos seus conceitos e princípios, o que só será possível com a criação das Escolas de Espiritismo de nível superior, de tipo universitário, abrindo perspectivas para o estudo e a pesquisa. Não se trata propriamente da pesquisa fenomênica, que também se desenvolverá, mas

principalmente da pesquisa doutrinária, com o aprofundamento do exame e da compreensão da Doutrina Espírita.

As escolas de espiritismo

A criação das Escolas de Espiritismo exige, logo de início, uma reformulação de nossas atitudes no campo doutrinário, que parecerá perigosa à primeira vista, mas que uma análise ponderada nos mostrará ser necessária e benéfica: trata-se não apenas do problema da gratuidade, mas também de outros, sem a revisão dos quais será impossível a criação das Escolas de Espiritismo. Temos de encarar o problema do ensino espírita em si, com todas as implicações decorrentes de uma interpretação puramente cultural humana. As Escolas Espíritas exigem professores de Espiritismo, graus espíritas de ensino, diplomas de aprendizado espírita.

É evidente que todas essas exigências se chocam com as atitudes simplistas que até hoje assumimos, embora necessariamente, dadas as condições espontâneas da propagação da Doutrina, em sua fase de penetração no Mundo. Já agora, porém, seria grandemente prejudicial insistirmos em atitudes que não condizem com as exigências do próprio desenvolvimento doutrinário. O Espiritismo é um processo cultural e deve ser encarado como tal. Abrange todo o campo do conhecimento, *toca em todos os ramos da Ciência*, como acentuava Kardec, e representa mesmo aquele momento de *Síntese do Conhecimento* de que nos falaram Léon Denis e Sir Oliver Lodge.

Kardec assinalou que o aspecto religioso do Espiritismo é a conseqüência moral da Ciência Espírita e da Filosofia Espírita. Compreendemos hoje perfeitamente esse problema. Ora, não é possível confundirmos a exigência natural de gratuidade para as atividades religiosas com as condições especiais das atividades culturais. O próprio Kardec deu-nos o exemplo disso, estabelecendo a necessária diferença entre os dois campos. Para entregar-se às atividades de escritor e editor, no campo doutrinário sem as quais não teríamos a Doutrina Espírita – teve de aceitar os pro-

ventos de sua atividade cultural e material, enquanto nas atividades morais e religiosas dava o exemplo da mais absoluta abnegação.

Todas estas considerações têm por fim demonstrar que o diretor, os professores e os funcionários das Escolas de Espiritismo não podem nem devem funcionar de maneira gratuita, o que aliás já se verifica, por exemplo, no funcionamento dos Hospitais Espíritas e das próprias escolas do nascente sistema educacional espírita. Digno é o trabalhador do seu salário, e só se pode dispensá-lo quando se tiver meios próprios de renda. As Escolas de Espiritismo são como as Escolas de Filosofia, de Medicina, de Engenharia, com a única diferença de que não formam especialistas profissionais, mas preparam os alunos para a construção de um mundo melhor, de uma sociedade mais humana. Isso não impede que também os prepare noutro sentido, para o exercício da profissão de professor, diretor ou funcionário dessas mesmas escolas, ou ainda de assistentes para os hospitais espíritas, orientadores de editoras espíritas, jornais, revistas e publicações espíritas várias, e assim por diante.

O campo de atividades espíritas aumentará na proporção em que melhor compreendermos a Doutrina e sua profunda significação na Vida mundana. Seríamos imprudentes como as virgens da parábola, ou hipócritas como os fariseus formalistas, se não tratássemos de preparar, com o rigor exigido pelo desenvolvimento cultural do século, os especialistas que vão defender inevitavelmente as atividades espíritas no futuro, nesse futuro, aliás, que já está começando aos nossos olhos. Ou tratamos o Espiritismo a sério, dando-lhe por nós mesmos o lugar e o direito de cidadania que lhe cabem no mundo cultural, ou lhe negaremos, também nós, o que os adversários sempre lhe negaram. Esse o dilema com que nos defrontamos no momento.

Estrutura das escolas de espiritismo

As Escolas de Espiritismo devem ser organizadas como verdadeiras unidades do ensino superior, com todas as suas caracte-

rísticas. Poderão mesmo dividir-se, no seu desenvolvimento, em cursos especializados, como os das nossas atuais Faculdades de Filosofia. Inicialmente não será possível fazer-se mais do que o ensino global da Doutrina, com as diversas matérias curriculares determinadas pelas divisões e subdivisões dos chamados *aspectos doutrinários*. Não dispomos de condições para mais do que isso, mas é necessário começarmos assim e o quanto antes.

Os professores terão de ser forçosamente, obrigatoriamente, de nível universitário. Os alunos terão de apresentar certificados de conclusão do ensino secundário ou equivalente ou superior. As matérias e os processos de ensino terão tratamento universitário. Porque, sem essas condições, não seria possível dar ao ensino a eficiência necessária, nem fazer que as Escolas de Espiritismo atinjam o seu alto objetivo no plano cultural. O regime escolar terá todas as exigências do regime universitário, acrescidas ainda do mais absoluto rigor nas avaliações de aproveitamento, pois a finalidade do ensino não é utilitário no sentido comum, mas num sentido mais alto, referente à formação espiritual do homem.

Como não será possível a oficialização do ensino ou a subvenção, ele terá de ser pago. É da cobrança das taxas que sairá a renda necessária à manutenção da Escola e ao pagamento de diretores, professores e funcionários. Mas, se houver pessoas capazes de compreender a importância dessas Escolas, e que disponham de recursos, poderão ajudar a sua manutenção e oferecer bolsas de estudo aos alunos que não possam pagar. As doações serão necessárias e tão meritórias como as que se fazem para hospitais e outras obras assistenciais.

Convém não esquecer que as Escolas Espíritas necessitarão de bibliotecas especializadas, com milhares de volumes de obras nacionais e estrangeiras, bibliotecários e auxiliares. Necessitarão de laboratórios diversos, na proporção em que se desenvolverem, com todo o pessoal exigido para o seu bom funcionamento. Necessitarão de aparelhos e instrumentos de pesquisa, de secretarias bem organizadas e fichários, enfim, de todos os recursos indispensáveis ao bom desenvolvimento dos seus cursos.

As cadeiras escolares

Os compêndios básicos de estudo são os livros da Codificação, mas secundados por todas as obras necessárias, espíritas ou não, relacionadas com o assunto especial de cada cadeira.

Por exemplo:

A Cadeira de Filosofia Espírita terá por compêndio básico *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, mas disporá também de toda a bibliografia doutrinária. A Cadeira de Psicologia Espírita se firmará em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, mas necessitará da bibliografia metapsíquica, da parapsicológica e mesmo da psicológica. A Cadeira de Sociologia Espírita abrangerá os livros básicos citados e mais a bibliografia sociológica geral. E assim por diante.

Os professores de cada cadeira terão de ser espíritas e formados em Universidades na matéria que vão lecionar. A primeira dificuldade está em que os professores não estudaram sistematicamente o aspecto espírita de suas respectivas matérias. Mas é evidente que o terão de fazer e que o fato de serem espíritas, de terem um conhecimento geral da Doutrina, muito lhes facilitará a tarefa. As Escolas de Espiritismo formarão aos poucos os seus próprios mestres, elevando em breve tempo o nosso conhecimento doutrinário, hoje difuso e individual, de tipo exclusivamente autodidata, ao plano superior do estudo sistemático, da verdadeira formação universitária.

Somente assim poderemos superar o estágio inferior dos nossos conhecimentos, diante de uma doutrina que nos oferece infinitamente mais do que agora podemos alcançar. É isso tanto mais necessário, quanto as pesquisas científicas e filosóficas estão avançando aceleradamente na direção dos nossos princípios. O conhecimento avança em bloco para a descoberta do Espírito, e se não nos prepararmos convenientemente, não estaremos em condições de enfrentar os problemas que irão surgindo, e que na verdade já estão surgindo, em nossas relações com a cultura geral. Nossa falta de preparo doutrinário poderá criar novos tipos de dificuldade e incompreensão.

O Espiritismo, como Kardec assinalou, tem a missão cultural de auxiliar a Ciência, a Filosofia e a Religião. Mas para cumprir essa missão é necessário que os Espíritas se tornem capazes de compreender profundamente a sua própria Doutrina. Só o estudo sistemático, em profundidade, através de métodos adequados, nos fará penetrar nos segredos que o Espiritismo ainda guarda para todos nós. Só a pesquisa metódica, orientada e perseverante nos levará a descobrir as diversas contribuições que o Espiritismo deu no passado, dá no presente e dará no futuro ao desenvolvimento cultural do Mundo.

A síntese espírita não é apenas conclusiva, pois o processo da cultura é dialético. Cada conclusão de um ciclo, no plano evolutivo do conhecimento, representa uma espécie de balanço anual de uma empresa: o *deve* e o *haver* se fecham num resultado provisório, que determinará as condições do novo ano. Ernest Cassier estudou com admirável precisão este problema, vendo-o com olhos espíritas, embora sem ser espírita. Arnold Toynbee também o estuda numa perspectiva espírita, embora não sendo espírita. A verdade “é”, impondo-se a todos os que procuram vê-la. A síntese espírita fecha uma espiral de conhecimento humano e abre outra espiral, rumo às civilizações superiores. Daí a nossa responsabilidade, como detentores de um patrimônio cultural que deve desenvolver-se em todas as suas possibilidades, passando de potência a ato através das condições que teremos de criar nesta fase de transição.

A realidade e a utopia

Pode-se opor a este sonho das Escolas de Espiritismo a objeção do bom-senso, e o bom senso é uma categoria lógica das mais importantes e atuantes no Espiritismo. Mas a verdade é que se o bom-senso impõe a imprudência, não determina a inação. Não podemos desperdiçar as oportunidades imediatas de tempo e recursos com tentativas utópicas, pois há sempre a exigência de realizações possíveis no imediato. Mas também não devemos apegar-nos ao imediatismo a ponto de sacrificarmos o futuro. O

bom-senso determina o equilíbrio. E por isso é bom examinarmos o problema do equilíbrio entre a realidade e a utopia.

Karl Mannheim, que também não é espírita, mostrou-nos de maneira exaustiva que a utopia é a atração das realidades de amanhã, é o “chamado” das coisas futuras, despertando no indivíduo e na sociedade as energias necessárias para atingi-las. Falta o equilíbrio entre realidade e utopia quando nos fascinamos por esta e esquecemos aquela. Mas no Espiritismo aprendemos a avançar para o futuro através das condições do presente. Não podemos nos conduzir no corpo material apenas como Espíritos, mas nem por isso devemos nos conduzir apenas como corpo. Daí a rejeição espírita aos exageros do misticismo, de um lado, e do racionalismo cético, de outro. No caso das Escolas de Espiritismo a situação é a mesma. Se quisermos fazer de um dia para o outro as escolas ideais, é certo que fracassaremos. Mas a utopia, essa atração da realidade futura, pode encarnar-se desde já entre nós como criança. E a criança, que hoje engatinha, amanhã começará a andar e breve se fará adulta.

As primeiras dificuldades materiais que encontramos decorrem da falta de recursos e da falta de interesse utilitário imediato nos cursos. Nosso mundo pragmático transformou as escolas em simples meio de preparação profissional, de adaptação da criatura às exigências do ganha-pão e as conveniências do enriquecimento. Estudar é ensaiar para o salto no trampolim da vida prática. Mas o Espiritismo já demonstrou que não existem apenas os interesses imediatos do mundo, pois o homem não é *simplesmente homem*, segundo a expressão irônica do bom-senso de Descartes. Há nele, por mais simples, a mesma inspiração dos teólogos, esses *homens mais do que homens*. Essa inspiração é hoje orientada pela *Ciência Admirável* que Descartes quis descobrir, auxiliado pelo Espírito da Verdade, e que se realizou no Espiritismo. Assim, o bom-senso espírita já demonstrou a muita gente a utilidade do estudo aprofundado e sério do Espiritismo.

Não podemos abrir uma grande Escola de Espiritismo, mas nada impede que lancemos a sua semente através de uma organização modesta, que inicialmente poderá limitar-se a cursos noturnos. Os poucos alunos do início serão os poucos idealistas

da marcha para o futuro. Os professores não serão certamente ótimos, mas terão um pouco de boa-vontade. A direção da Escola há de ser falha, às vezes impaciente, mas não lhe faltará o auxílio espiritual. Havendo boa-vontade e compreensão do problema, não se permitindo que o corrosivo do pessimismo, da crítica pedante ou da crítica beócia¹² destrua os germes em desenvolvimento, a Escola de Espiritismo se transformará em realidade. Os dois tipos de crítica a que nos referimos serão inevitáveis: a pedante é a do universitário que zombará das pretensões espíritas, mesmo sendo espírita; a beócia é a do espírito simplista que despreza a cultura e desconhece o Espiritismo, mesmo que esteja nele há cinqüenta anos e se encontre em posição de dirigente. Uma e outra crítica nada valem. Só devemos ouvir a crítica honesta e sensata que nos ajudará a superar as deficiências e avançar.

Poucos alunos, rendimento insuficiente, professores mal pagos ou até mesmo gratuitos – mas a idéia em marcha. O necessário é que os organizadores se convençam da absoluta necessidade da criação das Escolas de Espiritismo. Assim convencidos, não se importarão com as dificuldades. Os próprios frutos do ensino, que é aprendido para os professores também, servirão de estímulo a todos. Os rendimentos, por pouco que sejam, terão de deixar obrigatoriamente um saldo para a formação do capital patrimonial. *Não se deve esquecer que as Escolas de Espiritismo nunca poderão constituir-se em negócio.* Serão fundações ou organismos semelhantes, com reversão permanente dos lucros a si mesmas. Os vencimentos de professores e funcionários obedecerão a um critério de sacrifícios nas fases iniciais. Mas logo que possível, os vencimentos deverão corresponder aos padrões profissionais, para que o padrão de ensino não venha a sofrer, pois a verdade é que os professores e os funcionários, por mais dedicados que forem, não desempenharão suas funções a contento se estiverem preocupados com problemas financeiros angusti-antes.

Por um mecenato espírita

Todas as considerações acima levam naturalmente à conclusão da necessidade de um *Mecenato Espírita*. É verdade que a maioria dos espíritas são pobres, mas existem muitos espíritas afortunados. Em geral, preferem aplicar seus recursos em favor de obras de assistência social, acreditando que os juros espirituais são maiores nesse campo, ou simplesmente por espírito de caridade. É necessário demonstrar a esses confrades que a caridade maior está precisamente na prevenção das desgraças, e que essa prevenção só é possível através da educação, da formação educacional espírita.

As obras de assistência correspondem ao dever de fraternidade que a Doutrina nos desperta, e não deveremos jamais descuidar delas. Mais isso não impede que cuidemos também da assistência educacional, lembrando-nos da Pedagogia Filantrópica de Pestalozzi, seguida por seu discípulo o Prof. Denizard Rivail, mais tarde Allan Kardec. Os espíritas ricos deverão pensar seriamente na urgência da criação das Escolas de Espiritismo. Sabe-se que, nos Estados Unidos, o interesse religioso dos protestantes pela educação, determinou o maravilhoso florescimento de vasta rede de Universidades.

No Brasil os espíritas podem fazer o mesmo. Urge despertar o nosso meio para o dever de contribuir eficazmente para a formação cultural-espírita do povo, com doações em dinheiro e bens patrimoniais em favor de instituições educacionais espíritas. Esse é o movimento que nos reclama neste segundo século da era espírita, cuja tônica deve ser o interesse pela cultura, como o do primeiro século foi o interesse pela assistência social. A falta de uma sólida formação cultural espírita neste século porá fatalmente em perigo as conquistas realizadas pelo Espiritismo no século anterior.

Os programas

As Escolas de Espiritismo terão de adotar, desde o início, programas capazes de abranger, em linhas gerais, toda a problemática doutrinária. Esses programas irão se modificando com a experiência e com as novas condições que surgirem do crescimento escolar, mas principalmente com o avanço das pesquisas. Podemos formular desde já, com a experiência dos cursos regulares e dos estudos individuais que temos feito, um roteiro de currículo, a título apenas de sugestão. É o seguinte:

Programa de um curso de quatro anos

I Ano:

1) **Cadeira de Introdução ao Espiritismo:** Posição do Espiritismo no processo do Conhecimento. A dinâmica da evolução espiritual através da mediunidade. Dialética do conhecimento: percepção, desenvolvimento mental, conceituação e consciência. O problema da Razão. Unidade fundamental dos campos do Conhecimento. Materialismo e Espiritualismo. Aparecimento do Espiritismo no momento histórico determinado pela evolução humana.

2) **Cadeira de Introdução à Filosofia Espírita:** Conceito de Filosofia Espírita. Natureza crítica e fideísta da Filosofia Espírita. Suas raízes na História da Filosofia. Relações da Filosofia Espírita com as correntes principais da Filosofia Antiga, Moderna e Contemporânea. Perspectivas da Filosofia Espírita e sua contribuição para o desenvolvimento das correntes atuais do pensamento filosófico. Filosofia Espírita e Metafilosofia.

3) **Introdução à Ciência Espírita:** Conceito de Ciência Espírita. Observação, pesquisa e experimentação. Experimentação (Experiências) de Kardec na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Posição metodológica de Kardec. Concordâncias e discordâncias do método espírita com os métodos científicos do século passado e do presente. Motivos da rejeição da Ciência Espírita pela Ciência Oficial. O problema da *crendice* de Kardec,

denunciada por Richet. O problema da fé na Religião e na Ciência. Papel específico da fé na Ciência Espírita.

4) **Introdução à Religião Espírita:** Conceito de Religião. Processo histórico da evolução religiosa dos povos. O problema religioso na Filosofia de Pestalozzi. As formas da Religião na Filosofia de Bergson. Posição de Kardec em relação ao problema religioso. Origens da Religião: teorias de Feuerbach, Tylor e Spencer; a teoria marxista; a teoria espírita e a contribuição de Ernesto Bozzano. O problema da *Religião em Espírito e Verdade* nos Evangelhos.

II Ano:

1) **Cadeira de Doutrina Espírita:** Características fundamentais da Doutrina Espírita. Estrutura e sentido de *O Livro dos Espíritos*. As demais obras da Codificação e suas relações com *O Livro dos Espíritos*. Função e significação da *Revista Espírita* de Allan Kardec. Exame geral da estrutura da Codificação. Cosmologia espírita. *A Escala dos Mundos*, a *Escala Espírita* e a posição de Flammarion quanto às relações da Astronomia com esses problemas. O Espiritismo e as conquistas atuais de astronomia e da Astronáutica.

2) **Cadeira de Filosofia Espírita:** Deus como necessidade lógica e exigência intrínseca da consciência humana. Relação Deus-Universo: a trindade universal ou estrutura tríplice do Universo. O fluido universal e suas diversificações: fluido vital e perispiritual. O conceito de fluido no Espiritismo e nas Ciências e suas implicações filosóficas. Espírito e Matéria: inter-relação e interação desses elementos. Dualismo absoluto e dualismo relativo. O monismo espírita. As Filosofias atuais em face dessas posições espíritas.

3) **Cadeira de Ciência Espírita:** As provas científico-espíritas da sobrevivência. Confirmações da sobrevivência pela pesquisa psíquica e metapsíquica. Posição atual do problema na Parapsicologia. A mediunidade como faculdade humana normal: mediunidade generalizada e mediunidades específicas. Confirmações da teoria mediúnica pelas pesquisas psíquicas, metapsíquicas e parapsicológicas. O problema do animismo. Fraudes

conscientes e inconscientes: os motivos psicológicos das fraudes. A superestimação do problema da fraude pelos adversários do Espiritismo como meio de desmoralização da pesquisa psíquica.

4) **Cadeira de Religião Espíritas:** O problema da legitimidade e do valor dos textos bíblicos e evangélicos. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: método seletivo de elaboração da obra e significação doutrinária desse método. A moral evangélica e seu desenvolvimento à luz da Revelação Espírita. A moral espírita: implicações morais da teoria da evolução espiritual, da reencarnação e da lei de ação e reação. O problema da Revelação: as três Revelações fundamentais que marcaram momentos decisivos da evolução terrena. A dupla natureza da III Revelação e sua continuidade indefinida, em virtude do reconhecimento universal da mediunidade.

III Ano:

1) **Cadeira de Doutrina Espírita:** Situação científica atual do problema da pluralidade dos mundos habitados. Pesquisas mediúnicas de Kardec sobre os mundos habitados: comunicações e estudos da *Revista Espírita*; critério seguido nessas pesquisas. O dogma da Criação: a Gênese bíblica em face da Ciência e do Espiritismo. Evolução do princípio inteligente: reinos mineral, vegetal, animal e hominal. O mito de Adão e Eva: o homem terreno e as migrações planetárias.

2) **Cadeira de Filosofia Espírita - Ontologia:** Conceito espírita do Ser; o Ser e os seres; Seres materiais e seres espirituais; o ser do corpo e o ser anímico. O problema da existência: natureza transitória da existência corporal; a existência espiritual; facticidade existencial e desenvolvimento da essência nos dois planos; as existências sucessivas. O *existente* ou *homem no mundo* e o *interexistente* ou *homem no intermúndio*; mediunidade e emancipação da alma. O problema da comunicação: o ato mediúnico, suas modalidades e seus graus.

3) **Cadeira de Ciência Espírita:** Psicologia Espírita como psicologia integral: o psiquismo como produto de ação da alma no corpo; interação alma-corpo; a potência anímica e sua atualização na existência; a consciência e o meio. Encarnação e nas-

cimento: duplo condicionamento pela hereditariedade e pela lei de afinidade espiritual. As atividades mediúnicas ou paranormais: fenômenos anímicos e relações espirituais. Relações psíquicas entre vivos e entre estes e os Espíritos: o meio psíquico interexistencial. Psicologia evolutiva palingenésica: instintos orgânicos e instintos anímicos determinando o grau evolutivo e as possibilidades de atualização espiritual do ser na existência. Psiquiatria Espírita e suas possibilidades. Pedagogia Espírita: suas possibilidades práticas na formação espiritual do homem.

4) **Cadeira de Religião Espírita:** As leis naturais como leis de Deus. Deus na Natureza: imanência de Deus no Universo. As leis morais. A lei de adoração como determinante da natureza religiosa do homem, o aparecimento e desenvolvimento das religiões. O problema da queda: desenvolvimento do livre-arbítrio, libertação das leis naturais e responsabilidade perante as leis morais. Razão e função da prece: sintonia mental e moral com entidades superiores. Confirmação atual da teoria da prece pelas pesquisas telepáticas da Parapsicologia. A doutrina dos espíritos protetores, amigos e familiares; suas raízes históricas; sua razão moral, determinada pela lei de fraternidade; suas comprovações nas experiências psíquicas e na prática espírita.

IV Ano:

1) **Cadeira de Doutrina Espírita:** Situação evolutiva atual da Humanidade terrena: provas e expiações. Fase de transição para *mundo de regeneração*. Papel do Espiritismo na preparação do novo mundo. Aumento da população terrena e desequilíbrios psíquicos e sociais: fases finais de provas individuais e coletivas. Papel de equilíbrio dos espíritas nas crises de transição: aplicação dos conhecimentos doutrinários na interpretação dos fatos e na orientação das criaturas. Deveres fundamentais das instituições espíritas: fidelidade à Doutrina e intensificação dos trabalhos de divulgação e assistência espiritual. Liberdade, igualdade e fraternidade. A lei de Justiça, Amor e Caridade.

2) **Cadeira de Filosofia Espírita:** Desenvolvimento do ser moral e substituição da ordem Social pela ordem Moral. Natureza coercitiva da ordem social e natureza espontânea da ordem

Moral. Cosmologia espírita: o Universo Moral; significação do conceito espírita de leis naturais como divinas; destinação moral dos entes, dos seres e dos mundos. O egoísmo como fonte do mal e sua superação pela caridade: realização do bem na ordem moral e seu reflexo na ordem natural. Aprimoramento das condições físicas da Terra pela elevação moral de seus habitantes. Elevação da Terra na Escala dos Mundos e do homem na Escala Espírita. Maiores possibilidades de aproximação do problema das origens pela mente humana. Desenvolvimento mental e espiritual favorável à melhor compreensão de Deus e de suas relações com o Mundo e a Humanidade. Perspectivas de relações interplanetárias.

3) **Cadeira de Ciência Espírita:** Sociologia Espírita: relações psíquicas como determinantes de processos sociais; relações interexistenciais; influências recíprocas entre o mundo invisível e o visível; a dinâmica sócio-espírita em substituição ao conceito de estática e dinâmica sociais. A cosmossociologia: relações interplanetárias ou de civilizações cósmicas. Ampliação e aprofundamento do conceito de Medicina Psicossomática. Superação do organocentrismo em Biologia. Esclarecimento do problema da antimatéria em Física. Domínio do tempo e do espaço pelo pensamento: contribuição da pesquisa espírita para as experiências parapsicológicas.

4) **Cadeira de Religião Espírita:** Teologia Espírita: linhas gerais da concepção espírita de Deus e de suas relações com os homens. Impossibilidade atual de explicação dos motivos da Criação: esta como uma realidade diante da qual nos encontramos e cujo sentido se revela nas coisas, na Natureza e em nós mesmos. Presença de Deus no homem e do seu poder criador na própria natureza humana: estímulo da fé e despertamento das forças psíquicas pela lei de adoração. O problema das penas e recompensas futuras. Perdão dos pecados: arrependimento e reparação. A lei de ressurreição. *Vós sois deuses.*

Provas e títulos

O desenvolvimento de um programa assim estruturado, para um curso de quatro anos, é ainda insuficiente para o estudo

realmente profundo e minucioso da Doutrina Espírita. Mas as Escolas de Espiritismo podem criar também cursos de especialização ou de pós-graduação, de dois ou três anos, conforme as necessidades da matéria.

As provas do curso, para aprovação nos anos sucessivos, não devem depender de exames nem de notas. Os trabalhos realizados pelos alunos no correr de cada ano – trabalhos e pesquisas orientados pelos professores, pois a verdadeira aprendizagem se realiza mais pelo *fazer* do que pelo *ouvir* – são os elementos de avaliação natural do aproveitamento. Além disso, as aulas deverão ser sempre seguidas de conversações e debates, fornecendo ao professor a possibilidade de acompanhar, anotando regularmente para seu uso, o progresso de cada aluno. Deve-se evitar a utilização de notas, mesmo em sentido global, para não haver o problema antipedagógico e antiespírita dos primeiros lugares.

Concluído o curso, o aluno deverá receber o seu diploma, que não será de bacharel nem de licenciado ou doutor, mas apenas de *Formação Teórica em Doutrina Espírita*. Esse, segundo no parece, o título justo de *formação teórica*, não implica uma condição moral nem representa um grau de evolução espiritual. Diz simplesmente que o formando adquiriu os conhecimentos teóricos referentes à Doutrina. A prática espírita, que é sobretudo moral, depende inteiramente da sua capacidade de aplicar esses conhecimentos.

Nos casos de especialização posterior, o aluno deverá receber um certificado de *especialização teórica*. Mas é evidente que, se for possível a criação de cursos de especialização prática, no tocante a pesquisas e experimentações mediúnicas, o título será de *especialização experimental*. Como já acentuamos atrás, não devemos nos embaraçar com as possíveis conseqüências desses diplomas e certificados, pois o próprio esclarecimento doutrinário adquirido nas Escolas de Espiritismo constitui a melhor barreira para qualquer desvirtuamento.

Acreditamos, aliás, que acima de todas essas pequenas preocupações deve pairar o interesse maior da formação espírita dos que desejam estudar.

Porque os Adultos de esquecem de que já foram Crianças

*Se fizessem um pouco de esforço
não as educariam melhor?*

Os dois problemas: o da educação no lar e o da educação na escola giram em torno de um mesmo eixo. Os pais são os professores no lar e os mestres são os pais na escola. Muito mais do que um fenômeno biológico, a paternidade e a maternidade constituem uma relação psíquica e portanto espiritual. O Espiritismo ensina e demonstra que os pais não geram o espírito dos filhos, mas apenas os seus corpos. A criança já nasce com o acervo pessoal de suas conquistas no processo evolutivo. Ora, a tarefa dos pais, como a dos mestres, é ajudá-la a integrar-se, durante a presente existência, na posse desse acervo, e a enriquecê-lo ainda mais.

Assim, para que a educação se desenvolva de maneira harmoniosa e eficiente é necessária a conjugação do lar com a escola, dos pais com os mestres. Não é muito fácil conseguir-se isso no mundo de hoje, mormente nas grandes cidades. Mas há um meio pelo qual se podem superar as dificuldades atuais. Se os pais e os mestres se lembrarem de que foram crianças, se procurarem manter essa lembrança em suas atividades no lar e na escola, a conjugação necessária se fará naturalmente.

Educação afetiva

Os adultos se esquecem facilmente de que foram crianças porque se acham integrados num mundo diferente, o mundo da gente grande. Esse mundo dos adultos é geralmente feito de ambições, temores, ódios e violências. É um mundo hostil, muitas vezes brutal. Os adultos se tornam criaturas práticas, objetivas, eficientes – o que vale dizer egoístas, secas, frias e insensíveis. Se fizessem algum esforço para vencer essa frieza

mortal, lembrando-se um pouco da infância, voltariam a viver e seriam capazes de amor e ternura.

A Educação é um ato de amor, é a ajuda das pessoas grandes para que as crianças também possam crescer. Os adultos sem amor não podem educar. Pelo contrário, deseducam. Às vezes a escola destrói a educação iniciada no lar, e às vezes é o lar que destrói a educação dada na escola. Se os pais são insensíveis, a criança é infeliz, carente de amor. Se os mestres são estúpidos, a criança tem medo da escola. Mas o pior de tudo é a indiferença, a frieza. Pais e mestres que olham para as crianças com olhos de múmia, de rosto impassível, são carrascos executando vítimas inocentes. Queimam essas plantinhas tenras, que são as crianças, como um sol ardente crestando sementeiras no campo.

As crianças necessitam de afeto, de carinho, de atenção. A natureza humana é diferente da natureza animal. Não se pode nem se deve querer domesticar uma criança como se fosse um cachorrinho, domá-la como se fosse um potro. Cada criança é uma inteligência despertando para a vida, e mais do que isso, é uma consciência que desabrocha. Essa inteligência e essa consciência precisam de aceitação e compreensão, pois do contrário se ressecam, tornam-se amargas, voltam-se para a rebeldia e a maldade. Os próprios animais não podem ser domesticados apenas com violência.

Educar e amar

O mundo das crianças é diferente do mundo dos adultos. É um mundo de sonhos e de aspirações nobres. Um mundo amoroso, cheio de ternura e ansiando por compreensão. Kardec escreveu que as crianças são espíritos que se apresentam no mundo *com as vestes da inocência*. Espíritos maduros que se fazem pequeninos e tenros para poderem *entrar no Reino do Céu*. Voltam à fonte da vida, renovam-se nas águas lustrais da esperança, recomeçam a existência com grandes planos de trabalho delineados no íntimo. São frágeis e parecem puros porque preci-

sam atrair o amor da gente grande. Carecem de amor e imploram carinho.

As pesquisas pedagógicas entre as tribos selvagens revelam que as crianças tribais, ao contrário do que supunham alguns teóricos, não são tratadas com brutalidade mas com reserva e carinho. Para o selvagem a criança é como um estrangeiro que chega à tribo, mas um estrangeiro que pode ser amigo. Antes de integrá-la na vida social eles a mantêm em observação, procurando atraí-la com amor. Depois dos rituais de integração, os adolescentes continuam a ser encarados com ternura e tratados com carinho.

A finalidade dessas pesquisas é favorecer a descoberta da verdadeira natureza da educação. Nos povos civilizados a educação aparece muito complexa, revestida de numerosos artifícios técnicos e teóricos, perturbada por sofismas e sujeita a interesses múltiplos. Nos povos selvagens ela pode ser observada na fonte, está ainda pura e nua como a verdade. E o que as pesquisas revelam é que a educação, na sua verdadeira essência, *é um ato de amor* pelo qual as consciências maduras agem sobre as imaturas para elevá-las ao seu nível.

Educar é amar, porque a mecânica da educação é a ajuda, o amparo, o estímulo. A vara, o ponteiro, a palmatória, as descomposturas e os gritos pertencem à domesticação e não à educação. A violência contra a criança é um estímulo negativo que desperta as suas reações inferiores, acorda a fera do passado na criaturinha vestida de inocência que Deus nos enviou. Só o amor educa, só a ternura faz as almas crescerem no bem.

O perigo do exemplo

O comportamento dos adultos, não só em relação às crianças mas também ao redor das crianças, tem sobre elas um poder maior do que geralmente pensamos. O exemplo é uma didática viva. Por isso mesmo é perigoso. Costumamos dizer que as crianças aprendem com facilidade as coisas más e dificilmente as boas. E é verdade. Mas a culpa é nossa e não das crianças. Nos-

soos exemplos exercem maior influência sobre elas do que as nossas palavras. Nosso ensino oral é quase sempre falso, insincero. Ensinamos o que não fazemos e queremos que as crianças sigam as nossas palavras. Mas elas não podem fazer isso porque aprendem muito mais pela observação, pelo contágio social do que pelo nosso palavrório vazio.

Renouvier dizia que aprender é fazer e fazer é aprender. Nós mesmos, os adultos, só aprendemos realmente alguma coisa quando a fazemos. Na criança o aprendizado está em função do seu instinto de imitação. A menina imita a mãe (e a professora), o menino imita o pai (e o professor). De nada vale a mãe e o pai, a professora e o professor ensinarem bom comportamento se não derem o exemplo do que ensinam. As palavras entram por um ouvido e saem pelo outro, mas o exemplo fica, o exemplo cala na alma infantil. Tagore, o poeta-pedagogo da Índia, comparava a criança a uma árvore. Dizia que a criança se alimenta do solo social pelas raízes da espécie, mas também extrai da atmosfera social a clorofila do exemplo. O psiquismo infantil é como uma fronde aberta no lar e na escola, haurindo avidamente as influências do ambiente.

Responsabilidade espiritual

Dois exemplos nos mostram, no passado e no presente, a responsabilidade espiritual do nosso comportamento no lar e na escola. O exemplo de Jesus, que exemplificou durante toda a vida e ensinou apenas durante três anos. E o exemplo de Kardec, que exemplificou até os cinqüenta e quatro anos e só ensinou durante doze anos. Só a partir de 1857, com a publicação de *O Livro dos Espíritos*, Kardec começou o verdadeiro ensino que trazia para a Terra. Antes disso foi professor e pedagogo, didata e cientista, dando mais em exemplo do que em teoria.

Outro grande exemplo é o de Pestalozzi, o mestre de Kardec, que só na velhice se voltou para a Pedagogia e se tornou o mestre do seu tempo. Pestalozzi sentiu que educar é amar e por isso dedicou-se à educação com toda a força do seu amor. Tornou-se

o paizinho dos seus alunos, como era ternamente chamado por eles. E se fez mendigo entre as crianças mendigas para arrancá-las da miséria moral. Por isso fracassou materialmente. Não enriqueceu com a educação e sofreu as agruras da queda financeira. Mas sua vitória espiritual foi gloriosa. Também Jesus, para a curta visão dos ganhadores de dinheiro, foi um judeu fracassado que morreu na cruz, a morte mais infamante daquele tempo.

Essa coragem moral de abrir mão do lucro, do ganho, do rendimento é a mola que faz a Terra subir na escala dos mundos. Só as almas superiores a possuem. E quando essas almas enfrentam o julgamento louco dos homens para nos darem o exemplo da abnegação, com isso nos mostram a importância do exemplo. Devemos pensar nesses grandes problemas para podermos vencer em nossas pequenas tarefas cotidianas. Abdiquemos da violência, da irritação, do autoritarismo e da arrogância se quisermos realmente educar, se desejarmos de fato ser pais e mestres.

A educação cristã

A Educação Cristã reformou o mundo, mas os homens a complicaram e deturparam. A consciência do pecado pesou mais nas almas do que a consciência da libertação em Cristo. Tomás de Aquino ensinou: *mães, os vossos filhos são cavalos!* Educar transformou-se em domar, domesticar, subjugar. A repressão gerou a revolta e reconduziu o mundo ao ateísmo e ao materialismo, à loucura do sensualismo. A Educação Espírita é a Renascença da Pedagogia Cristã. É nela que o exemplo e o ensino do Cristo renascem na Terra em sua pureza primitiva.

Precisamos reformar os nossos conceitos de educação à luz dos princípios espíritas e dos grandes exemplos históricos. Dizia uma grande figura espiritualista inglesa, Annie Besant, que cada criança e cada adolescente representam planos de Deus encarnados na Terra e endereçados ao futuro. Aprendamos a respeitar essas mensagens divinas. Lembremo-nos de nossa própria infância e se por acaso verificarmos que a nossa mensagem se perdeu

ao longo da existência, que o nosso plano divino foi prejudicado pelos homens, pelos maus exemplos e pelos ensinamentos falsos, juremos perante o nosso coração que havemos de evitar esse prejuízo para as novas gerações.

Pais, sejamos mestres! Mestres, sejamos pais! Que cada rostinho de criança aberto à nossa frente, como uma flor que desabrocha, nos desperte no coração o melhor de nós mesmos, o impulso do amor. Que cada adolescente, na sua inquietude e na sua irreverência - jovem ego que se afirma pela oposição ao mundo – não provoque a nossa ira, mas desperte a nossa compreensão e a nossa ternura. Para domar o potro precisamos da sela e das esporas, mas para educar o jovem só necessitamos de amor. A Educação Espírita começa no lar como uma fonte oculta e deve ganhar a planície como um rio tranquilo em busca do mar.

Psicologia Espírita da Educação

Assustados com os lineamentos gigantescos da renovação cultural que o Espiritismo nos propõe, com urgência, nesta hora de transição evolutiva do nosso planeta, muitos companheiros pretendem fugir da realidade e escondem a cabeça sob o travesseiro. Como pode ser isso? É o que perguntam de olhos arregalados, como os cientistas do século passado diante dos fantasmas exibidos pela pesquisa de Crookes, Richet, Crawford e outros. Mas os fantasmas não desaparecem. Continuam presentes, convidando-nos a uma invasão de novas e mais amplas dimensões da realidade.

Ninguém certamente pediu a criaturas tão frágeis que se fizessem espíritas. O Espiritismo, como Kardec explicou há mais de um século, é uma *convicção pessoal*, por isso mesmo voluntária, a que ninguém está obrigado por nenhuma confissão religiosa nem forçado por nenhuma catequese salvacionista. Estamos no momento exato em que é preciso dizer de maneira enérgica: Se alguém não se sente bem no Espiritismo, não precisa tremer como vara verde nem por a boca no mundo; basta recuar para as tocas sombrias do passado, fechar os olhos e continuar de ouvidos moucos.

É verdade que nem assim deixarão de ouvir, mesmo que de maneira surda e à distância, o rumor estridente dos aviões a jato, dos foguetes espaciais, do rompimento das estruturas envelhecidas de um fim de século em que agoniza em estertores toda uma civilização. Mas o lugar dos medrosos não é outro senão o fundo úmido e ilusório de uma toca, de uma furna escura.

Penso nisso ao abordar este novo tema que fará arrepiar até mesmo a penugem de certas calvas reluzentes. Se falar em Educação Espírita já faz muita gente perder o fôlego e espernear em gritos frenéticos, o que acontecerá quando nos propormos a tratar de Psicologia Espírita da Educação? Já estou ouvindo por antecipação os estertores de alguns líderes de pernas bambas. Deus me perdoe se estas linhas inocentes provocarem algumas desencarnações fora de tempo. A culpa não será minha nem da

lei da evolução. Há de ser, por certo, daqueles mesmos que se habilitaram sem competência. Serão casos de suicídio inconscientes, pelos quais ninguém poderá acusar-nos.

Mariotti, o provocador

No caso de não poderem acusar ninguém, e para que não morram essas vítimas de sua própria imprudência sem o consolo de apontar um culpado, lembrarei que o responsável por esta minha abordagem é o eminente Prof. Humberto Mariotti, que nos seus vibrantes artigos para a Revista *Educação Espírita* não teve jamais a menor piedade dessas frágeis criaturas. No seu último trabalho, publicado no número anterior dessa revista, Mariotti, o provocador, traçou um programa de ação ameaçador. Não teve meias medidas ao enfrentar o problema da *Necessidade Espiritual das Ciências da Educação*.

Claro que no rol dessas ciências havia de aparecer a Psicologia Espírita da Educação. E por mal dos pecados o seu magnífico trabalho foi publicado no original castelhano e na tradução portuguesa. Uma calamidade, pois até mesmo os que não sabem ler castelhano tiveram o texto inteiro do trabalho rigorosamente traduzido. Uma dupla impiedade: a do autor argentino e a do tradutor brasileiro. Um massacre internacional em duas línguas. Os atemorizados da América Espanhola e da América Portuguesa foram atingidos ao mesmo tempo.

De minha parte o golpe será bem menor. Não sairei da nossa língua, última flor do Lácio, inculta e bela, que só falamos entre nós. E só tratarei de um dos tópicos do artigo de Mariotti. Ficarei apenas na premissa nº 6 do seu artigo (que apresenta dez premissas) aquela que trata da *Teoria Aparencial da Criança*. Uma proposição genial, tão poderosa e ampla que a nossa revista devia ter publicado sob a tarja em vermelho de uma advertência acauteladora: “Proibida a leitura para espíritas menores de 18 anos”.

Como não houve essa cautela, sinto-me à vontade para tratar do assunto sem nenhuma restrição etária no campo da maturida-

de espírita. Mas procurarei abrandar as conseqüências da minha audácia, por mero desencargo de consciência, lembrando que Kardec já tratou (meu Deus, há mais de um século!) do problema da Psicologia Infantil Espírita, em nome dos Espíritos Superiores que lhe mostraram esta coisa inacreditável: que a criança aparece na Terra envergando a *roupagem da inocência*.

Sendo assim – pois se trata de princípio doutrinário – posso também apontar Kardec e aqueles Espíritos Superiores, em particular o Espírito da Verdade, como provocadores e cúmplices de Mariotti. Que os prejudicados, os provocados, ao invés de se queixarem ao bispo, façam o seu protesto perante a Venerável Corte Celestial. Talvez a compaixão dos anjos possa socorrer as aflições dos espíritas atemorizados, dessas frágeis criaturas imaturas que não podem suportar a verdade sem o véu transparente da fantasia.

Psicologia infantil

A Teoria Aparencial da Criança rasga o último véu da Psicologia da Infância e da Adolescência, revelando que precisamos enfrentar essas criaturas inocentes com maior realismo. Porque, se elas são inocentes apenas na aparência, escondem a sua realidade íntima nas formas físicas em desenvolvimento, manda a boa lógica que as tratemos com mais desembaraço. É o que, por sinal, já havia feito o próprio Sócrates, cinco séculos antes de Cristo, ao aplicar o seu método pedagógico em jovens e adultos, arrancando-lhes a verdade oculta nas profundezas da alma.

A Pedagogia atual, por sua vez, vem penetrando cautelosamente nesse caminho, de maneira que não há muita razão para o susto de alguns espíritas que alardeiam conhecimentos filosóficos, pedagógicos e psicológicos. Um pouco de leitura de tratados pedagógicos e manuais didáticos, principalmente dos que tratam de métodos pedagógicos, já teria acalmado os nervos dos companheiros assustados. Não estamos sós na arrancada assustadora para o futuro. Temos muitos e excelentes amigos fora do meio espírita. De maneira que as furnas para esconderijo escasseiam

rapidamente. Já não somos os únicos a falar de reencarnação, sentido espiritual da Educação e conhecimentos inatos.

A Psicologia Espírita da Infância e da Adolescência, na falta de trabalhadores espíritas, está sendo forjada, com mais lentidão mas de maneira segura, por psicólogos não-espíritas. Conseqüentemente, a Psicologia Espírita da Educação, com base na Teoria Aparencial da Criança, também vai surgindo fora da nossa área de ação. É um poderoso estímulo que nos vem de fora e que devia acalmar os assustados.

Já não podemos mais tratar desse grave assunto dentro dos estreitos limites das idéias e teorias materialistas. Os tempos amadureceram e os gentios estão passando à frente dos filhos de Abraão, antes detentores do privilégio racial e espiritual. O aceleração cultural dos nossos dias avassalou com todos os privilégios do passado bíblico. Somos obrigados a renovar os nossos conceitos sobre todas as coisas e muito especialmente sobre a criatura humana, a partir do mistério da criança.

Não deixa de ser curioso este contraste: é precisamente nos meios espíritas apegados à idéia de que Jesus só foi criança em aparência que surge o pavor à Teoria Aparencial da Criança. Eis outra provocação que nos surge dos próprios fatos. Esse contraste exige um estudo especial para esclarecer-se o motivo psicológico do temor. Segundo o apóstolo Paulo não há razão para fazermos diferenças fundamentais entre a condição de Jesus e a nossa. Até mesmo a ressurreição de Jesus não foi, como vemos na I Epístola de Paulo aos Coríntios, um privilégio divino concedido ao Mestre, um milagre ou coisa semelhante, pois nós todos ressuscitamos. Qual, pois, a razão do assombro dessas criaturas que tanto falam em aparências?

A teoria aparencial é, evidentemente, a base sobre a qual devemos desenvolver a Psicologia Evolutiva da Criança e do Adolescente e a Psicologia Espírita da Educação. Partindo do que podemos chamar *o fato aparencial*, que decorre da lei da reencarnação, temos de encarar o desenvolvimento infantil como um processo psicológico de afloramento, não só de disposições culturais, mas também de conteúdos. Por trás da aparência de *tabula rasa*, de mente desprovida de qualquer conhecimento –

pretensiosa herança do empirismo inglês - sabemos que existem as profundezas da memória espiritual, da consciência subliminar de que tratou Frederic Myers. E apoiados no trabalho modelar de Myers e nas conquistas atuais da Psicanálise e da Parapsicologia, podemos, adicionando a essas contribuições o instrumental espírita, aplicar na educação um novo tipo de maiêutica socrática para *arrancar a verdade do fundo do poço*.

O Prof. Humberto Mariotti deixou isso bem claro em seu excelente trabalho. “Por trás de cada criança – escreveu ele – está o Ser com todos os seus graus de evolução palingenésica, pois para a Educação Espírita a infância é apenas uma etapa fugaz e cambiante e não uma condição permanente, espiritualmente considerada.”

Sugere ainda Mariotti que se promova *um tipo de mediunismo pedagógico*, ou seja, de aplicação dos recursos da mediunidade no campo da educação. Nas escolas espíritas, segundo entendo, a mediunidade seria posta a serviço da *orientação educacional*, contribuindo para esta com os esclarecimentos dos Espíritos Superiores sobre as condições diversas dos educandos, suas possibilidades no tocante às disposições culturais desenvolvidas em existências anteriores.

Mariotti, segundo penso, está encarando possibilidades futuras, mas é claro que essas antecipações teóricas são altamente benéficas, pois prepararam o caminho, como o fazem as hipóteses científicas, para o desenvolvimento mais rápido do trabalho. No momento, o importante é a elaboração da Psicologia Evolutiva da Infância e da Adolescência, logo seguida do trabalho de criação da Psicologia Espírita da Educação. Essas formulações teóricas, decorrentes das conquistas já realizadas pela Doutrina Espírita, em seu aspecto global, irão criar condições para as aplicações práticas previstas por Mariotti, que são válidas e necessárias.

Tarefas imediatas

Parece evidente que ainda não estamos em condições de enfrentar com segurança essas tarefas. Não obstante, elas se apresentam como imediatas, requerendo regime de urgência. Porque a Educação Espírita, como a Revista *Educação Espírita* demonstrou sobejamente, não é uma pretensão nem um sonho, mas uma realidade presente. A rede escolar espírita no Brasil é um fato concreto. E as escolas espíritas se multiplicam de tal maneira e com tal velocidade que não podemos ficar de braços cruzados ante a solicitação que nos fazem de formulação urgente de estrutura teórica capaz de orientar o ensino espírita com métodos apropriados.

Nossa falta de condições, portanto, decorre de graves deficiências do movimento espírita no campo cultural. Essas deficiências resultam de uma alarmante falta de compreensão da natureza e da finalidade do Espiritismo. No fundo, toda essa situação desastrosa provém da *preguiça mental* já denunciada pelos Espíritos através de comunicações mediúnicas, especialmente das recebidas por Chico Xavier.

Em *Seareiros de Volta*, livro de mensagens recebidas por Waldo Vieira, quando militava ao lado de Chico Xavier, encontramos na página intitulada *A conclusão da pesquisa*, ditada por Ignacio Bittencourt, esta revelação estarrecedora: “... entre todas as causas que dificultam a marcha da Nova Revelação na Terra, destaca-se, em posição de espetacular e doloroso relevo, a *preguiça mental*.”

A pesquisa que chegou a essa conclusão amarga foi realizada, segundo o espírito comunicante, por “Excelsos Dirigentes do Espiritismo nos planos superiores”, que se mostravam intrigados com as dificuldades do avanço necessário da Doutrina em nosso plano. E a conclusão a que chegaram esses pesquisadores espirituais confere visivelmente com o que nos é dado presenciar em nosso meio espírita, dominado pelo comodismo, pela busca de proveitos pessoais, pela indiferença cultural, pela falta de estudo sério e perseverante da Doutrina e – Deus nos acuda! – pela

oposição sistemática de certos grupos retrógrados a todas as iniciativas de desenvolvimento cultural do Espiritismo.

Essa revelação explica-nos também as razões ocultas desses grupos. Apegados a pretensos privilégios doutrinários, alardeando posição superior de compreensão da Doutrina e direitos sagrados de liderança, esses grupos se tornaram verdadeiros quistos de comodismo vaidoso, que entravam a marcha da Nova Revolução a pretexto de velar pela sua pureza.

Não tivemos, assim, oportunidade para criar em nosso meio um ambiente cultural capaz de nos dar, nesse momento, os especialistas de que necessitamos para a realização das tarefas urgentes que nos solicitam por todos os dados. Já é tempo de reagirmos contra essa situação aviltante. Espiritismo é cultura em marcha, civilização nova em perspectiva. Temos de criar condições para acordar os preguiçosos, sacudir os sonolentos, desmascarar os *analfabetos ilustres*, os demagogos que só sabem pavonear-se nas tribunas e nas publicações reacionárias. Temos de acabar com a praga da preguiça mental, hipocritamente disfarçada em modéstia, falta de recursos e outras desculpas descabidas. Precisamos estudar, queimar as pestanas, pesquisar, construir a Cultura Espírita em nossa terra. Ou faremos isso ou nada mais seremos do que beatos de um novo tipo, esperando de joelhos que o Céu faça por nós o que temos de fazer por nós mesmos.

FIM

Notas:

¹ Aturdir - perturbar a mente ou os sentidos, dificultar o raciocínio (de alguém ou de si próprio); atordoar(-se), estontear(-se), tontear(-se) (Dicionário Eletrônico Houaiss da língua Portuguesa v1.0)

-
- ² Jaeger, Werner – Paidéia, Fondo de Cultura Económico, México, primeira edição em um só volume, 1967.
 - ³ Marrou, Henri-Irénée – Historie de l'Education dans l'Antiquité quatrième edition, Seuil, Paris, 1958.
 - ⁴ Ditley, Wilhelm – Hombre y Mundo en los siglos XVI e XVII Fondo de Cultura Económica, segunda edición, México, 1947.
 - ⁵ Sartre, Jean Paul – L'Être et le Néant NRF, Gallimard, dix-huitième edition, Paris, 1949.
 - ⁶ Rougemont, Denis De – L'Aventure Occidentale de l'homme, Albin Michel, Paris, 1957.
 - ⁷ Murphy, John – Origines et Histoire des Religions, Payot, Paris, 1951.
 - ⁸ Vahl, Jean – Las Filosofías de la Existência, Vergara, Barcelona, 1956.
 - ⁹ Brubacher, John M. S. – Introdução: Filosofia de la Educación, Losada, tercera edición, Buenos Aires, 1956 (Kilpatrick, Bred, Horne, Adler).
 - ¹⁰ Adler, Mortimer J. – En de/ensa de la filosofía de la educación – in Filosofía de la Educación, supra.
 - ¹¹ Cannabrava, Euryalo – Elementos de Metodologia Filosófica, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1956.
 - ¹² Que ou o que não possui conhecimentos suficientes em determinado domínio; ignorante; que ou o que é simplório, ingênuo.